

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DAS RELAÇÕES POLÍTICAS**

JULIO MORGUETTI NETO

**O SACRIFÍCIO PELA *RES PUBLICA*: O PROCESSO DA RECEPÇÃO
EPISTOLOGRÁFICA CICERONIANA NAS CARTAS DE JOHN ADAMS
DURANTE A REVOLUÇÃO AMERICANA (1774-1777)**

VITÓRIA

2020

JULIO MORGUETTI NETO

**O SACRIFÍCIO PELA *RES PUBLICA*: O PROCESSO DA RECEPÇÃO
EPISTOLOGRÁFICA CICERONIANA NAS CARTAS DE JOHN ADAMS
DURANTE A REVOLUÇÃO AMERICANA (1774-1777)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Linha de Pesquisa: Representações e Ideias Políticas.

Orientadora: Prof. Dr. Leni Ribeiro Leite

VITÓRIA

2020

JULIO MORGUETTI NETO

**O SACRIFÍCIO PELA *RES PUBLICA*: O PROCESSO DA RECEPÇÃO
EPISTOLOGRÁFICA CICERONIANA NAS CARTAS DE JOHN ADAMS
DURANTE A REVOLUÇÃO AMERICANA (1774-1777)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Linha de Pesquisa: Representações e Ideias Políticas.

Orientadora: Prof. Dr. Leni Ribeiro Leite

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Leni Ribeiro Leite

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientadora

Prof. Dr. Adriana Pereira Campos

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular

Prof. Dr. Lorena Lopes da Costa

Universidade Federal do Oeste do Pará

Membro Titular

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Suplente

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Membro Suplente

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M847s Morgueti Neto, Julio, 1990-
O sacrifício pela res publica : o processo da recepção epistolográfica ciceroniana nas cartas de John Adams durante a Revolução Americana (1774-1777) / Julio Morgueti Neto. - 2020. 140 f.

Orientadora: Leni Ribeiro Leite.
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Estados Unidos - História - Revolução, 1775-1783. 2. História Intelectual. 3. Cartas. 4. Adams, John, 1735-1826. 5. Cícero, Marco Túlio, 106-43 A.C.. I. Leite, Leni Ribeiro. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho de fôlego precisa do amparo e da ajuda de outros; sem eles essa produção não seria possível. Começo agradecendo àqueles que foram os principais motivadores para este projeto, bem como os responsáveis por toda a sustentação de minha educação: meus pais Julio Roberto Morguetti e Adis Maria Alves de Oliveira Morguetti. Do mesmo modo, essa tarefa teria sido mais árdua sem a parceria de minha irmã Maria Julia Morguetti.

O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu no momento mais conturbado de minha vida: a descoberta de uma enfermidade que levou meu pai de minha família. As leituras iniciais foram realizadas conjuntamente a noites em hospitais, retribuindo o máximo que podia para aquele que me deu a vida. Estudava sob o olhar tenro e feliz de quem estava passando por uma situação crítica, mas que nunca me deixou desistir quando eu disse que não conseguiria devido a tudo o que passávamos. O resultado de minha aprovação para integrar o PPGHis – Ufes veio no dia de sua missa de sétimo dia. Mesmo não podendo receber o seu abraço apertado me parabenizando, sabia o quanto estaria feliz por mim e que todo o sacrifício feito teria sido válido. Entendi que aquele era o seu abraço por meu feito, como ele uma vez me falou: “carreiras, empregos, você terá vários, mas biografia você só tem uma”. Ele compreendia que aquele capítulo o qual iniciava tinha direta influência dele.

Não poderia deixar em segundo plano minha mãe, aquela que foi a inspiração de seguir a carreira da docência, a principal incentivadora para a continuidade de meus estudos, que sempre batalhou para construirmos tudo o que temos hoje. Uma mulher forte como apenas ela sabe ser, nos conduziu e ainda o faz para que possamos ser sempre a melhor versão de nós mesmos. Só tenho orgulho e admiração por tudo o que já fez e que ainda fará. Também se faz necessário escrever algumas linhas sobre minha irmã. Fomos o principal pilar de apoio um do outro por cerca de 6 anos enquanto morávamos juntos, sempre com conversas de incentivo e carinho. Ela é uma das pessoas mais centradas que conheço, nada a distrai de seu objetivo; gostaria eu de ter metade da determinação que ela apresenta. A força com a qual ela se apresentou em todo o tratamento de nosso pai só me leva a ter uma admiração eterna, estando diariamente acompanhando a situação dele, na linha de frente, algo que eu mesmo não sei se conseguiria fazer. Ela foi outra inspiração para eu levantar a cabeça e não desistir em tamanha adversidade que enfrentávamos

enquanto família. Além de meus pais e irmã, minhas tias Ana, Tata e Fia foram cruciais para minha formação enquanto pessoa. O carinho, atenção e dedicação despendido por elas, sem contar os diversos momentos de apoio, foram muito importantes para me manter focado. Mesmo estando um pouco distantes, elas sempre estiveram em meus pensamentos. Obrigado por tudo.

Agradeço a minha orientadora, Prof. Dr. Leni Ribeiro Leite, pela incrível maneira como me conduziu e me guiou para a realização deste trabalho. O compartilhar de seus conhecimentos foi imprescindível para a minha organização nesta pesquisa; sua compreensão e olhar humano com o qual me tratou desde a nossa primeira reunião me inspira a prosseguir em minha formação acadêmica e poder passar adiante tudo aquilo que pude aprender com ela.

Não poderia deixar de agradecer as contribuições da Prof. Dr. Lorena Lopes da Costa e Prof. Dr. Adriana Campos. Suas análises durante o processo de qualificação foram cruciais para o aperfeiçoamento deste trabalho; o cuidado e atenção que tiveram com o texto foram de imenso auxílio.

Agradeço a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo pela oportunidade concedida para o desenvolvimento de minha carreira. O trabalho das universidades federais, tanto de ensino, pesquisa e extensão, é crucial para o desenvolvimento deste país, em uma época de desmonte do ensino público acessível à população, bem como de constantes ataques à produção científica séria que é realizada em diversas universidades. Elas resistem bravamente a forças obscurantistas que apenas buscam benefícios para os que compactuam com tais atitudes espúrias. Apenas com nosso apoio e vigilância constante manteremos este patrimônio de nosso país. Portanto ficam registrados meus mais sinceros agradecimentos e todo apoio possível.

O longo caminhar da vida acadêmica se torna mais leve quando estamos bem acompanhados, e durante esse tempo estive na companhia das melhores pessoas que pude encontrar. Gostaria de agradecer diretamente ao grupo de pesquisa ao qual faço parte, *LIMES - Fronteiras interdisciplinares da Antiguidade e suas Representações*. Sem o apoio, as indicações, os debates e as leituras de todos os colegas durante nossas reuniões, este trabalho com certeza estaria incompleto. Agradeço especialmente a meu amigo Natan Henrique Taveira Baptista; sem ele a possibilidade de ter integrado este grupo de pesquisa

e ter conhecido nossa orientadora seria impossível. Obrigado por esses mais de 10 anos de amizade criada graças à universidade. Faz-se necessário registrar que outros amigos foram indispensáveis para o apoio na realização deste trabalho, e aqui os listo: André Luiz Gatti, Julio Cesar Costa e Silva, Diogo Tessarolo, Letícia Guasti, Yasmin Nolasco, Karolina Rocha, Hugo “Bacalhau” Ricardo Merlo, João Henrique Capucho, Tiago “Batata” Onofre, André Pacheco, Glícia Balestrassi, Aluísio Rodrigues, Pedro Passamani, Jorge Rafael Scocco, Prof. Dr. Fábio Muruci (aquele que despertou o desejo de estudar os Estados Unidos); aos colegas de trabalho, Elaine Cottini, Wanise Pittella, Tereza Cristina Valdetaro, Alba Valéria Silva, Roberta Estevam, Fernanda Valério, João Henrique Valdetaro, Vinicius Rodrigues, Juniano Vieira. A todos estes meu *muito obrigado* pelo apoio, dicas, risadas, conselhos. Essa jornada foi mais leve graças a vocês.

Por último, mas não menos importante, agradeço a minha companheira Vanessa Nunes Pirola. Sem seu amor e seu abraço ao longo destes anos, a tarefa teria sido muito mais penosa. Sua compreensão pelas noites e finais de semana que foram sacrificados para que eu pudesse estudar, sua compreensão e carinho são bases que me sustentam e me movem. Obrigado por me acompanhar e que nossa jornada prossiga para sempre.

Meus mais sinceros agradecimentos a todos aqui listados, todos contribuíram e apoiaram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O processo revolucionário estadunidense bem como os debates acerca da estruturação política do nascente Estado foi influenciado por uma série de questionamentos: o projeto do sistema político nascente, a disputa entre um poder centralizado ou uma confederação entre as antigas colônias, agora denominadas estados; e diversos outros complicadores. Todas essas indagações foram debatidas e influenciadas por uma série de provocações pertencentes ao século XVIII. Dentre uma delas, que pretendemos trazer a luz para a nossa pesquisa, encontra-se a Recepção Clássica grega e latina. Os elementos clássicos são formadores cruciais do aparato conceitual e cultural dos *founding fathers* americanos, tornando-se elementos de identificação cultural comum para a formação de um país sem uma unidade previamente estabelecida. A presença da cultura clássica grega e latina é a base de onde partirão elementos políticos, econômicos, sociais e culturais. Dentro desse campo, analisaremos mais profundamente como essa permanência de uma tradição retórica clássica ainda possuía impacto em pleno século XVIII americano, principalmente entre membros da elite política americana, como John Adams, nosso objeto de análise. Analisaremos como a influência ciceroniana marcava a produção de um dos *fundadores* americanos, inclusive no âmbito privado como a produção de suas cartas. Veremos como se constitui esse processo da recepção ciceroniana na produção epistolográfica de John Adams, especialmente as missivas a sua esposa Abigail Adams, tendo como contexto a participação do americano durante os eventos revolucionários, como o Congresso Continental (1774-1777). Para efetuar esse diálogo com a produção epistolográfica da antiguidade, bem como suas estruturas, analisaremos os conjuntos de cartas ciceronianas conhecidas como *Ad familiares* e *Ad atticum*, e aprofundamos nosso recorte para analisar, especificamente, as cartas de Cícero enquanto ausente de Roma devido aos problemas políticos de sua rixa com Clódio. Dessa forma, nosso objetivo é estabelecer esse diálogo entre as estruturas retóricas da composição epistolográfica entre ambos na formação de um *éthos* exílico por motivações políticas e de serviço a um ideal republicano.

Palavras-chave: John Adams. Marco Túlio Cícero. Revolução Americana. Epistolografia. Retórica. Recepção Clássica. Éthos.

ABSTRACT

The American revolutionary process, as well as the debates over the political foundations on the newborn State, lies on a series of questions; how it will be the political system; a contention over centralized power or a confederation among the former colonies; and other several complications. All these issues have been debated and influenced by a series of provocations belonging to the eighteenth century, one of them that brings ours attention on this work is about the Greek and Roman Classical Reception. These classic influences are crucial shapers on the cultural and conceptual apparatus of the American founding fathers, becoming principles of a common cultural identity for the formation of a nation without a previous established union. The presence of the Hellenic and Latin classic culture is one of the founding stone of political, economic, social and cultural structures. Over this matter, we seek to analyze how the permanence of a classic rhetoric tradition still had an impact in the late eighteenth century America, especially among the members of the American political elite, like John Adams, our main object of study. We will discuss how the ciceronian stylistic influenced the works of the American founders, including the private sphere of the letters and how this process of the ciceronian reception was constituted on the epistolary production of John Adams, especially in the letters exchanged with his wife Abigail Adams during the context of Continental Congress (1774-1777). To establish this dialogue with classic epistolary, as well as with his structures, we shed our attention to a certain group of Cicero's letters known as *Ad Familiares* and *Ad Atticum*, especially the letters during the time that Cicero was absent from Rome due to his political quarrel's with Clodius. Thus, our goal is to establish a dialogue between the rhetoric structures from the Epistolography compositions of both in pursuit of an exilic *ethos* due to political reasons and for service to the republican ideal.

Key words: John Adams. Marcus Tullius Cicero. American Revolution. Epistolography. Rhetoric. Classical Reception. Ethos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 COLOSSUS OF INDEPENDENCE: A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E POLÍTICA DE JOHN ADAMS NA REVOLUÇÃO AMERICANA	32
1.1 <i>CLASSICA AMERICANA: A TRADIÇÃO CLÁSSICA EM SOLO NORTE AMERICANO</i>	34
1.2 <i>A NEW ENGLAND CICERO? A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE JOHN ADAMS E SUA RELAÇÃO COM O PENSAMENTO CLÁSSICO GREGO E ROMANO</i>	46
2 ADAMS E CÍCERO: O PONTO DA RECEPÇÃO	67
2.1 ADAMS E CÍCERO: RETÓRICA E ORATÓRIA JURÍDICA	68
2.2 ADAMS E CÍCERO – POLÍTICA, REPUBLICANISMO E TEORIA DE GOVERNO MISTO	81
2.3 - ADAMS E CÍCERO: PARA ALÉM DO POLÍTICO E JURÍDICO	90
3 PHILADELPHIA-THESSALONICA: A CONSTRUÇÃO DE UM ÉTHOS DE EXILADO	93
3.1 EPISTOLOGRAFIA COMO FONTE DE ANÁLISE HISTÓRICA	93
3.2 AS DEFINIÇÕES DE EPISTOLOGRAFIA CLÁSSICA ROMANA E SEUS ECOS NA PRODUÇÃO DE CORRESPONDÊNCIAS NO ATLÂNTICO DO SÉCULO XVIII	97
3.3 AS CARTAS DE MARCO TÚLIO CÍCERO E JOHN ADAMS	106
3.4 JOHN ADAMS E O ESTILO CICERONIANO DE ESCRITA EPISTOLAR	109
3.5 AS CARTAS DE JOHN ADAMS PARA ABIGAIL ADAMS DURANTE O CONGRESSO CONTINENTAL DA FILADÉLFIA (1774-1778)	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar a produção epistolográfica de John Adams, um dos principais participantes da Revolução Americana, processo histórico que culminou com a independência das Treze Colônias dos domínios britânicos e a formação de um sistema republicano de governo. Buscamos relacionar como sua produção epistolográfica foi estabelecida através de alguns parâmetros propostos pela retórica, especialmente a influência de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C).

O estudo sobre os sujeitos que promoveram a Revolução se torna tão crucial quanto sobre o desenvolvimento da mesma. Muitas figuras são mais popularmente reconhecidas como Thomas Jefferson, George Washington ou Benjamin Franklin, porém uma que teve papel tão crucial quanto os citados, mas é talvez menos célebre, foi John Adams. Um dos principais representantes insurretos de Massachusetts, Adams iniciou sua carreira na advocacia às vésperas dos problemas com a Inglaterra. Dessa forma sua vida profissional foi sendo influenciada pelo processo revolucionário americano, se envolvendo desde os primeiros eventos contrários à dominação da Inglaterra, ainda no ano de 1761, participando das negociações de paz com o rei inglês em 1783, e seguindo uma trajetória enquanto político no recém-formado sistema republicano americano (THOMPSON, 2000, p. 6).

Um dos elementos acerca das produções de Adams em toda a sua carreira que mais nos chama atenção é a relação que o político americano tem com a obra de Cícero. Em diversos momentos de sua obra, desde citações em seu diário (BUTTERFIELD, 1961; 1966), até seus debates políticos e cartas pessoais (THOMPSON, 2000; FARRELL, 1995) percebemos a presença da influência de Cícero em seu trabalho. Como se fundamentou a dinâmica entre duas personalidades históricas tão distantes cronologicamente uma da outra foi a primeira inquietação por nós levantada. A Revolução Americana possui uma gama de referências, como muito bem nos apontou Bernard Bailyn em sua obra basilar *The ideological origins of the American Revolution* (1992), e partindo de suas contribuições identificamos a formação de uma cultura política¹ vasta e heterogênea, pois ao tratarmos de uma região recentemente povoada, como eram as colônias inglesas na América, a busca por símbolos e referências culturais e identitárias

¹ Conceito discutido por Serge Bernstein (1992), consistiria em um grupo de representações e normas que tem como objetivo aglutinar ideais políticos na busca de formação identitária.

se fazia necessária em aspectos que servissem como comuns aos homens e mulheres daquela época.

Entendemos que a construção dessa identidade americana passa pelo processo de diferenciação com o outro, dentro do processo de alteridade em que se busca marcar aqueles com que nos identificamos, ao mesmo tempo que excluimos aquilo com o que não queremos ser relacionados (WOODWARD, 2000, p. 9-10). Bailyn (1992) nos apresenta como se fundamentou esse jogo de relações promovidas pelos colonos americanos, por mais que a influência e a identidade inglesa se encontrem em vários pontos; a marca dessa diferenciação se dá em grande medida através de um elemento clássico: a necessidade de um governo republicano e democrático. O embate ideológico se fomenta nessas representações feitas sobre o “outro”, tendo no Império Britânico a representação da tirania, e a luta pela emancipação, formando uma república democrática, cujo ideal é a liberdade (CHARTIER, 2002, p. 17; WOODWARD, 2000, p. 47).

Como veremos, o ambiente cultural, social e intelectual no qual os *Pais Fundadores*² estavam inseridos possuía forte influência clássica, sendo elemento comum na busca dessa identidade. Essa presença servia para validar as aspirações políticas que suas próprias organizações necessitavam, ou dar sentido a unidade cultural, em que modelos, ideias e propostas fossem retiradas de uma mesma matriz comum, não apenas compreendida pelos membros mais atuantes e formalmente instruídos nos sistemas pedagógicos da época, mas com que também as populações não escolarizadas pudessem conhecer e se identificar (RICHARD, 1995, p. 39). Um destes elementos que serviram como ponto de conexão comum entre os homens, principalmente os letrados, do século XVIII e a antiguidade clássica, foi a retórica. A presença dos elementos da retórica clássica como sistema textual comum aos *fundadores* é um ponto importante ao buscarmos uma abordagem histórica sobre a Revolução e seus atores.

A partir da década de 1980, o trabalho historiográfico tem buscado renovações em suas abordagens, interagindo com outras áreas do saber, possibilitando a ampliação dos horizontes de compreensão sobre uma determinada temporalidade histórica. Dentro desse contexto de produção, o estudo da retórica tem retomado a atenção dos historiadores. Definimos *retórica* como na forma proposta por João Adolfo Hansen (2013, p.11-12):

² *Founding Fathers* é um termo utilizado para se referir aos principais homens que construíram o processo revolucionário americano bem como as bases da nova nação que se projetava. É um conceito utilizado desde a consolidação da república, não tendo uma conceituação muito específica ou até mesmo questionada.

Como técnica, ‘retórica’ relaciona-se à fala – não a qualquer, mas à inventada e ordenada segundo técnicas de escorrer ou discorrer com a eficácia persuasiva do falar bem definido como *bene dicendi* por Cícero e Quintiliano. Segunda coisa, entendo o termo ‘retórica’ com o sentido que tem na fórmula grega *tékhne rhetoriké*, ‘técnica retórica’, e na latina, *ars rhetorica*, ‘arte retórica’, em que é adjetivo, como em português, técnica *retórica*, não substantivo, *a Retórica*. Com o adjetivo, evita-se a ilusão da existência de um corpo unitário, fechado e acabado, como saber ou objeto positivo que apenas espera reconhecimento. Com a subtração do substantivo, também se elimina esse idealismo e ressalta-se a materialidade contingente das práticas que recorrem às técnicas retóricas.

Concordamos com Dominick LaCapra (2013, p.98) quando afirma que “teóricos recentes têm tentado renovar o entendimento da retórica tanto pelo inquérito histórico, com suas vicissitudes ao longo do tempo, quanto pela exploração do espaço entre o estatuto nobre e inferior atribuídos a ela”, levando, dessa forma, à promoção de novas interpretações motivadas pelas amplas possibilidades de análise que o estudo sobre a retórica propõe. A questão crucial que se apresenta é de que forma a retórica pode interagir com outros elementos do discurso nas diversas disciplinas. Abre-se assim a possibilidade de revisitar as antigas concepções da retórica sob a ótica das atuais análises discursivas e linguísticas, compreender os usos poéticos ou literários da linguagem, ou até mesmo desenvolver uma relação entre os estudos da recepção clássica tratando de problemas de persuasão e audiência através da definição aristotélica de retórica (LACAPRA, 2013, p. 98-99).

Entendemos que o processo da escrita historiográfica, assim como a própria compreensão acerca de determinada temporalidade, é atravessado pela nossa percepção sobre as formações discursivas, sendo a retórica um elemento fortemente presente na produção documental abordada pelos historiadores em determinadas épocas. Por essas possibilidades, concordamos com LaCapra quando ele aponta que

a renovação do problema da retórica pode tornar possível um melhor entendimento do complexo relacionamento entre os códigos e seu uso no que diz respeito não somente ao passado, mas ao discurso do próprio historiador. Ela pode, assim, fornecer descobertas mais importantes sobre a posição liminar entre “ciência” e “arte”, em que se encontra o trabalho do historiador — uma posição que não pode ser fixa para sempre, precisamente porque ela clama por uma reconceitualização recorrente (LACAPRA, 2013, p. 117).

A partir das propostas de ampliação das reflexões no campo historiográfico, um dos temas de interesse é a crise dos paradigmas e as relações entre o campo da história e da literatura (BERBERT JÚNIOR, 2017, p. 9). Mais do que novos achados, o campo da historiografia

deveria buscar novas leituras, trazendo à tona um modelo mais interativo discursivamente, promovendo o intercâmbio entre as esferas documentais e retóricas de sua construção, visto que questionar a busca por um objetivismo científico, supostamente praticado ao analisar o passado, não nos coloca num processo de relativismo (HUGHES, 1982, p. 245; LACAPRA, 2013, p. 101). Ao resgatarmos as abordagens sobre a retórica, defendemos que ela “possui outras funções no texto historiográfico que não somente a de abrigar elementos poéticos” (BERBERT JÚNIOR, 2017, p. 10).

A retórica tem raízes profundas no próprio processo de formação cultural romano, principalmente ligada à sua elite, sendo a catalisadora de aspectos sociais e culturais, por ser a base de seu processo de ensino (DOMINIK, 2012, p. 95). A transmissão desses elementos retóricos não se restringe apenas à Antiguidade romana, estendendo-se pelo medievo até um intenso resgate de suas estruturas mais clássicas com os humanistas durante o período moderno. Não podemos deixar de salientar “que o lugar da retórica — tanto o seu papel, quanto sua importância em um dado contexto —, bem como o seu relacionamento com outros campos de estudo (direito, filosofia, belas artes) também mudou desde os tempos clássicos” (SHOECK, 2017, p. 5).

Além do contato direto com as obras clássicas romanas, a leitura humanística moderna influenciou, dentro de uma relação dialógica, a assimilação do campo retórico para Adams, posicionando-o também nessa relação de intertextualidade que Schoeck apresenta:

A intertextualidade descreve — para usar a encantadora frase de Thomas Greene — o itinerário ou a genealogia de uma imagem complexa, de um conceito rebuscado ou de um texto, e talvez possa ser ela própria definida como “a presença estrutural” dentro de uma obra de “elementos saídos de obras mais antigas”; como Greene, com razão, observa: “já que a ideia de um texto literário que não carrega nada de seus predecessores é inconcebível, a intertextualidade é uma constante literária universal” (SHOECK, 2017, p. 5).

Ao nos depararmos com o desafio de trazer a retórica como elemento constituinte da escrita historiográfica, temos que levar em conta na análise a “função cultural da retórica em uma dada sociedade ou meio intelectual”, sem considerá-la como “apenas um ato linguístico ou de função pública”, tendo o seu papel na construção de textos literários como um elemento para agregar com o debate proposto nas mudanças no campo da historiografia (SCHOECK, 2017, p. 5).

Ao buscarmos outras perspectivas de análises, como a proposta do resgate da retórica e de seu amplo papel de atuação, podemos fundamentar alternativas à problemática da crise dos paradigmas, no que se refere ao papel da narrativa na escrita historiográfica (BERBERT JÚNIOR, 2017, p. 12). Nossa dissertação, ao discutir a recepção epistolográfica ciceroniana em John Adams, se insere nessa perspectiva de ampliação da função retórica para além dos textos centrais, debate esse que se (re)configura com as redescobertas das cartas de Cícero por Petrarca, contribuindo para “o desenvolvimento de estudos na área e para o estudo da forma, da proporção e do estilo” (SCHOECK, 2017, p. 7) sendo a *imitatio* um desses recursos.

Além da compreensão de que as estruturas da retórica clássica podem nos proporcionar uma possibilidade de melhor entendimento das relações sobre um processo de recepção clássica no século XVIII, ela nos abre a possibilidade de reflexão sobre a construção da nossa própria escrita historiográfica e de sua constituição de caráter narrativo. E, ao articularmos esse aspecto narrativo, entendemos que é necessário definir o papel que o *discurso* exprime nessa articulação entre recepção clássica e apreensão da construção historiográfica.

A retórica é mais um elemento para compreendermos a transformação de percepção promovida no século XVIII, nesse jogo entre antigos *versus* modernos. François Hartog discute, em algumas passagens de *Os antigos, o passado e o presente* (2003), a mudança dessa relação com a própria percepção sobre a História. Durante o Renascimento, a relação com os escritos sobre o passado vão se alterando em contraste com a forma como eram entendidas durante o medievo, e, no século XVI, vão formulando uma proposta de *aemulatio*³, termo que poderíamos traduzir como *emulação*. Esta, muito discutida na obra *O tratado da imitação* de Dionísio de Halicarnasso, do século I a.C, nas palavras de Thiago Saltarelli pode ser definida

conforme o faz o tradutor da versão que consultamos, como um esforço que leva o imitador a igualar, se não a ultrapassar, o próprio modelo, definição corroborada por Quintiliano, segundo o qual “só pela imitação não há crescimento”, pois “também serão celebrados aqueles que forem considerados como tendo superado os seus antecessores e ensinado os seus sucessores”⁴. Pode-se perceber, então, que no conceito de emulação encontram-se as noções de rivalidade e superação (SALTARELLI, 2009, p. 254-255).

³ Para maiores observações sobre a questão da *aemulatio*, cf. *Quint. Inst. Orat.* X. 1, 2, 5.

⁴ QUINTILIANO. *Institutiones oratoriae*, X, II, 9 e 28 apud DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Tratado da imitação*, p. 50.

Ao trazermos a retórica para o debate historiográfico, ainda mais com o objetivo de analisar dois contextos tão separados cronologicamente, resgatamos algumas discussões do velho debate *antigos versus modernos*. Hartog aponta que a partir desses debates com os antigos apresenta-se a ideia de *aemulatio*, no sentido de buscar fazer o que os antigos fizeram, porém melhor; desenvolve-se a ideia de progresso nas construções humanas; como se, ao produzir o novo a partir da análise do que já foi feito, estivéssemos sempre progredindo, aprendendo com os erros e acertos passados, assim podendo trilhar um caminho mais correto (HARTOG, 2003, p. 125). Dessa forma, promoveu-se a permanência da perspectiva da chamada *historia magistra vitae*, a “história como mestra da vida”, que ensinaria através de seus exemplos a não repetir erros do passado e a se espelhar em acertos desenvolvidos. Esse processo da modernidade vai produzir uma relação diferente daquela da Antiguidade sobre a percepção histórica, e a partir do século XVIII, tanto na França quanto nos Estados Unidos, em seus próprios processos revolucionários, o *tópos* da *historia magistra vitae* vai perdendo o seu espaço, dando abertura à percepção moderna sobre a história, a ser discutida no decorrer do século XIX. Adams se encontra no centro desse processo de ruptura, sendo um dos defensores desse *tópos* (HARTOG, 2003, p. 141; KOSELLECK, 2006).

Ao analisar essa perspectiva de como se encarava a influência, ou mesmo a utilização dos antigos como base de sua estruturação da realidade, Hartog determina que a Revolução Francesa teria sido a última querela entre antigos e modernos, e ele explicita isso ao dizer que:

Ao contrário do procedimento moderno do historiador, que postula e produz a diferença entre um passado e um presente, os revolucionários procuravam fazer com que o passado ‘viesse’ para o presente: invocavam-no, evocavam-no, convocavam-no na imediatez do presente, na urgência, senão na angústia. Ganhavam assim o poder de ‘reconhecer-se’, em Licurgo por exemplo, e desenvolviam também eles o *tópos* da *historia magistra vitae*. Ainda uma vez, não se tratava de imitar para reproduzir, mas de apelar aos antigos para que ajudasse, a dar forma ao seu próprio presente, a dizê-lo e a agir sobre ele, no preciso momento em que todas as balizas vacilam, sem se darem conta de que o próprio *topos* estava em vias de vacilar, ou que já vacilara, na Alemanha, nas reflexões dos historiadores (HARTOG, 2003, p. 144-145).

Ao concordarmos com as proposições de Hartog sobre a mudança na perspectiva histórica e a relação entre a modernidade e antiguidade, concordamos também em posicionar a própria Revolução Americana dentro dessa querela. A busca de elementos no passado grego e romano para balizarem as propostas dos *fundadores*, e que delimitaram os rumos

das concepções políticas, não apenas no âmbito das ideias, mas na própria proposta de participação do indivíduo enquanto ator político, se fazem fortemente presentes. Mesmo se concordássemos com a proposta de Bernard Bailyn (1992), de que as origens ideológicas da Revolução foram sustentadas no pensamento radical inglês do XVII e a crítica liberal *Whig*⁵ do início do XVIII, essas correntes também foram moldadas pela influência clássica helênica e latina, como Carl J. Richard (1995; 2009) já delimitou.

Encontramos outras dessas análises acerca dessas influências clássicas, especialmente na política, na obra do historiador britânico Quentin Skinner. Ao trabalhar sobre os elementos que formam o espectro político ao longo da modernidade, principalmente no que tange os debates localizados em contexto revolucionário inglês, aborda na obra *Liberty before Liberalism* (1998) o que ele denomina de *teoria neorromana*⁶, com os desdobramentos no pós Guerra Civil Inglesa (1642-1649). Inicia-se, naquele momento, intenso debate sobre as formas de governo e suas legitimações, como podem ser fundadas e mantidas sem ser apenas pela única e exclusiva autoridade de um monarca, com a possibilidade de um parlamento se configurar como a instituição que garantiria a legitimidade e funcionamento das instituições. Nas palavras do próprio autor

A teoria neorromana ganhou destaque no decorrer da Revolução inglesa de meados do século XVII. Posteriormente foi usada para atacar a oligarquia governamental britânica e, mais a frente, para defender a revolução organizada por colonos americanos contra a coroa britânica⁷ (SKINNER, 1998, p. ix).

Ao levantar a questão sobre as definições de ‘liberdade’ que eram propostas no contexto setecentista inglês, Skinner destaca o debate da liberdade entendida através da concepção *neorromana*, baseada no vasto arcabouço clássico à disposição, sendo, também, os analistas políticos e jurídicos do Renascimento, tais como Maquiavel, grandes referências dentro do debate. Em oposição a essa ideia *neorromana*, vinha se constituindo uma proposta que criticava a tentativa de resgatar essa valorização clássica, partindo dela para uma nova formulação que acabaria ficando entendida como *Liberalismo*. O centro da polêmica girava em torno da questão: a liberdade poderia ser alcançada de uma maneira

⁵ Termo popular desenvolvido ao final do século XVII para designar o partido Liberal no contexto das nascentes disputas no Parlamento britânico. Esse termo é presente na semântica política americana até meados do século XIX (LEACH, 2015, p. 32-34).

⁶ *Neo-roman theory*, em tradução livre.

⁷ *The neo-roman theory rose to prominence in the course of the English revolution of the mid-seventeenth century. Later it was used to attack the ruling oligarchy of eighteenth-century Britain, and still later to defend the revolution mounted by the American colonists against the British crown* (SKINNER, 1998, p. ix).

individualizada, como propuseram os primeiros “liberais”, ou essa liberdade só poderia ser alcançada quando o Estado-Nação⁸ fosse livre e os cidadãos pudessem participar de suas escolhas (SKINNER, 1998, p. 60)?

Ao longo de toda a obra, Skinner vai demonstrando os argumentos utilizados por ambos os lados, na defesa da aplicação da teoria *neorromana* de liberdade e participação política, bem como a crítica sobre os vícios e perigos em seguir essa proposta. Nosso objetivo, ao trazer essa obra para nosso argumento, é evidenciar como o discurso político, no século XVII, ainda girava em torno das propostas elaboradas pela literatura clássica. Mesmo tendo a crítica e a formulação de uma construção política e histórica sobre a melhor definição de “liberdade”, o conhecimento e uso dos argumentos clássicos se faz necessário, ainda que seja para uma contraposição de sua proposta, isto é, a raiz desse problema passa pela análise dos clássicos. Dessa forma, a abordagem que Bailyn propôs não pode ser descartada, mas pode ser ampliada pela compreensão de como o debate radical inglês na virada para o século XVIII trouxe à luz as proposições políticas e filosóficas levantadas por helenos e romanos, como argumenta Skinner (1998).

A complexidade desse debate entre *antigos vs. Modernos*, levantada por Hartog e Skinner, está no centro das discussões da Revolução Americana. Na busca por trazer um olhar ao nosso trabalho que trate dessas prolíficas relações, voltamos nossa atenção para as propostas da Recepção Clássica, especialmente através das contribuições de Charles Martindale, inicialmente na obra *Reedeming the text: Latin poetry and the hermeneutics of Reception* (1993). Um dos nossos objetivos com este trabalho é melhor compreender como estes Estudos da Recepção podem contribuir para uma ampliação de nossa compreensão historiográfica; nas palavras de Anderson Vargas “o que faço aqui, e tenho tentado fazer em meus trabalhos recentes, é estender as ideias dessa “versão historicizante” (MARTINDALE, 1993, p. 6-7) da Estética da Recepção para a investigação histórica, e para a História da Recepção da Antiguidade em particular” (VARGAS, 2019, p. 7).

Ao tecermos considerações sobre a possibilidade do trabalho historiográfico através do resgate de categorias retóricas, estamos, também, debatendo dentro da concepção de uma escrita da história narrativa. E ao nos posicionarmos no seio desse debate acerca da

⁸ Usamos “Estado-Nação” como uma forma de tradução para o termo *Commonwealth* apresentado por Skinner e que foi utilizado por Thomas Hobbes.

narratividade historiográfica, suscitamos a importância da interpretação como elemento central na urdidura do discurso histórico, e sobre essa interpretação concordamos com Hayden White ao expor que:

Os teóricos da historiografia geralmente concordam em que todas narrativas históricas contêm um elemento de interpretação irredutível e inexpugnável. O historiador deve interpretar a sua matéria a fim de construir o padrão que irá produzir as imagens em que deve refletir-se a forma do processo histórico. [...] O historiador precisa “interpretar” o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações. Uma narrativa histórica [...] é uma representação que é uma interpretação [...]” (WHITE, 1994, p. 65).

Ao colocarmos que a interpretação é um elemento central na formulação do trabalho de escrita da história, é necessário discutir como se dá essa definição dos sentidos, com o próprio exemplo das contribuições que a retórica pode fornecer. Sendo assim, poderíamos argumentar junto com Charles Martindale que “a interpretação de textos é inseparável da história de sua recepção⁹” (MARTINDALE, 1993, p. xiii). Dessa forma, o ponto fulcral de toda a nossa argumentação nessa dissertação gira sobre o entendimento de uma *Teoria da Recepção* conectada diretamente com a atividade do trabalho historiográfico, contribuindo para o aprofundamento de nossa apreensão sobre algum período passado.

Com o desenvolvimento de nossa pesquisa, buscamos contribuir para os estudos sobre a formação do pensamento político norte-americano, inserindo-nos nos *Estudos de Recepção Clássica*. A origem do conceito de *recepção* é derivada de um questionamento acerca da interpretação dos textos clássicos, inquietações essas que foram levantadas através do trabalho de Hans Robert Jauss, *Toward an Aesthetic of Reception* (1982). Jauss desenvolve a ideia de uma *estética da recepção*, apontando que o leitor possui um papel central na formação do sentido em uma determinada obra, apresentando uma determinada “resposta estética dos leitores no presente (em qualquer presente de leitura)” (MARTINDALE, 2006, p. 3). Partindo do entendimento sobre o texto e sobre as formas que ele é compreendido, uma Teoria da Recepção rejeitaria a existência de um texto único, original e fixo, que poderia ser examinado ou compreendido em sua forma “pura”; dessa maneira, um estudo de Recepção Clássica passaria pela forma como o mundo clássico seria “recebido” em séculos subsequentes (BAKOGIANNI, 2016, p. 97). O ato de ler é também o de interpretar, já que as palavras por si mesmas não possuem um sentido

⁹ [...] *the interpretation of texts is inseparable from the history of their reception* (MARTINDALE, 1993, p. xiii).

pré-definido. Isso significa que certas palavras, expressões, têm o seu sentido modificado de acordo com o contexto e o local em que são empregados. Sendo assim,

A leitura e a interpretação podem ser pensadas, portanto, tanto como campo de tensão como enquanto um processo dialógico, intersubjetivo, mas também social. Acreditarmos na possibilidade de uma leitura pura e “mais verdadeira” seria negar a historicidade e limitação de nosso próprio conhecimento (VOGT, 2010, p. 2-3).

As concepções propostas por Jauss, para um aprofundamento da teoria literária, visavam analisar o processo de cisão entre história e literatura, e, ao posicionar o leitor como um centro ativo nesse processo de configuração dos sentidos, a *Estética da Recepção* seria “a reabilitação da historicidade da literatura, com o fim do abismo entre o histórico e o estético” (VOGT, 2010, p. 6). Colocando o leitor como o centro desse processo de Recepção, o entendimento sobre a história, bem como o seu trabalho de escrita, se faz contingencial, e a interpretação não poderia ser desvinculada de seu contexto. Assim Jauss propõe um diálogo de sua análise com a proposta hermenêutica de Gadamer, tornando a Estética da Recepção uma atividade interdisciplinar (VOGT, 2010, p. 6).

A leitura não ocorre apenas de forma subjetiva e pessoal, mas se constitui dentro de um espectro social, permeado por seus pré-entendimentos e pelas expectativas que o leitor posiciona sobre a obra, ocorrendo o que poderíamos chamar de uma “fusão de horizontes” (JAUSS, 1994, p. 28; GADAMER, 1989, p. 82). Jauss é um dos fundadores desses estudos sobre a compreensão no processo de leitura e formulação de sentido, relacionando as análises feitas sobre história e literatura, e, a partir da década de 1990, esses estudos ganharam um novo fôlego com o trabalho de Charles Martindale (VOGT, 2010, p. 12; MARTINDALE, 2013, p. 169).

A obra *Redeeming the Text* (1993) de Charles Martindale se tornou uma das principais bases para a definição e expansão desse campo de trabalho, trazendo as análises sobre Recepção para o campo dos estudos clássicos, desenvolvendo a Recepção Clássica como uma transdisciplina, podendo circular por diversas áreas e contestando a própria definição do que é clássico como algo delimitado, onde poderíamos ver seus limites de forma clara e que poderíamos compreender sua essência natural, nos seus próprios termos (MARTINDALE, 2006, p. 1-2). Na análise de um texto do período clássico, seu sentido ‘como foi pensado’ é inalcançável, uma vez que textos possuem sentidos diferentes em diferentes situações (MARTINDALE, 2006, p. 4). A complexa cadeia de recepções que uma obra pode ter possui o efeito de que um texto pode ser analisado e reinterpretado de

diversas maneiras, em diversos contextos. Para ficarmos em apenas um exemplo, muitos dos nossos entendimentos, conceituações, sobre produções da Antiguidade Clássica nos advêm de pensadores e filósofos do período Renascentista e, também, por filólogos do século XIX (MARTINDALE, 2006, p. 6). Ao trabalhar com a Teoria da Recepção proposta por Martindale, deve-se entender que as noções de passado e de presente estão imbricadas. Isso se torna uma cadeia de interconexões mais complexas, principalmente quando o objeto de análise não é contemporâneo ao analista, como estamos fazendo ao buscarmos analisar a Recepção do pensamento da Antiguidade clássica latina nas obras de John Adams.

Mesmo sendo um debate que tenha começado ao final dos anos 1960, o próprio uso do termo *recepção* ainda gera discordância entre os acadêmicos. Martindale aponta essa discussão sobre quais termos se deveria utilizar ao invés de *recepção*. Alguns autores como Simon Goldhill (2002) apontam que seria um termo “passivo” na sua aplicação. Porém Martindale (2006, p. 11) defende seu uso:

Vale a pena lembrar que Recepção foi escolhida, no lugar de palavras como “Tradição” ou “Herança”, precisamente para evidenciar o papel ativo desempenhado pelos receptores. Recepção pode servir ao interesse de um maior alcance destes receptores do que os clássicos reconhecidos tradicionalmente, ao recuperar ou resgatar diversas Recepções. Nesse sentido, poderia ser uma política igualitária da Recepção.¹⁰

Utilizaremos a definição de *recepção* proposta por Martindale justamente por evidenciar um papel ativo do receptor na construção de um entendimento da obra clássica em seu determinado contexto. Por desenvolvermos um trabalho no campo historiográfico, não podemos excluir que o receptor é pertencente ao seu presente, logo ele compreende as informações transmitidas por uma obra da Antiguidade clássica de acordo com as ferramentas e conceituações de sua própria época, qualquer que ela seja.

Além de *recepção*, o termo *Tradição Clássica* tem amplo uso por vários acadêmicos norte-americanos, tratando das influências da Antiguidade em pensadores e obras em um determinado recorte temporal. Não excluiremos a possibilidade de uso desse termo, porém não o utilizaremos com o sentido de forma de transmissão direta da cultura clássica

¹⁰ *It is worth remembering that reception was chosen, in place of words like “tradition” or “heritage,” precisely to stress the active role played by receivers. Reception can still serve the interests of a wider range of those receivers than classics has traditionally acknowledged, by recovering or rescuing diverse receptions. In that sense there could be said to be an egalitarian politics of reception (MARTINDALE, 2006, p. 11)*

através dos tempos, como uma influência ou um legado, o que geraria uma interpretação de que as obras clássicas possuíam um sentido que pudesse ser passado adiante, inalterado ou puro (HARDWICK; STRAY, 2008, p. 4). A forma por que pretendemos utilizar o conceito de Tradição Clássica é o utilizado por Felix Budelman e Johannes Haubold (2008). Esses termos tendem a se sobrepor, mesmo que, para os britânicos, o termo *recepção* seja o menos problemático dos dois (BUDELMAN; HAUBOLD, 2008, p. 14); porém tradição e recepção podem andar juntas e mutuamente realçarem uma a outra. Devemos manter o uso de *tradição* em vista, mesmo quando trabalhamos com *recepção*. Sendo mais direto, “*tradição* não deve ser invocada, defendida ou atacada como uma ideia platônica, mas deve ser vista como uma ferramenta flexível para sugerir novas perspectivas, em diferentes ocasiões e formas. O conceito está aí para ser utilizado” (BUDELMAN; HAUBOLD, 2008, p. 25).¹¹ Sobre essa aplicação de uma forma ampla do entendimento sobre os usos do termo tradição, Martindale concorda que

Se nós retermos a noção de tradição como algo útil, mas reconstruí-la como plural, as concepções do que é racional e valioso irão mudar *dentro* da mesma tradição assim como entre tradições diferentes. Em suma, a noção de tradição – devido as diferenças dentro do termo – pode facilmente ser desestabilizada, e só pode ser mantida, tal qual como todas as outras descrições, por ‘um ato de vontade’. No entanto, nós podemos decidir por reter a noção, em bases pragmáticas, devido ao seu caráter empoderador. O que importaria não seria se uma tradição de fato existe, mas se as pessoas seriam aptas a se posicionarem dentro do que elas veem como modos comensuráveis de investigação¹² (MARTINDALE, 1993, p. 29).

A proposta de Martindale era desenvolver uma *Teoria da Recepção* que envolvesse um processo maior, não apenas pela apreensão do senso estético como Jauss apontava. Para tal, ele trouxe à luz um conceito de Derrida não muito explorado pelo alemão, que seria o da operação de *différance*, que, na explicação de Martindale “[...] combina a ideia de *difference* (o sentido é um efeito do contraste entre signos) e *deferral* (o sentido sempre resiste ao seu fechamento, um final – ou originário – sentido, justamente porque signos

¹¹ *In the study of reception as indeed elsewhere, ‘tradition’ should not be invoked, defended or attacked as a Platonic idea, but should be seen as a pliable tool for suggesting new perspectives, in different ways on different occasions. The concept is there for the taking* (BUDELMAN; HAUBOLD, 2008, p. 25).

¹² *If we retain the notion of tradition as a useful one but reconstrue it as plural, the conceptions of what is rational and valuable will change within the same tradition as well as between different traditions. In sum the notion of tradition – because of the differences within the term – can easily be destabilized, and can only be sustained, like all other such descriptions, by ‘an act of will’. Nonetheless, we may decide to retain the notion, on pragmatic grounds, because of its empowering character. What matters will then be not whether a tradition really exists, but whether people are able to position themselves within what they see as commensurable modes of enquiry* (MARTINDALE, 1993, p. 29).

nunca permanecem os mesmos)¹³” (MARTINDALE, 1993, p. 7). Dessa forma o classicista britânico desenvolve sua tese do que seria uma *Teoria da Recepção* mas estruturada da seguinte maneira:

[...] nossas atuais interpretações de textos antigos, quer ou não nós percebamos isso, são, de formas complexas, construídas por correntes de recepções através da qual sua contínua legibilidade foi efetuada. Como um resultado, nós não podemos retornar a um sentido originário completamente livre de acreções subsequentes. O sentido é produzido e trocado socialmente e discursivamente, e é a realidade da leitura, mesmo em uma sociedade como a nossa, na qual se tornou, em maior ou menor grau, uma atividade ‘privada’. Para ser lido, um texto tem que se fazer *legível*, em um processo complexo que começa com a aculturação das crianças e continua através de instituições educacionais até grupos interpretativos mais amplos¹⁴ (MARTINDALE, 1993, p. 7-8).

Analisar essa *corrente de recepções* é algo que requer um cuidado sobre a forma como se abordam as diferentes maneiras por que essas recepções foram construídas. Martindale aponta sobre a “versão historicizada da teoria da recepção de Jauss” (1993, p. 9) acerca do exagero que o alemão promove sobre a busca dos leitores anteriores em um processo de recepção, criando uma espécie de linha de leitura, como se, se descobríssemos a ordem em que esses autores fossem sendo conectados à obra em análise, descobriríamos o sentido originário, como se fosse transmitido de um para o outro, gerando um específico positivismo sobre essa análise que o mesmo acabava por tentar combater. Além desse ponto, requer atenção a exagerada ênfase sobre as conformidades de leitura em um determinado período. Martindale comenta sobre o cuidado acerca da delimitação do período de análise, sendo que, muitas vezes, damos esse enquadramento como algo estabelecido, eliminando possíveis variações que podem ocorrer de um lugar para outro, algo que o britânico chama de “ideologia da periodização” (MARTINDALE, 1993, p. 10). Assim, a proposta de leitura que ele estabelece é que “[...] a identidade de um período é intrinsecamente conectada com as políticas culturais de leitura; *um período é*

¹³ [...] combines the idea of difference (meaning is a effect of the contrast between signs) and deferral (meaning always resist closure, a final – or originary – meaning, because signs never stand still). (MARTINDALE, 1993, p. 7)

¹⁴ [...] our current interpretations of ancient texts, wheter or not we are aware of it, are, in complex ways, constructed by the chain of receptions through which their continued readability has been effected. As a result we cannot get back to any originary meaning wholly free of subsequent accretions. Meaning is produced and exchanged socially and discursively, and this is true of reading, even in a society like ours, in which it has become, to a greater or lesser degree, a ‘private’ activity. In order to be read, a text has to be made **readable**, in a complex process which begins with the acculturation of children and continues through educational institutions to wider interpretative groups (MARTINDALE, 1993, p. 7-8).

*reconhecido como tal apenas no ponto da recepção*¹⁵” (MARTINDALE, 1993, p. 9). Para evitar a crítica de que todas as interpretações seriam válidas, Jauss acaba recorrendo ao apelo do “veredito do tempo”, em que um sentido acabou sendo estabelecido pela sua permanência ao longo das eras, constituindo uma certa canonicidade, reafirmando esse seu sentido por si mesmo ao longo da “fusão de horizontes”; dessa forma a recepção, para Jauss, acabaria sendo construída de uma maneira aristotélica, racionalizada a um molde da modernidade, ao invés de ser historicamente contingencial, sendo esse o ponto no qual o pensamento de Martindale se desconecta da proposta de Jauss (MARTINDALE, 1993, p. 10).

A partir dessas colocações a pergunta que se levanta é: de que maneira podemos delimitar essa recepção enquanto historicamente contingencial, enquadrando o contexto em que pretendemos analisar à maneira em que esse processo acontece? A resposta que Martindale propõe não é uma definição dada prontamente estabelecida, mas construída também por nós, os leitores. Todo texto é re-descritível e constantemente re-legível de diversas maneiras e está em constante produção de si mesmo. E quando críticos e acadêmicos buscam estabelecer bases sólidas para definir a interpretação desse sentido, seja por autor, contexto histórico, a forma como for, essas delimitações se tornam tão problemáticas quanto o texto analisado em si, já que as definições dependem de outros textos e se constituem como bases não sólidas de argumentação. Contextos não são únicos ou encontrados como estão, são também construções, logo, interpretados (MARTINDALE, 1993, p. 13).

Não existe forma não mediada de acesso a realidade. Nós assim a fazemos devido aos códigos que construímos e os utilizamos para a realização desse procedimento de compreensão e interpretação. Martindale se apoia em Derrida para dizer que “não existe um texto exterior” (MARTINDALE, 1993, p. 14), e como todo texto possui a capacidade de se resignificar, garante também a sua iterabilidade, a possibilidade do signo ser sempre outro na sua mesmidade, bem como a sua citacionalidade, sendo o signo retirado de seu contexto dito original ocorrendo de ser deslocado para outro, produzindo um significado alternativo. Essas concepções, baseadas em Derrida, e sobre nossa interpretação do que Martindale propõe, nos levam a pensar que cada análise se tornaria uma intervenção dentro de um campo intertextual. Mais do que buscar uma estabilização de sentidos, seria

¹⁵ [...] *the identity of a period is intricately connected with the cultural politics of reading; a period is recognized as such only at the point of reception* (MARTINDALE, 1993, p. 9).

mais eficaz entendermos as relações entre essas produções textuais, se atentado para a constante movimentação das ‘fusões de horizontes’, e que esses sentidos são sempre produzidos no ponto da recepção (DERRIDA, 1988, p. 12; MARTINDALE, 1993, p. 15-17).

Ao trazer esse debate para o campo historiográfico, concordamos com a definição que Martindale propõe de que a história pode ser vista como “[...] socialmente incorporada, uma prática socialmente negociada, construída discursivamente [...]”, logo “[...] não existe acesso independente à ‘realidade’ histórica fora dos discursos que a constituem [...]” e aqui entendemos discursos através de uma concepção abrangente como proposta por Foucault, como exposto anteriormente (MARTINDALE, 1993, p. 18; 20). Ao definir a história, Martindale se aproxima de Hayden White com relação à prática da escrita da história, porém entendendo-a como um elemento do desenvolvimento dessas correntes de recepção. A organização da escrita da história, para White, necessitaria da construção de uma trama para organizar as “ficções das representações factuais”, mas que essas representações factuais, os fatos em si, também são apresentados na forma de uma interpretação particular, já que acessamos o passado através de traços (pode se usar ‘textos’ aqui também) e que são constituídos discursivamente (MARTINDALE, 1993, p. 20-21; WHITE, 1994, p. 99).

Quando Martindale propõe colocar suas concepções em diálogo com as propostas de White, como em “sobre esta visão retórica, dentro da prática de White, é mais uma vez privilegiada sobre a lógica e a filosofia, e a história subordinada a retórica, enquanto o estilo se transforma inseparável do sentido” (MARTINDALE, 1993, p. 21) ele nos fornece o entendimento de que o processo da recepção se constitui historicamente na forma de um mosaico de vozes. As críticas feitas a White sobre o seu suposto abandono da ‘verdade’ e que seu trabalho permite um perigoso relativismo não se sustentam quando incorporamos as contribuições de Martindale ao trabalho do americano. O ponto é que não são todas as narrativas históricas que seriam igualmente válidas, mas que seriam igualmente *retóricas*, não sendo uma busca por um decodificar para encontrar uma verdade definida sob a égide de um pensamento moderno científico, mas que seria um encontro dessas vozes dissonantes que compõem um fragmento sobre a apreensão histórica, só podendo ser compreendida sob aquela forma no ponto da recepção. Não se trata de uma definição fechada sobre aquela interpretação, mas mais uma que compõe a exposição sobre aquele período (MARTINDALE, 1993, p. 30-32).

Portanto, o presente trabalho busca inserir as contribuições de Martindale para a pesquisa historiográfica, no tocante a trazermos as abordagens sobre recepção enquanto estratégia de melhor compreensão sobre uma realidade histórica que se constitui discursivamente através dos traços remanescentes de um passado. Nosso trabalho busca compreender como a elaboração epistolográfica do século XVIII, no caso as cartas de John Adams para sua esposa, ainda possuía fragmentos da Antiguidade clássica latina, principalmente do estilo epistolográfico ciceroniano, mas não num sentido de uma simples transmissão, mas em diálogo com os diferentes contextos e, dessa forma, a nossa própria construção de como se estruturava a produção de cartas na Antiguidade é afetada pelas produções subsequentes. É um processo que corre em duas vias, trazendo novas relações sobre a antiguidade bem como a modernidade, como quer Martindale ao afirmar que “[...] os trabalhos da antiguidade vêm a significar diferente sobre diferentes condições modernas [e os acadêmicos enquanto um importante componente na recepção, também desenvolve seu papel aqui] (MARTINDALE, 2013, p. 171)¹⁶.

Entendemos que ao trabalhar com a proposta da Recepção Clássica, estamos lidando, necessariamente, com formações discursivas. A própria noção de discurso é amplamente debatida nos meios acadêmicos, e quando buscamos analisar de uma maneira historiográfica esses mecanismos da Recepção, nos deparamos com as proposições acerca da heterogeneidade do discurso. Segundo Helena Brandão (2013, p. 27)

[...] Se no interior de um discurso há elementos vindos de outro lugar, de outros discursos, por que um discurso não existe sozinho, ao contrário está em constante interação com outros discursos, toda formação discursiva é um sistema de dispersão que se define em sua relação paradoxal com outras formações discursivas que a atravessam trazendo o outro (alteridade) para o seu interior, o mesmo[...]

Logo, a compreensão das enunciações não se fará de maneira monológica, em que o ato de compreensão se transmite apenas através do autor para o leitor, mas também da sua interação social, histórica, inscrita em um determinado tempo histórico. O debate aberto pelo chamado *linguistic turn*¹⁷ teve impacto em diversas áreas das ciências humanas,

¹⁶ Os estudos acerca da Recepção Clássica têm se expandido no Brasil, algumas obras de grande relevância que nos influenciaram para o desenvolvimento dessa pesquisa foram: DABDAB TRABULSI, J. A. *L'Antique et le Contemporain*. 1. ed. Besançon: PUFC, 2009; DABDAB TRABULSI, J. A. *Le Present dans le Passé*. 1. ed. Besançon: PUFC, 2011; LOPES DA COSTA, Lorena. *Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a História*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2018. v. 1. SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944)*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007. 222p.

¹⁷ As inserções dos debates da linguística sobre a definição de Discurso atravessaram o campo histórico, propondo novas abordagens e análises, ampliando a possibilidade de compreensão da historicidade. E nesse

especialmente a História, já que trouxe uma série de novos conceitos e proposições ao trabalho historiográfico. Seguindo essa premissa de que o Discurso é um elemento presente na formação da compreensão de sentido e de escrita da História, entendemos que ele possa ser caracterizado como

um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põe em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante (FOUCAULT, 1999, p. 49).

A visão de que Foucault trata em *A ordem do discurso* vem, junto com a de Barthes, promover um debate dentro dos questionamentos promovidos pela *linguistic turn* e que influenciarão nas discussões sobre a compreensão e escrita da história. Partindo dessas premissas, em Foucault, *discurso* designa “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras e funcionamentos comuns” (REVEL, 2005, p. 38). Foucault acaba se posicionando num debate que se coloca na intersecção entre o campo da linguística e da produção historiográfica e, assim, apresenta uma preocupação com as condições de emergência desses enunciados. Para além de uma simples análise linguística, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999, p.10).

A nossa pesquisa não se encaminha, totalmente, na mesma direção de aprofundamento do debate que Foucault desenvolve sobre os mecanismos de controle do discurso, os quais ele divide em procedimentos extrínsecos e procedimentos intrínsecos, entre os que limitam seus poderes (a palavra proibida, a segregação da loucura, a vontade da verdade), os que dominam suas aparições aleatórias (o comentários, o autor, as disciplinas), os que selecionam os sujeitos que falam (o ritual, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários, as apropriações sociais). Nosso trabalho, ao se basear nas questões levantadas por Foucault, se constrói no sentido de compreender como se dá essa apropriação do discurso e sua transformação num contexto diferente do qual ele foi produzido. Utilizamos sua definição de *discurso* com o intuito de buscar a melhor análise sobre a própria prática de uma escrita historiográfica e sua interação com uma Teoria da Recepção, principalmente devido às características das fontes que trabalharemos, as obras epistolares, tanto de Cícero quanto de Adams.

debate, abriu-se uma disputa sobre a escrita da história, assim, levantando-se o questionamento se uma narrativa histórica seria diferente de uma narrativa romanesca ou literária (BARTHES, 2004, p. 165).

Entendemos que as fontes epistolares são uma formação discursiva, podendo então ser entendida como um *gênero do discurso* de acordo com a concepção de Maingueneau (2004). Para este teórico, os gêneros do discurso podem ser entendidos como “dispositivos de comunicação socio-historicamente definidos e que são concebidos habitualmente com a ajuda das metáforas do ‘contrato’, do ‘ritual’ ou do ‘jogo’” (MAINGUENEAU, 2004, p. 234). Sendo uma formação de comunicação elaborada por elementos linguísticos e situacionais, tanto as formas enunciativas e as marcas textuais quanto os atores, os meios e as situações são relevantes para a formação discursiva.

Portanto, a partir dessas definições, retomamos o que Barthes havia proposto ao analisar as proximidades do discurso literário com o discurso histórico e sua possibilidade do ‘real’ nos ensaios “O discurso histórico” e “O efeito de real”. Apoiamo-nos na exposição apresentada por Lúcia Militz da Costa:

Assim analisável, como um discurso que permeia explicitamente a voz de um emissor com enunciado, o discurso histórico constitui-se numa elaboração muito mais ideológica ou imaginária do que “verdadeira”. Reunindo e organizando mais significantes do que fatos, o historiador constrói um discurso no qual os fatos têm existência linguística, não podendo, portanto, ser encarados como cópia pura e simples de uma outra existência, situada em um campo extra-estrutural que é o “real”. A produção do sentido ou da verdade do discurso histórico não advém, pois, da reprodução fiel dos eventos decorridos na esfera do real, mas da estrutura própria da linguagem que os articula, ou seja, das relações que conectam entre si as unidades de significação, imbricadas dentro do tecido linguístico da narrativa (COSTA, 1993, p. 29).

Entendemos que a recepção é uma relação de diálogo entre temporalidades diferentes. O sentido de uma tradição clássica é remodelado em um determinado tempo histórico diferente, por mecanismos, conceituações da própria época em que está sendo recepcionado. Para melhor compreensão do que queremos dizer através dessa relação da recepção e sua conceituação em um “tempo histórico” diferente, apoiaremos-nos nas concepções desenvolvidas por Reinhart Koselleck (2006).

Koselleck (2006, p. 14) assim trata a definição de um tempo histórico: “caso o conceito tenha mesmo um sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações”. Mas ele não crê que o tempo histórico seja uma determinação fechada em si, como se seus limites já fossem algo bem delimitado e que podemos recortar e analisar de uma maneira vertical. O tempo histórico é definido por uma relação entre diversos tempos, sobrepostos uns aos outros. Portanto, a construção de sua ideia de temporalidade

histórica se aproxima da maneira como abordamos a concepção de recepção, como uma série de textos e interpretações que se sobrepõem. Koselleck ainda parte da ideia de que uma experiência temporal se manifesta através da linguagem, explícita ou implicitamente, como em um determinado tempo presente, uma dimensão temporal do passado se relaciona de forma recíproca com a dimensão temporal de futuro. Sendo assim, quando se analisa essa distinção entre passado e futuro, ou empregando os termos que o próprio autor define, experiência e expectativa, constitui-se algo como o tempo histórico (KOSELLECK, 2006, p. 15-16). A relação entre as ideias de espaço de experiência e horizonte de expectativa se articulam, formando o que poderíamos chamar de ponto de recepção; dessa forma, elas entrelaçam passado e futuro, todas as histórias já foram constituídas de experiências vividas ou expectativas das pessoas que atuam ou sofrem (KOSELLECK, 2006, p. 306). Não se concebe uma expectativa sem experiência, assim como o inverso também se apresenta, porém não se definem como conceitos totalmente simétricos, possuindo formas de ser diferentes. Como o próprio autor define:

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Uma dessas noções não pode ser transformada, diretamente, na outra, porém é a partir da tensão entre elas que se constitui o que se denomina tempo histórico, segundo Koselleck (2006, p. 312). As experiências podem ser recolhidas e se esperar que se repitam ou se confirmem, porém, uma expectativa não se repete, elas não podem ser experimentadas de uma mesma forma. Articulamos aqui uma relação com a recepção, sendo que uma obra sempre se abre a uma expectativa de interpretação e até mesmo a análise de uma experiência interpretativa se abre numa nova expectativa, não restrita à experiência anterior. Segundo Koselleck:

Por isso não se pode conceber uma relação estática entre espaço de experiência e horizonte de expectativa. Eles constituem uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual. Consciente ou não, a conexão que criam, modificando-se, possui uma estrutura de prognóstico¹⁸. Talvez tenhamos ressaltado uma característica do tempo histórico que pode indicar sua capacidade de se modificar (KOSELLECK, 2006, p. 314).

¹⁸ Para compreender melhor essa “estrutura de prognóstico”, cf. Koselleck (2006, p. 315-327).

O motivo de buscarmos a contribuição de Koselleck e de suas definições de espaço de experiência e horizonte de expectativa é entender o uso de uma Teoria da Recepção como mais uma forma de articular essa relação entre passado e futuro, construída em um determinado tempo histórico. Ao utilizar as concepções acerca da Recepção, podemos relacioná-la com as tensões geradas entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. Não que a recepção se defina como uma solução ou demonstração auto-evidente dessa tensão, mas funcionaria como mais um elemento dessa relação, servindo para proporcionar uma compreensão sobre um determinado tempo histórico e suas construções, tornando-se, assim, uma chave teórica privilegiada para o entendimento histórico sobre esse determinado contexto.

Quando buscamos analisar a recepção de Cícero por Adams, temos ali a formação de uma tensão entre o campo de experiência e a abertura de horizontes de expectativa, dessa forma, contribuindo para uma concepção de um determinado tempo histórico. Porém, como essa relação não é determinadamente simétrica, como dito anteriormente por Koselleck, desenvolvemos também uma forma de recepção ao buscarmos evidenciar uma compreensão histórica sobre John Adams e suas concepções políticas. Isto é, nos posicionamos também nessa relação de tensão entre o passado e o futuro, quando buscamos desenvolver uma análise histórica da recepção.

No primeiro capítulo de nossa dissertação, abordamos os elementos clássicos gregos e romanos que se encontravam presentes no contexto político, cultural e intelectual das colônias inglesas na América no século XVIII. Abordamos como esses elementos foram fundamentais no desenvolvimento de uma cultura política própria, que influenciou na formação de John Adams, nosso objeto. Também apresentamos como ocorreu a formação intelectual de Adams e, posteriormente, sua carreira jurídica e política, bem como seu envolvimento com as disputas tarifárias e a defesa das liberdades dos colonos, especialmente em Massachusetts. Já no segundo capítulo, aprofundamos nosso olhar na relação construída entre Adams e Cícero. Apontamos como o americano se inspirava diretamente no orador romano na construção de algumas de suas produções, fosse no campo da advocacia, com a construção de peças argumentativas baseadas em inventivas ciceronianas, até mesmo na política ao elaborar debates teóricos sobre estruturas governamentais, como a teoria de governo misto.

A epistolografia, central em nossa análise, se configura como nosso *ponto da recepção*, já que os *corpora* selecionados sobre nossos objetos, Adams e Cícero, são as missivas.

As relações entre o político e advogado americano e o orador e estadista romano são vastas, e é flagrante como a obra ciceroniana foi de extrema importância para Adams tanto na sua carreira como advogado e jurista, nas suas idealizações políticas durante os anos da Revolução e no exercício da atividade pública, bem como em aspectos particulares de sua vida, e é aqui que entram as influências também no seu estilo de escrita de cartas. Identificamos essas aproximações através do uso de diversas fontes biográficas, além de diversas outras obras produzidas sobre John Adams, que serão debatidas ao longo dos capítulos de nossa dissertação.

As fontes que utilizamos para analisar a produção epistolográfica de Adams vieram a partir do massivo trabalho organizado por Lyman H. Butterfield nas obras: *The Adams family correspondence*. Vol. 1-12 (1963); *Diary and autobiography of John Adams*. Vol. 1-4 (1961); *The Earliest Diary of John Adams* (1966). Estas são as mais completas organizações do trabalho de John Adams publicadas; através delas pudemos traduzir e analisar diversas passagens do interesse de nossa pesquisa. Sobre as obras ciceronianas aqui apresentadas, nos baseamos no texto *A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz das Ad familiares I, 9, 23* (2009), tese de doutoramento de Adriano Scatolin; As obras *Quid enim sum?: o lugar do exilado na epistolografia ciceroniana* (2019), dissertação de mestrado de Alessandro Oliveira, *Cartas de Cícero: o exílio, o retorno e a adesão ao triunvirato* (1999) de Marly Mattos e *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição* (2013) de Marco Antonio da Costa foram essenciais por conterem a tradução das cartas em exílio de Cícero, bem como profundos apontamentos sobre o tema. A partir delas conseguimos estruturar o que desejávamos encontrar na produção epistolográfica de Adams.

As conceituações sobre a maneira como abordamos a investigação acerca da epistolografia se encontram no último capítulo. Nesta parte apresentamos as formas como a prática da escrita de cartas no contexto de Adams se desenvolveu, identificando sempre como elementos da escrita epistolar da Antiguidade clássica ainda se encontravam presentes. Nosso principal objetivo é mostrar a forma como Adams construiu um *éthos* exílico acerca de sua condição durante os anos 1774 a 1778, em que esteve à serviço do Congresso Continental da Filadélfia. A construção desse *éthos* seria uma retomada do estilo ciceroniano presente nas epístolas do Arpinate durante os anos de 58 a 57 a.C. A metodologia de base para nossas análises se apoia nas propostas teóricas da Análise do

Discurso, principalmente nos trabalhos de Dominique Maingueneau (2008; 2014) e de sua parceria com Patrick Charaudeau (2014).

A influência das obras e escritores clássicos, tanto romanos quanto gregos, foram discutidas por diversos momentos na produção acadêmica americana, ganhando um novo fôlego a partir da obra *The Founders and the Classics: Greece, Rome and the American Enlightenment* (1995) de Carl J. Richard. Esta obra aprofunda nosso olhar sobre alguns aspectos da construção da identidade americana sendo influenciada pelo pensamento clássico. Além dessas produções, Richard também apresentou obras como *Greeks & Romans bearing gifts: how the Ancients inspired the Founding Fathers* (2008) e *The Golden Age of the Classics in America: Greece, Rome and the antebellum United States* (2009), todas muito importantes na construção da sustentação de nossa argumentação neste trabalho.

Sobre a relação entre Adams e Cícero foi necessário explorar diversas obras sobre a vida e as produções do americano. Gordon Wood na obra *Revolutionary characters: what made the founders different* (2006) nos apresenta uma construção elaborada sobre a figura de John Adams, analisando seu impacto, e também o de sua produção, no desenvolvimento da Revolução Americana. A biografia intitulada *John Adams* (2001) escrita por David McCullough foi essencial para analisarmos as transformações ocorridas ao longo de nosso objeto. Acerca da relação entre Adams e Cícero, as diversas produções de James T. Farrell foram as fundações de nosso trabalho e o elemento que iniciou nosso questionamento sobre nosso objetivo apresentado nessa dissertação. Os trabalhos de Farrell são voltados para análise retórica da produção de Adams, esmiuçando em diversas passagens da vida e das obras do *fundador* americano como foi a construção desse paradigma ciceroniano.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Colossus of Independence: A trajetória histórica e política de John Adams na Revolução Americana.

Ao nos debruçarmos sobre um processo histórico complexo como a Revolução Americana (1775-1783), não podemos nos limitar apenas aos eventos que levaram à ação direta sobre o conflito. Ao analisarmos o passado, temos que ter em vista a máxima complexidade que circundava os debates no século XVIII, levando em conta a formação intelectual em que os indivíduos daquela época se baseavam, assim como seus temores e anseios ao desencadear eventos que promoveriam consequências às estruturas de sua temporalidade. É nesse embate entre “experiência” e “expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 310) que a complexidade do trabalho historiográfico se situa.

Esse trabalho de analisar e de repensar o processo da Revolução Americana nunca se encerra, por ser este reconhecido como o marco fundador do que poderíamos chamar de identidade dos Estados Unidos da América. Como essa identidade permanece sempre em construção, o retorno aos estudos sobre a era revolucionária, ou *fundação*, como também é chamado pela historiografia norte americana, se tornam necessários para a revitalização e a reafirmação de sua nacionalidade, bem como um questionamento se faz necessário das aplicações dessas concepções nos dias atuais (WOOD, 2011, p. 19-20).

O século XVIII é o período fulcral do embate que colocou em xeque diversas estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais. Como se questionou John Adams em uma carta para Thomas Jefferson, no ano de 1815, ao analisar a Revolução, “*O que nós queremos dizer por Revolução? A guerra? Isso não foi parte da Revolução; foi apenas um efeito e consequência dela. A Revolução estava na mente das pessoas (...)*”¹⁹ (ADAMS, 1959, p.

¹⁹ *What do we mean by the Revolution? The war? That was no part of the Revolution; it was only an effect and consequence of it. The Revolution was in the minds of the people (...).* (ADAMS, 1959, p. 455)

455). A complexidade dos questionamentos levantados nesse período é de relevância para compreendermos os elementos que formam a nossa contemporaneidade, pois os princípios das reformas propostas no século XVIII, seus idealismos, a determinação da liberdade individual frente ao poder do estado são elementos que permanecem vivos até os dias de hoje (BAILYN, 1992, p. viii).

Toda a efervescência desse caldeirão de questionamentos que se formou ao longo do século XVIII serviu como o elemento constituinte do movimento que acarretou o processo revolucionário das treze colônias inglesas. A influência do amplo ambiente cultural inglês é latente em suas colônias, assim como o seu pensamento político. Durante o século XVII, a Inglaterra foi abalada pelos eventos políticos que desenvolveram um processo revolucionário também daquele lado do Atlântico. Tanto a Revolução Puritana (1642-1649) quanto a Revolução Gloriosa (1688-1689) são eventos que impactaram a formação do pensamento político nas treze colônias. O historiador americano Bernard Bailyn aponta essa influência do pensamento britânico na constituição de uma ideologia política nas colônias americanas em sua obra *The ideological origins of the American revolution* (1992), um dos principais trabalhos a analisar as fundações do pensamento político americano. Bailyn apresenta como a produção panfletária foi um decisivo elemento discursivo a propagar os ideais revolucionários, e ainda defende que a base ideológica da formação do pensamento revolucionário se encontrava nas obras da antiguidade clássica grega e romana, nos autores iluministas franceses do XVIII, em tratados e discussões religiosas de matriz puritana, e nos debates dos liberais radicais ingleses do século XVII e início do XVIII, dando especial destaque para esta última corrente, colocando-a como a influência dominante para a formação do pensamento político nas colônias (BAILYN, 1992, p. 34-35).

O trabalho de Bailyn se mantém como crucial para os que pretendem trabalhar sobre o desenvolvimento dos ideais da revolução americana. Porém, sua obra acaba enfatizando a importância das influências do pensamento radical inglês do XVII, deixando as outras abordagens, o pensamento iluminista e o republicanismo clássico, como periféricas. Essa hierarquização dos aspectos ideológicos que pautaram o processo dos revolucionários acaba restringindo a própria compreensão dos eventos. Gordon Wood tece uma reflexão a essa proposta de Bailyn:

A questão que eu levanto é a seguinte: as ideias de uma Era são sempre determinantes para o pensamento de outra? Eu acho que não. Eu não

acredito que as ideias de um período anterior são as determinantes de um período posterior. O que de fato determina o pensamento são os eventos do presente dos participantes, seus imediatos interesses e necessidades emocionais, sua experiência presente. A realidade nos pressiona, nós olhamos para nossos corpos de ideais ou nossas configurações de sentidos, para dar sentido a realidade, para explicá-la, justificá-la ou condená-la. Para os revolucionários, o passado clássico ofereceu uma base de significados em que eles poderiam desenhar sobre para dar significância a seus comportamentos e objetivos. Eles não o absorveram intactamente, mas desenharam em cima, querendo ou não, para encaixar em seus desejos particulares²⁰ (WOOD, 2011, p. 125-126).

Ao delimitar a influência sobre os processos revolucionários baseado apenas no pensamento radical inglês, Bailyn exclui todo o universo de significados que permeava, não só as colônias americanas no século XVIII, mas todo o ambiente intelectual da própria Inglaterra, composto pelas obras da antiguidade grega e romana. Bailyn acerta no aspecto da influência do pensamento radical inglês, porém falha ao acabar hierarquizando esses processos e não reconhecendo o crédito da vasta produção intelectual inglesa à própria influência da Antiguidade (RICHARD, 1995, p. 2).

O resgate dos pensadores da Antiguidade fazia parte do cânone dos debates políticos desde o fim da Idade Média até o fim do século XVIII, e a partir dos temas e influências que se desenvolviam na Inglaterra, as obras latinas e gregas chegaram ao universo do campo intelectual na América (LATIMER, 1965, p. 129). A presença dos elementos do período clássico, tanto os políticos, como os artísticos e filosóficos, foram relevantes para a formação de uma intelectualidade própria nas colônias americanas, e ainda forneceria as bases dos ideais que pautariam as discussões sobre a Revolução Americana e os debates sobre as instituições do futuro país. Para termos melhor compreensão dos elementos que formaram as ideias dos *Founding Fathers*²¹, temos que nos debruçar sobre a influência clássica latina e grega nas treze colônias americanas.

²⁰ “The question I raised is the following: are the ideas of one era ever determinative of the thought of another? I don’t think so. I don’t believe ideas of an earlier period ever determine the ideas of a later period. What really determines thought are the events of the participants’ present, their immediate interests and emotional needs, their present experience. Reality presses in upon us, and we look to bodies of ideas, or sets of meanings, to make sense of that reality, to explain, justify, or condemn it. For the Revolutionaries the classical past offered a body of meanings that they could draw upon to make meaningful their behavior and their goals. They didn’t absorb it intact but drew upon it willy-nilly to fit their particular needs” (WOOD, 2011, p. 125-126).

²¹ Termo amplamente utilizado na historiografia americana para designar a geração que atuou no processo revolucionário americano e na formulação da constituição, poderíamos também utilizar o termo *founders* ou a sua tradução de *pais fundadores* ou *fundadores* (APPLEBY, 2000, p.262).

1.1 – *Classica Americana*: a tradição clássica em solo norte americano.

O termo destacado nesse subtítulo faz referência à obra de Meyer Reinhold, *Classica Americana* (1984), sendo ele um dos primeiros classicistas a pesquisar sobre o universo de influências da cultura clássica ao longo da história dos Estados Unidos (RICHARD, 1995, p. 3). Existe um debate na historiografia americana sobre até qual momento a influência dos escritos gregos e latinos pautou, de maneira significativa, os debates políticos na nascente república americana. Alguns autores, como Gordon Wood na obra *The Creation of the American Republic* (1969), argumentam que o classicismo “não era apenas ornamento escolar de americanos educados; ajudou a moldar seus valores e ideais de comportamento”²² (WOOD, 1969, p. 49). Essas concepções foram relevantes para a formação política dos Estados Unidos, porém perderam sua relevância no cerne do debate político após a confecção da Constituição no ano de 1787 (WOOD, 1969, p. 606). Complementando Wood, a historiadora Joyce O. Appleby, na obra *Liberalism and Republicanism in the Historical imagination* (1992), aponta que as ideias do republicanismo clássico e do liberalismo conviveram juntas durante a era revolucionária e da constituição; contudo, nos anos iniciais da república, as necessidades econômicas levaram ao maior desenvolvimento do liberalismo enquanto a influência clássica foi perdendo seu espaço (RICHARD, 1995, p. 3). Outros intelectuais argumentam que as influências clássicas perduram até as vésperas da Guerra Civil Americana (1861-1865) como apresentado na obra de Carl J. Richard *The Golden Age of the Classics in America: Greece, Rome and the antebellum United States* (2009).

A disputa entre a continuidade da influência grega e latina antiga após o processo revolucionário e o seu desenrolar durante o século XIX, antagonizando o republicanismo clássico e o liberalismo, pautou os temas e propostas dentro da análise sobre as estruturas criadas com a Revolução. Mas não temos dúvidas de que o uso de elementos clássicos foi determinante para a formação de uma intelectualidade americana durante o fim do século XVII, até início do século XIX, período que estudamos neste trabalho (COMMAGER, 1971; FARREL, 2011; HOWE, 2011; LATIMER, 1965; MACKENDRICK, 1977; MAHONEY, 1958; MILES, 1974; MULLET, 1939; RICHARD, 1995; 2008; 2009).

²² “Such classicism was not only a scholarly ornament of educated Americans; it helped to shape their values and their ideals of behavior” (WOOD, 1969, p. 49).

A formação clássica dos *fundadores* é de extrema relevância para entendermos como os elementos da cultura helênica e latina promoveram a urdidura das concepções políticas e o desenvolvimento da república americana. Em outra obra de Carl J. Richard, *The Founders and the Classics: Greece, Rome and the American Enlightenment* (1995), uma das mais influentes sobre o tema, discutem-se vários temas, desde modelos e antimodelos sociais, passando por simbolismos nas artes e arquitetura, chegando também nos modelos políticos e filosóficos. Carl J. Richard aponta que “o principal meio pelo qual a herança clássica foi transmitida de uma geração para a próxima foi pelo sistema educacional, um sistema padronizado originado na Idade Média” (1995, p. 9; HOWE, 2011, p. 31).

Essa padronização possuía duas vantagens, de acordo com Carl J. Richard. A primeira era garantir uma base sólida de reconhecimento de *status* social: demonstrar o conhecimento sobre os clássicos garantia reconhecimento perante os outros e a sociedade; significava que o falante possuía classe, gosto, sabedoria e virtude; tornava-se forma de confirmação de elevação social das classes médias que tinham acesso à educação. A outra vantagem consistia no leque de símbolos, conhecimentos e ideais comuns aos indivíduos que desejavam distinção. Assim, o cânone clássico facilitaria o discurso e entendimento entre os indivíduos da sociedade (RICHARD, 1995, p. 10). Outro elemento dentro do sistema educacional que alcançava essas duas vantagens apontadas por Carl J. Richard, não podendo ser excluído, é o cristianismo, sendo a religião mais um dos componentes dentro dos símbolos de prestígios e identificação na sociedade americana (LATIMER, 1965, p. 129).

Durante o século XVIII e com o desenvolvimento do Iluminismo, demonstrar que se possuía apreço pelo conhecimento era demonstrar interesse e familiaridade com a Antiguidade, e, dentro do escopo das publicações antigas, o republicanismo romano ganhava apreço ainda maior (WOOD, 2011, p. 97-98). Toda essa relação começava pelo sistema educacional:

Não temos dúvida de que a educação retórica inglesa do século XVIII estava firmemente enraizada na tradição clássica e que os grandes oradores da época estavam em um contato vital com essa tradição. Em todos os níveis do sistema educacional, os grandes princípios retóricos de Aristóteles, Cícero e Quintiliano eram forças vitais em guiar a eloquência, sendo essa uma distinta qualidade da época”²³ (MAHONEY, 1958, p. 97).

²³ “There can be little doubt, then, that eighteenth century English rhetorical education was firmly rooted in the classical tradition and that the great orators of the age were in vital contact with this tradition. On

O condicionamento dos *Fundadores* sobre a presença dos clássicos começava desde muito cedo, pois, a partir dos oito anos de idade, já iniciavam seus estudos, fossem nas escolas gramaticais públicas ou com tutores privados (RICHARD, 1995, p. 12). Os currículos eram preenchidos com autores variados, gregos, latinos e contemporâneos, sempre colocando os elementos gramaticais, retóricos e poéticos como ferramentas para a formação individual e a possibilidade de acesso às universidades. Gordon Wood ressalta que a abrangência do *corpus* estudado era basicamente

[...] os dois séculos partindo do colapso da República, em meados do século I a.C até o governo de Marco Aurélio, meados do século II d.C. Junto com Plutarco, os autores romanos dessa literatura – Cícero, Salústio, Lívio, Vergílio, Tácito – estabeleceram ideais republicanos e valores sobre política e sociedade que tiveram um poderoso e duradouro efeito na cultura ocidental²⁴ (WOOD, 2011, p. 99-100).

O currículo e os métodos pedagógicos aplicados nas colônias americanas tinham sua origem no sistema educacional inglês que, como em todo o restante da Europa, se originou ainda na Idade Média. Os medievais *trivium*²⁵ e *quadrivium*²⁶ dominaram os currículos escolares até o século XIX. O rigor da aplicação dos estudos e das práticas pedagógicas era semelhante na América e na Inglaterra. A única diferença consistia nas escolas gramaticais nas colônias americanas, já que algumas eram de sustento público (especialmente na Nova Inglaterra), e, portanto, até mesmo jovens de condições mais humildes recebiam a combinação de estudos clássicos e cristãos (RICHARD, 1995, p. 20-21).

O jovem que desejasse prosseguir seus estudos após as escolas gramaticais deveria tentar exame para algumas das universidades. Normalmente esses exames consistiam em comprovar seu domínio sobre o latim, recitando ou traduzindo passagens que fossem determinadas pelos avaliadores (FARREL, 2011, p. 417; HOWE, 2011, p. 32; LATIMER, 1965, p. 129; RICHARD, 1995, p. 19). Uma vez aceitos nas universidades, o estudo sobre as obras clássicas aprofundava-se sobre as formas e estilos de escrita. A influência, portanto, não se limitava ao campo das ideias filosóficas e políticas dos autores

all levels of the educational system the great rhetorical tenets of Aristotle, Cicero, and Quintilian were vital forces in guiding the eloquence which is such a distinctive quality of this era” (MAHONEY, 1958, p. 97).

²⁴ “(...) *the two centuries from the breakdown of the republic in the middle of the first century B.C. to the reign of Marcus Aurelius in the middle of the second century A.D. Together with the Greek Plutarch, the Roman authors of this literature—Cicero, Sallust, Livy, Virgil, Tacitus—set forth republican ideals and values about politics and society that have had a powerful and lasting effect on Western culture*” (WOOD, 2011, p. 99-100).

²⁵ O estudo da Retórica, Lógica e Gramática.

²⁶ O estudo da Aritmética, Música, Geometria e Astronomia.

latinos e helenos, mas, também, na forma de compor a escrita. Buscava-se a emulação dos modelos propostos pelos clássicos que os jovens tentavam alcançar, já que a prática e a teoria de retórica clássica eram sedimentadas no pressuposto de que o discurso público eloquente era uma necessidade prática para uma sociedade livre (FARREL, 2011, p. 416). Em seu diário, enquanto cursava a universidade de Harvard, John Adams, um dos *Pais Fundadores*, escrevia sobre seus estudos:

Deixe-me examinar nos grandes oradores de Roma e Bretanha, que tons peculiares são usados para expressar as diferentes emoções da mente – como o luto, ressentimento, medo, horror, coragem, compaixão, amor, alegria &c. Para examinar este ponto completamente, necessitaria de uma pesquisa sobre todos os autores e poetas de todas as línguas que eu conheço.

Luto e medo, nas Orações de Tullie²⁷ para Milão, são proferidos por interrogações e exclamações. *Quid me reducem esse voluistis? An ut, inspectante me, expellerentur ei, per quos essem restitutus? Nolite obsecro vos, pati mihi acerbiorem Reditum esse, quam fuerit ille ipse Discensus. Nam qui possum putare me restitutum esse, si distrahar ab iis, per quos restitutus sum? Utinam dii immortales fecissent (pace tua, Patria, dixerim).* Essa figura que indica ‘Coisas sem vida’, como país, um templo, um monumento, virtude ou vício, sabedoria, tolice &c. é como se fossem personagens, é muito usado na poesia quanto na oratória. [ilegível] diz,

Seja acolhida a ti justa virtude de todo o passado

Para ti a justa virtude será acolhida até o último

Ele parece e fala da virtude como Tully parece e fala sobre *Patria*, seu país. – Eu acredito que isso seja chamado de Apóstrofe algumas vezes. Pope se dirige a L.B na conclusão de suas *Epístolas Éticas*, é chamado apóstrofe²⁸ (ADAMS, 1966, p. 74-75).

²⁷ Tullie ou Tully são formas comuns na língua inglesa para se identificar o político e orador romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C).

²⁸ [Let] me examine in the greatest orators of Rome and Britain, what peculiar Sounds are used [to] express the different Emotions of the Mind -- as Grief, Resentment, Fear, Horror, Courage, Compassion, Love, joy &c. To examine this Point thoroughly would require a search [of] all the Poets and orators of all the Languages I understand. Grief and Fear, in Tullies Oration for Milo, are uttered by Interrogations, and Exclamations. *Quid me reducem esse voluistis? An ut, inspectante me, expellerentur ei, per quos essem restitutus? Nolite obsecro vos, pati mihi acerbiorem Reditum esse, quam fuerit ille ipse Discensus. Nam qui possum putare me restitutum esse, si distrahar ab iis, per quos restitutus sum? Utinam dii immortales fecissent (pace tua, Patria, dixerim).* This Figure which addresses Things without Life, as a Country, a Temple, a Monument, Virtue or Vice, Wisdom, Folly &c. as if they were Personages, is much used both in Poetry and oratory. [illegible] says,

Welcome for thee fair Virtue all the Past.

For thee fair Virtue welcome even the last.

He looks and speaks to Virtue as Tully looks and speaks to Patria his Country. -- I believe tis called Apostrophe some times. Popes Address to L.B. in the Conclusion of his Ethic Epistles, is called an Apostrophe (ADAMS, 1966, p. 74-75).

Além de estudar e compreender as formas e os estilos que constituíam os escritos dos autores clássicos, buscava-se a interpretação ou finalidade para aquelas proposições enquanto ferramentas para melhor entendimento da prática discursiva de seu próprio contexto. Nota-se essa acepção quando Adams tenta compreender as formulações retóricas empregadas por Cícero, comparando-o ao poeta Alexander Pope (1688-1744), que também estaria fazendo uso dessas mesmas estruturas. O conhecimento dos *fundadores* sobre as obras gregas e latinas não era, apenas, puro estilismo para rebuscar sua escrita e demonstrar conhecimento e sabedoria, mas a busca de certo estilo para suas interpretações através das propostas retóricas clássicas.

Quando analisamos o processo de condicionamento dos *fundadores* às obras clássicas, devemos atentar para a questão do cânone aplicado, bem como a própria definição de retórica utilizada naquele contexto. O estudo e o aprimoramento sobre as obras retóricas gregas e romanas serviam como forma de distinção social e reflexo de poder político e social, especialmente na educação dos jovens da elite romana (DOMINIK, 2012, p. 95). O uso dos fundamentos da retórica, especialmente na sociedade romana, como apontados por William J. Dominik eram os “[...] meios pelos quais a elite publicamente definia o seu status, alcançava fama e prestígio, empoderava-se ela própria, defendia sua posição, satisfazia as suas obrigações sociais, e transmitia seus valores dentro da sociedade romana” (DOMINIK, 2012, p. 107-108). E no contexto norte americano do século XVIII, a herança clássica garantia uma forma de identidade, aproximando-os uns dos outros através de um arcabouço ancestral comum, com objetivos e propostas compartilhados (RICHARD, 1995, p. 12).

A educação teve peso muito forte sobre as propostas dos *pais fundadores* para o desenvolvimento da Revolução, como descreve Carl J. Richard

Os *fundadores* eram condicionados desde crianças a associar as obras de certos autores republicanos antigos com virtude social e individual. Esse condicionamento social foi tão bem-sucedido que deixou muitos dos *fundadores* incapazes de imaginar o ensinamento da virtude independente do ensinamento dos clássicos e, conseqüentemente, fez da transmissão dessa herança clássica um assunto urgente²⁹ (RICHARD, 1995, p. 38).

²⁹ “The founders were conditioned as children to associate the Works of certain ancient republican authors with personal and societal virtue. This social conditioning was so successful that it left many of the founders unable to imagine the teaching of virtue independent of the teaching of the classics and, consequently, made the transmission of the classical heritage an urgent concern” (RICHARD, 1995, p. 38).

A correlação entre a necessidade da educação retórica na Antiguidade romana e nas treze colônias inglesas tem que ser feita com ponderações. Estamos tratando de temporalidades muito afastadas, com suas idiossincrasias sociais, culturais e políticas. São universos distintos que se encontram através das produções discursivas textuais sobreviventes de uma época, inseridas em contexto diferente de sua produção. Ao analisarmos esse processo de Recepção Clássica, a intertextualidade do cânone dos estudos da Antiguidade grega e latina precisa ser levada em conta, para não cairmos em formulações simplistas, ou que hierarquizaríamos uma visão em detrimento de outras.

A própria definição de *retórica* foi sendo modificada, divergindo em diversos aspectos da sua proposta original na Antiguidade, e junto, mudava-se a ideia do *cânone* a ser utilizado:

Não é surpreendente, portanto, que o conceito de cânone na teoria, no ensino e na prática da retórica tenha mudado junto com a própria palavra: o lugar da retórica — tanto o seu papel, quanto sua importância em um dado contexto —, bem como o seu relacionamento com outros campos de estudo (direito, filosofia, belas artes) também mudou desde os tempos clássicos (SHOECK, 2017, p. 5).

O currículo educacional aplicado nas treze colônias era semelhante ao da Inglaterra, e seguia determinado cânone desde a Idade Média. Com a Renascença, veio o aprofundamento das análises, a redescoberta de novas fontes e o estudo sobre a retórica se expandiu, tornando-o mais erudito. Mas essa erudição buscou, em determinados momentos, analisar as relações teóricas, sem levar em conta a sua função cultural, tratando-a como um recurso linguístico ou de função pública. Shoeck (2017, p. 5-6) comenta sobre essa diferença no trato das questões retóricas durante a Renascença, concordando com o comentário de Paul O. Kristeller, para quem

a retórica renascentista era, de muitas formas, diferente da retórica antiga e influenciada por padrões medievais e por padrões novos ou contemporâneos. Ao contrário da retórica antiga, a retórica renascentista não estava primariamente preocupada com o discurso político e muito menos com o discurso jurídico. Cultivava a letra tanto quanto a oração e pretendia incluir todas as formas de redação em prosa e verso eram consideradas formas alternativas de uma mesma empreitada. O ponto de vista antigo de que a retórica e a oratória visavam à persuasão era frequentemente repetido, mas isso não dominava a concepção de retórica vigente” (KRISTELLER, 1979, p. 242).

Como as concepções sobre a retórica e sua prática se expandiram durante a Renascença, com a redescoberta de obras como a *Institutio Oratoria* de Quintiliano e as cartas de

Cícero, melhor foi se formando a compreensão sobre as constituições sociais e culturais da retórica. Tornou-se possível que alguns intérpretes do Renascimento pudessem compreender a profundidade do papel da retórica nas sociedades da Antiguidade, que levariam à formulação de um certo “humanismo cívico” (SHOECK, 2017, p. 6-7).

Atualmente, alguns teóricos têm buscado renovar as análises sobre a influência da retórica, principalmente em relação à pesquisa histórica, com as suas mudanças ao longo do tempo (LACAPRA, 2013, p. 98). No século XVIII, a retórica, enquanto modelo de produção escrita, baseava-se nos padrões propostos pelos autores latinos e gregos, mas era moldada pelas influências de sua própria temporalidade. Tornou-se, assim, recurso relevante na análise de documentos, principalmente de tratados de cunho político e público, marcando, o estudo da retórica como importante recurso para a análise discursiva de uma fonte histórica. LaCapra afirma que

A renovação do problema da retórica pode tornar possível um melhor entendimento do complexo relacionamento entre os códigos e seu uso no que diz respeito não somente ao passado, mas ao discurso do próprio historiador. Ela pode, assim, fornecer descobertas mais importantes sobre a posição liminar entre “ciência” e “arte”, em que se encontra o trabalho do historiador — uma posição que não pode ser fixa para sempre, precisamente porque ela clama por uma reconceitualização recorrente (LACAPRA, 2013, p. 117).

Torna-se imprescindível analisar à luz da retórica clássica, sempre atentando às suas vicissitudes, a produção discursiva dos *fundadores* no processo revolucionário americano. A retórica, e não podemos excluir dela a oratória clássica, foram elementos relevantes na formação da cultura política americana no período colonial e nas primeiras décadas republicanas. A teoria retórica clássica e sua prática eram baseadas na aceção de que o discurso público eloquente era uma necessidade prática em uma sociedade livre. Como James Farrell diz, “tais doutrinas e modelos eram atraentes para uma comunidade política construída sobre a ideia de independência nacional e liberdade pessoal”³⁰ (FARRELL, 2011, p. 476).

James Farrell, em seu artigo *Above all Greek, above all Roman fame: Classical Rhetoric in America during the colonial and Early National Periods* (2011), indica a presença dessa recepção da retórica e da oratória clássica em diversos elementos da formação intelectual americana. Até meados do século XIX, a oratória judicial americana baseava-

³⁰ “Such doctrines and models appealed to a political community built upon the assertion of national independence and personal liberty”. (FARRELL, 2011, p. 476).

se quase exclusivamente em princípios da retórica clássica, e os advogados buscavam emular a oratória de Cícero e Demóstenes, por exemplo (FARREL, 2011, p. 418). Farrell conclui que

a influência da retórica e oratória clássica no discurso público da América colonial e republicana é inegavelmente profunda. Talvez nenhum outro aspecto da cultura americana sustenta a marca da tradição clássica tão proeminente quanto a retórica e a oratória. O que Gilbert Highet diz sobre o impacto dos clássicos na oratória britânica pode ser aplicado a história da eloquência americana³¹ (FARREL, 2011, p. 436).

Durante o século XVIII, no desenvolvimento do iluminismo britânico, o estudo sobre a retórica sofreu algumas mudanças que foram identificadas como certo afastamento dos postulados clássicos gregos e latinos, incorporando elementos dos debates em maior destaque naquele momento. É quando se estabelece a conceituação de retórica denominada “retórica epistemológica-psicológica, costurando a teoria retórica com a filosofia empírica de Francis Bacon, John Lock e David Hume, e outra linha de retórica que terá como enfoque a chamada tradição das *Belles Lettres*, mudando o foco da retórica de composição textual para a crítica discursiva” (WALZER, 2017, p. 523). Essas propostas se desenvolvem no ambiente acadêmico inglês, e como já afirmamos, há uma relação entre as produções intelectuais inglesas e as americanas, e os debates promovidos na Europa tinham espaço e atenção na América. Walzer ainda salienta que mesmo essas propostas sobre a retórica no século XVIII não representam completa ruptura com a teoria retórica clássica, Cícero e Quintiliano permanecendo como os principais teorizadores (WALZER, 2017, p. 531).

Os *Fundadores* tinham domínio sobre os elementos que compunham a herança de gregos e latinos, funcionava como uma dupla troca, onde não buscavam, apenas, emular ou retomar os preceitos que acreditavam, mas também os adaptavam e os transformavam para melhor se encaixar em suas próprias realidades. Como John Adams comenta em seu *Thoughts on Government* “vós e eu, meu caro amigo, fomos trazidos para a vida numa época em que os maiores legisladores da Antiguidade teriam desejado viver” (ADAMS, 1964, p. 83).

³¹ “The influence of classical rhetoric and oratory on the public discourse of colonial and early republican America was undeniably profound. Perhaps no other aspect of American culture bears the mark of the classical tradition as prominently as that of rhetoric and oratory. What Gilbert Highet said of the impact of the classics on British oratory might also apply to the history of American eloquence” (FARREL, 2011, p. 436).

O desenvolvimento dessa base clássica no pensamento político americano nos leva à reflexão sobre a cultura política formada nos Estados Unidos do século XVIII. Ao refletirmos sobre esse conceito de *cultura política*, estamos partindo das análises iniciadas por Serge Bernstein (1992) para avaliarmos as possibilidades de aplicação e ampliação delas sobre a formação histórica de um pensamento político próprio norte-americano.

Ao traçarmos uma linha da construção das definições sobre cultura política, podemos partir das décadas de 1950 e 1960, nas quais o conceito passa a ser empregado e cuja motivação era “compreender melhor a origem dos sistemas políticos democráticos, partindo da percepção da insuficiência dos paradigmas iluministas que viam o homem como ator político racional” (MOTTA, 2009, p. 16). Esses questionamentos partem do campo das ciências sociais, tendo em Gabriel Almond e Sidney Verba seus principais porta-vozes nesse contexto. O conceito de cultura política passa a ser utilizado pelos historiadores por volta dos anos 1980 e 1990, com os debates em torno das críticas feitas à escola dos *Annales*. O historiador René Remond em sua obra *Por uma História Política* (1996) propõe um retorno do campo do político para as análises historiográficas:

esse movimento de recuperação e renovação da história política implicou a incorporação de novas ideias e conceitos que afirmavam a não limitação do político ao fato, à dimensão do tempo curto. É justamente neste sentido que a apropriação do conceito de cultura política é apresentada como “renovadora” para a história política na medida em que lhe possibilita superar o fato e entrar em contato com fenômenos duradouros e estáveis no tempo (NÉSPOLI, 2015, p. 363).

Essa nova perspectiva não pretendia se manter atrelada aos assuntos pertinentes às questões do Estado, ou das suas instituições, passando a abordar as massas, as associações civis, os meios de comunicação, enfim, o poder definido principalmente em suas bases sociais e culturais (NÉSPOLI, 2015, p. 365; RONSANVALLON, 1995).

Estas abordagens abriram a exploração do campo do político, e no centro dessas análises veio o conceito de cultura política. Para debatermos as possibilidades de uma breve análise sobre o contexto norte-americano, vamos trabalhar com a definição proposta por Serge Bernstein de que

Os historiadores entendem por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar em que ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão

que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento da sua história (BERSTEIN, 2009, p. 31).

É uma definição bastante ampla, e por isso algumas ressalvas precisam ser feitas. A noção da cultura política está em conexão com a cultura global de uma sociedade, porém não se confunde totalmente com ela, já que seu campo de ação se pauta sobre as questões políticas (BERSTEIN, 1998, p. 352). Ao utilizarmos essa conceituação, não podemos cair na falsa intenção de alcançar uma cultura política nacional. No interior de um país existe uma gama de culturas políticas, possuindo momentos em que determinados valores são compartilhados, mas permitindo uma variedade de discursos em disputa (BERSTEIN, 1998, p. 354).

Uma outra ressalva que devemos apontar sobre a utilização desse conceito é a de não pensarmos nele como uma categoria de hierarquização entre as culturas políticas dentro de um país ou até mesmo em comparação com outros, principalmente quando colocamos em perspectiva uma análise que pode nos encaminhar para uma visão em que as democracias ocidentais seriam como modelos idealizados e representantes da modernização das sociedades, à medida que aparentaria criar uma escala entre as diversas concepções políticas e o modelo democrático ocidental representaria seu objetivo último (BERSTEIN, 1998, p. 352). Por ser um conceito com uma aceção bem diversa, não podemos pensar que as diferentes culturas políticas dentro de uma sociedade são estanques, “como se estivessem encerradas dentro de si mesmas e imunes ao contato com as outras, concorrentes na disputa pelo espaço público e pelo controle do Estado” (MOTTA, 2009, p. 22). O foco para se analisar a formação de uma determinada cultura política reside, principalmente, em compreender como determinado comportamento político se configurou e prevaleceu durante um determinado contexto; que possibilidades levaram a essas determinações; e quais foram as suas consequências. Ela acaba por se definir como um fenômeno individual, interiorizado pelo homem, e um fenômeno coletivo, partilhado por grupos numerosos (BERSTEIN, 1998, p. 360).

Enquanto fenômeno político, não podemos enxergar a Revolução Americana como um evento monocromático. Já apontamos, brevemente, duas visões para as origens do pensamento político americano: uma pelo viés da influência do pensamento radical inglês do século XVII e da virada para o XVIII como apontado por Bernard Bailyn (1967), outra com a predominância da influência do pensamento republicano clássico presente na obra de Carl J. Richard (1995). Pensando em outras perspectivas de análises, evidenciando

uma das possibilidades apontadas tanto por Berstein quanto por Motta, teria havido uma determinada mudança de paradigma entre o período revolucionário para os primeiros anos da formação das estruturas políticas nacionais dos Estados Unidos. As obras de Joyce Appleby (1992) e Gordon S. Wood (1969) mostram nos anos iniciais da nação uma “virada do “republicanismo clássico” que enfatizava cidadania e coesão social para um “liberalismo” (ou “republicanismo moderno”) que ansiava por direitos individuais e um mercado autorregulado” (RICHARD, 1995, p. 3)³², mostrando como as características de uma cultura política mais predominante podem se adaptar às mudanças experimentadas pelas sociedades ao longo do tempo (MOTTA, 2009, p. 22).

Devido à efervescência das questões políticas durante a segunda metade do século XVIII nas treze colônias, a possibilidade de se trabalhar com o conceito de “cultura política” é vasta. Uma das propostas apontadas por Motta é “a existência de vetores sociais responsáveis pela reprodução das culturas políticas” (MOTTA, 2009, p. 23). Este trabalho, que busca demonstrar como o pensamento de Cícero, estadista romano, foi determinante para o desenvolvimento das concepções políticas e retóricas de John Adams, passa pela análise desses vetores sociais. Serge Berstein chama esses vetores de “canais da socialização da política tradicional”, e observa possíveis exemplos da manifestação desses canais:

em primeiro lugar, a família, onde a criança recebe mais ou menos um conjunto de normas, de valores, de reflexões que constituem sua primeira bagagem política, que conservará durante a vida ou rejeitará quando adulto. Depois outros, como escola, liceu, universidades (BERSTEIN, 1998, p. 356).

Quando analisamos o contexto em que John Adams viveu, percebemos claramente essas influências. O aspecto da religião, junto com o da família, se apresenta como um possível elemento para essa formulação política de Adams. Seu pai foi um diácono na cidade de Braintree, e cumpriu com sua participação enquanto cidadão em sua comunidade, servindo como membro do conselho comunitário. Em uma carta escrita ao amigo Benjamin Rush no ano de 1812, Adams se questiona

O que preservou essa raça dos Adams em todas as suas ramificações em números, saúde, paz, conforto e mediocridade? Eu acredito que é a religião, sem ela teriam se tornado libertinos, presunçosos, ébrios, apostadores, passariam fome, congelariam com o frio, seriam

³² “a shift from “classical republicanism”, which emphasized civic duty and social cohesion, to “liberalism” (or “modern republicanism”), which stressed individual rights and the self-regulating marketplace”(RICHARD, 1995, p. 3)

escalpelados pelos índios, etc., etc., etc., teriam sucumbido e desaparecido...³³ (MCCULLOUGH, 2001, p. 30)³⁴

O pensamento dos pais fundadores é complexo; alguns, inclusive “algumas vezes interpretavam a virtude clássica pela luz do cristianismo” (RICHARD, 1995, p. 7) e essa complexidade se transmite no entendimento que podemos analisar sobre o desenvolver de *culturas políticas* estadunidenses na segunda metade do século XVIII. A Antiguidade clássica servia tanto como uma base de experiências no qual se espelhar quanto como um horizonte de elementos a se alcançar. Por este motivo a retomada da análise sobre esses fundamentos se faz necessária para melhor compreender os desenvolvimentos desse processo histórico, principalmente para entendermos melhor a maneira como se deu a formação intelectual de John Adams, destacando o papel crucial que a formação clássica despenderia em sua vida, bem como a importância da retórica ao fim do século XVIII.

1.2 – *A New England Cicero?* A formação intelectual de John Adams e sua relação com o pensamento clássico grego e romano.

Tratar sobre a influência da Antiguidade latina e grega, em determinada temporalidade, é parte de um empreendimento sobre o estudo da recepção. Os atores através dos quais essas influências foram transmitidas é um outro campo de debate, tão complexo quanto o mencionado, já que as idiosincrasias da formação individual, bem como os próprios registros e fontes sobre determinado sujeito, podem ser escassas, difusas ou até mesmo conflitantes entre si.

O arcabouço de referências e conhecimentos sobre os autores gregos e romanos era presente em praticamente todos os *Fundadores*, e servia como elemento cultural que urdia base comum a todos os representantes das treze colônias. Demorou a surgir a ideia de unidade e uniformidade entre os representantes das colônias. As percepções e referências culturais de um homem nascido na Virgínia eram distintas de um natural de Massachusetts. Os elementos da cultura clássica, transmitidos pela educação formal,

³³ *John Adams to Benjamin Rush, July 19, 1812, Adams Papers, Massachusetts Historical Society.*

³⁴ “*What has preserved this race of Adamases in all their ramifications in such numbers, health, peace, comfort, and mediocrity? I believe it is religion, without which they would have been rakes, fops, sots, gamblers, starved with hunger, or frozen with cold, scalped by Indians, etc., etc., etc., been melted away an disappeared...*” (MCCULLOUGH, 2001, p. 30)

tornavam-se, porém, subsídio comum a esses homens, tal como um substrato histórico compartilhado (RICHARD, 1995, p. 82).

John Adams é considerado como “[...] o que possui maior erudição sobre antigos e modernos, do que qualquer outro homem que assinou a Declaração de Independência³⁵” (THOMPSON, 2000, p. 6). A vasta contribuição de Adams para o projeto revolucionário e, posteriormente, o desenvolvimento do governo republicano, é amplamente reconhecida. Boa parte da bagagem intelectual de Adams deriva de autores gregos e romanos, buscando inserir essas propostas nos debates políticos da nascente República americana. Adams se tornou objeto de análise privilegiado ao nos debruçarmos sobre a recepção clássica na formação do pensamento político americano. Para melhor analisarmos os fundamentos desse processo de recepção, necessitamos nos aprofundar na compreensão sobre como Adams se insere no contexto revolucionário e de onde partem suas motivações e influências; para tal finalidade devemos discutir suas origens e sua formação intelectual.

Para melhor organização de nossa apresentação, primeiro esboçaremos o panorama biográfico sobre Adams, para a compreensão dos eventos de sua vida, bem como sua importância nos acontecimentos relacionados à formação da República dos Estados Unidos da América. Utilizamos a biografia mais recentemente produzida sobre John Adams, escrita por David McCullough (2001), vencedora do prêmio Pulitzer. Em conjunto com a obra, exploramos o trabalho organizado por Lyman H. Butterfield intitulado *Diary and Autobiography of John Adams* (1961), produzido em parceria com a Massachusetts Historical Society que o disponibiliza através de seu portal eletrônico (<https://www.masshist.org/>).

É importante esclarecer que a autobiografia de Adams se encerra na metade de sua vida pública e carece de estrutura literária. A primeira parte mantém estrutura narrativa e é focada em sua infância e juventude, até os desdobramentos da Revolução Americana. Na segunda e terceira partes ele abandona a estrutura narrativa, se limitando a relembrar uma série de registros de seu diário, ou apresentando a transcrição de cartas oficiais, o que torna a leitura difícil e confusa. A autobiografia de Adams acaba sendo uma tentativa apologética sobre seu legado perante a história americana (FARREL, 1989, p. 510).

³⁵ (...) possessed “more learning probably, both ancient and modern, than any man who subscribed the Declaration of Independence” (THOMPSON, 2000, p. 6).

Após a exposição acerca da vida e feitos de Adams, partimos para a análise sobre os elementos clássicos marcantes para a formação de suas ideias e convicções políticas, estudando também como isso emerge em sua produção intelectual.

Mesmo tendo participado dos principais eventos que levaram à configuração da nascente república americana, John Adams é um dos *pais fundadores* com a trajetória de vida mais simples, sem grandes propriedades ou fortuna familiar, mesmo fazendo parte da comitiva de Massachusetts que envolvia grandes comerciantes e proprietários de terras, como seu primo Samuel Adams e John Hancock. Foi pela sua presença nos tribunais e nas páginas impressas de jornais de Boston que Adams se destacou (MCCULLOUGH, 2001, p. 19).

As conexões que Adams possuía com a região da Nova Inglaterra eram profundas, já que a presença de membros de sua família data desde o ano de 1638, durante o reinado de Carlos I, às vésperas da Guerra Civil Inglesa (1640-1649) e da grande migração puritana (1620-1700) (MCCULLOUGH, 2001, p. 29). O assentamento de sua família se localiza na comunidade de Braintree, hoje nomeada Quincy. Além de fugir das perseguições religiosas, as migrações puritanas tinham o objetivo de criar uma “Cidade de Deus”, afastada dos pecados e das turbulências europeias. A influência religiosa tem peso importante na formação não apenas de Adams, mas de toda a sua família. Ressaltando essa influência puritana, o biógrafo John T. Morse escreveu:

Adams foi um admirável espécime de Puritano da Nova Inglaterra de sua geração, não muito rigoroso em relação à doutrina, mas religioso por hábito e instinto, inflexível em cada tópico sobre moral, meticoloso, justo, de mente pura, trabalhador³⁶ (MORSE, 1948, p. 6).

Adams nasceu no dia 30 de outubro de 1735, e recebeu o mesmo nome do seu pai, que além do trabalho na fazenda, foi diácono da comunidade de Braintree, muito admirado pelo filho. Segundo McCullough (2001, p.33): “seu pai era seu ídolo. Foi a honestidade de seu pai, seu espírito independente e amor pelo país, nas palavras de Adams, que o inspiraram por toda a vida”. Com relação à mãe, Adams escreveu muito pouco. Mesmo demonstrando palavras de carinho e amor pela genitora, pouco se tem registrado sobre ela, nada escrito de seu punho sobreviveu, nem mesmo documentos com sua assinatura. Em alguns relatos, menciona-se que as cartas eram lidas em voz alta para ela, o que faz com que se acredite que sua mãe fosse analfabeta (MCCULLOUGH, 2001, p 30).

³⁶*Adams was an admirable specimen of the New England Puritan of his generation, not excessively straitlaced in matters of doctrine, but religious by habit and by instinct, rigid in every point of morals, conscientious, upright, pure-minded, industrious* (MORSE, 1948, p. 6).

A infância de Adams foi comum, vivendo em uma pequena comunidade. Não estando isolados de grandes cidades ou do comércio local, ele e sua família viviam à base do trabalho rural (MCCULLOUGH, 2001, pg. 31-33). Seu pai não desejava que ele permanecesse na vida de fazendeiro, e por isso sempre buscou garantir o acesso de Adams à educação para que ele pudesse ingressar em Harvard e se tornar ministro eclesiástico (MCCULLOUGH, 2001, p. 33). Para se preparar para o ingresso na universidade, o jovem Adams, além de ser alfabetizado regularmente, necessitava dos conhecimentos de latim e grego antigo. Sua formação começou em escola mantida pela própria comunidade, mas Adams não se interessou pelos estudos. Preocupado com essa indisposição, seu pai conseguiu que ele fosse matriculado em escola particular, onde passou a ser orientado por Joseph Marsh, que promoveu a mudança de rumos em seu interesse pelas letras (MCCULLOUGH, 2001, p. 34; ROBATHAN, 1946, p. 91).

A formação escolar de Adams não era algo exclusivo à sua condição social. Existiam escolas gramaticais mantidas por congregações e acessíveis às crianças das pequenas comunidades, especialmente da Nova Inglaterra (RICHARD, 1995, p. 21). A presença da formação clássica em solo colonial britânico na América remonta desde a fundação da *Boston Latin School* e da universidade de Harvard em Cambridge, nos anos de 1635 e 1636, respectivamente. O currículo seguido pelas escolas gramaticais e universidades tinha como base o estudo das línguas latina e grega, bem como de suas literaturas. Esses conteúdos, juntamente com os ensinamentos sobre a Bíblia, eram denominados “Clássicos Sagrados” (REINHOLD, 2015, p. 45). Um jovem que desejasse ingressar em uma universidade e seguir carreira profissional, necessitava passar por rigorosa preparação em latim e grego antigo (FARRELL, 1992, p 376). A partir daquele momento, em uma escola gramatical da Nova Inglaterra e sob a supervisão de seu tutor, John Adams se familiarizou com a obra de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C), mantendo-o como uma de suas principais influências na carreira política e jurídica, como veremos.

John Adams foi um dos principais responsáveis por trazer a influência de Cícero ao processo revolucionário americano. O Arpinate³⁷ foi sua principal influência ao longo da vida nos mais variados aspectos, desde a carreira jurídica, passando por modelo de escrita e oratória, chegando até as definições acerca de política e como um estadista deveria se portar. (REINHOLD, 2015, p. 46).

³⁷ Cícero pode ser chamado desta maneira devido à localização de seu nascimento, a vila de Arpíno.

Adams ingressou na universidade de Harvard em 1751, passando os próximos quatro anos sob a tutela do professor de latim Joseph Mayhew. Em meados do século XVIII, o ensino de retórica era uma das bases do currículo universitário, sendo o *De Oratore* de Cícero um dos principais textos juntamente com o *De Officiis* para os estudos da ética (MCCULLOUGH, 2001, p. 35; FARREL, 1992, p. 377). Adams não cumpriu com o desejo de seu pai de se formar como ministro eclesiástico, mas demonstrou muito interesse pelas áreas das ciências naturais. Em um dos clubes de debate, foi-lhe sugerido que possuía vocação para a oratória e que deveria ser advogado ao invés de um pregador (MCCULLOUGH, 2001, p. 37).

Após ter se graduado em 1755 em Harvard, Adams decidiu trabalhar como professor de uma Escola de Primeiras Letras em Worcester para poder se sustentar e, futuramente, financiar seus estudos em Direito. No ano seguinte, em 1756, Adams assinou contrato com o jovem advogado James Putnam, concordando em auxiliá-lo e ser instruído pelo mesmo na área da advocacia (MCCULLOUGH, 2001, p. 41-42). Durante dois anos, Adams trabalhou como professor na escola enquanto estudava com Putnam. Boa parte de sua formação como advogado provinha de aprender a prática da profissão ao acompanhar Putnam, como aprimorar o seu conhecimento sobre o latim, o grego e as principais obras clássicas que lhe serviriam de inspiração.

Sua carreira nos tribunais começou a partir de 1759, momento em que foi admitido perante a corte superior de Boston, passando a atuar em diversos casos no circuito jurídico de Massachusetts, conquistando reconhecimento enquanto advogado ao longo dos anos. Um dos maiores tormentos que precisou enfrentar no início de sua vida adulta foi o falecimento de seu pai no ano de 1761, visto que possuía apreço muito forte por ele, e porque essa morte o levou a assumir os rumos das atividades agrícolas da família, elevando consideravelmente seu rendimento enquanto tentava conciliar com o trabalho na advocacia (MCCULLOUGH, 2001, p. 52).

A partir desse evento, Adams inclinou suas atenções na busca por uma esposa, e após cinco anos de cortejo a uma jovem de Weymouth, John e Abigail Adams concretizaram o matrimônio no ano de 1764. Este pode aparentar ser um evento não muito relevante na formação pessoal de Adams; no entanto, Abigail teve papel crucial em sua trajetória política. Ela era bem instruída, possuía conhecimento sobre literatura inglesa e também sobre os clássicos gregos e latinos. Em suas cartas, ele a chamava pelo nome da deusa romana Diana, enquanto ela o denominava de Lisandro (MCCULLOUGH, 2001, p. 55):

“[...] Ela me oferece [dizer] que Sêneca, pelo bem de sua Paulina, era cuidadoso e afetuoso sobre sua saúde. A saúde e a felicidade de Sêneca para Paulina não eram mais queridas do que a de Lisandro para sua Diana [...]”³⁸ (ADAMS, 1763). Nas palavras do biógrafo John McCullough,

Seu casamento com Abigail Smith foi a decisão mais importante na vida de John Adams, como se mostraria aparente com o tempo. Ela foi, em todos os aspectos, sua igual, e o papel que ela iria desenvolver seria maior do que ele poderia imaginar, pelo amor dele por ela e pela estima que ele já tinha de sua benéfica e firme influência. (MCCULLOUGH, 2001, p. 57)

A troca de correspondências entre os dois foi intensa durante todos os momentos em que ficaram separados devido às questões políticas que os envolveram. John encontrava em Abigail conselheira e confidente com quem podia discutir não apenas as questões de seu relacionamento e vivência, mas também assuntos políticos, bem como as impressões acerca de outros indivíduos que compartilhavam o ambiente em que viviam.

As tensões entre os colonos americanos e a metrópole inglesa se avultaram a partir do ano de 1763, quando foi finalizada a guerra contra franceses e indígenas pelo controle do vale do rio Ohio, impelindo os ingleses a estabelecerem uma série de tributações sobre os colonos. Com a tributação popularmente denominada de “Lei do Selo”³⁹, aprovada no ano de 1765, qualquer tipo de papel impresso passou a ser taxado pela coroa britânica. Os colonos, principalmente os da região da Nova Inglaterra, se organizaram para rebater a nova lei. Boicotes e atos contra os funcionários da corte foram propagados por todas as treze colônias, levando Londres a retroceder no ano de 1766 (KARNAL, 2014, p. 76-78). É no contexto dos distúrbios causados pela Lei do Selo que John Adams fez sua primeira publicação de caráter político e de questionamento às posturas do governo britânico. Adams escreveu um ensaio para o *Solidaritas Club*⁴⁰ intitulado *A dissertation on the Canon and Feudal Law*, no qual propunha alertar a população de uma iminente ameaça e despertá-la para a defesa de seus direitos. Adams via essas leis como um indicativo dos rumos da política colonial britânica e as demonstrava como uma violação do princípio fundamental da constituição inglesa: o princípio do consentimento (THOMPSON, 2000, p. 28). O texto chegou a ser publicado no jornal *London chronicle*, porém não foi

³⁸ “[...] *She bids me [tell] you that Seneca, for the sake of his Paulina was careful and tender of his health. The health and happiness of Seneca she says was not dearer to his Paulina, than that of Lysander to his Diana [...]*” (ADAMS, 1763).

³⁹ *Duties in American Colonies Act 1765*; 5 George III, c. 12

⁴⁰ Um clube de advogados do qual Adams fazia parte (PEEK JR., 1964, p. 3).

atribuído, primeiramente, a Adams. O texto não gerou muito impacto, e o próprio John Adams, em comentários posteriores, declarou que a peça havia sido escrita às pressas e sem revisão. Porém, o ensaio se torna interessante em retrospecto, por já identificarmos sua defesa de alguns temas que seriam constantes ao longo de sua carreira (PEEK JR., 1964, p. 3-4). Logo após a retirada da lei, Adams retornou sua atenção à carreira de advogado e se afastou de atividades políticas.

No entanto, a situação entre os colonos e Londres se acirrava, e uma série de leis que ficariam conhecidas como *Atos Townshend*⁴¹ inflamou os ânimos da população colonial americana, que denunciava que seus direitos estavam sendo violados. Diversos atos e protestos se espalharam pelas treze colônias. Os atos se mostraram inócuos frente aos problemas financeiros ingleses e só estimularam a revolta dos colonos, mas acabaram causando uma situação marcante para o processo revolucionário americano e para a vida de John Adams. Um grupo de colonos, ao protestarem contra a presença dos soldados ingleses, acabou alvejado, resultando no evento conhecido como “Massacre de Boston”, ocorrido no ano de 1770 (KARNAL, 2014, p. 79). Os soldados envolvidos foram detidos pelas autoridades de Boston e deveriam responder judicialmente perante a corte de Justiça da colônia de Massachusetts, porém nenhum advogado arriscaria sua reputação a defendê-los. Foi nesse momento que John Adams retornou ao debate político, ao aceitar fazer a defesa dos soldados britânicos. Ele teria dito que “nenhum homem em um país livre deve ter negado o direito de defesa e um julgamento justo”⁴² (MCCULLOUGH, 2001, p. 66).

O julgamento foi um marco importante na carreira de Adams. Seu discurso de defesa seguiu os moldes de discursos ciceronianos, recorrendo a táticas e estilos retóricos presentes em *Pro Milone*, *Pro Sexto Roscio* e *De Inventione* (MCCULLOUGH, 2001, p. 68; REINHOLD, 2015, p. 48). Após o tribunal⁴³, Adams foi eleito para compor a assembleia legislativa de Massachusetts, cargo em que só permaneceu até 1771. O acúmulo das funções da advocacia e política o esgotaram, e ele decidiu retornar a

⁴¹Receberam esse nome por ser uma série de leis propostas pelo membro do parlamento Charles Townshend.

⁴²“*No man in a free country should be denied the right to counsel and a fair trial*” (MCCULLOUGH, 2001, p. 66).

⁴³ Os discursos proferidos por Adams para a defesa do Capitão Preston e seus soldados foi compilado na obra WROTH, L. K.; ZOBEL, H. B. *Legal Papers of John Adams*. Vol.3. Harvard University: Cambridge, 1965. Ao longo do texto retornaremos a essa produção, mas não nos aprofundaremos na análise desses processos, apesar de entendermos que seriam fontes interessantes para analisar a recepção ciceroniana.

Braintree, sua cidade natal, trabalhando na administração da propriedade e como advogado, atendendo a diversos casos por toda região da colônia de Massachusetts (MCCULLOUGH, 2001, p. 69). Em 1773, a situação entre os colonos da Nova Inglaterra e a metrópole se radicalizam novamente devido ao evento conhecido como *Boston Tea Party*, em que um grupo de colonos destruiu uma série de propriedades inglesas, levando o governo em Londres a fechar o porto de Boston e declarar um conjunto de leis conhecidas popularmente como “Leis Intoleráveis” (KARNAL, 2014, p. 79-80).

A partir de então, as treze colônias na América passaram a se organizar de maneira mais eficiente, e rumores de um conflito se espalharam. Formou-se um conselho que reuniria representantes de todas as colônias inglesas na América, onde seriam discutidas e deliberadas ações em conjunto para contornar os rumos das indisposições frente aos ingleses. Reunido pela primeira vez em 1774, o conselho foi nomeado Congresso Continental da Filadélfia, sediado na cidade que o nomeava. Os eleitos para representar a colônia de Massachusetts foram Robert T. Paine, Thomas Cushing, Samuel Adams e John Adams. Desse momento em diante, Adams passou a se envolver diretamente nos eventos políticos formadores da Revolução Americana (KARNAL, 2014, p. 83; MCCULLOUGH, 2001, p. 71). Foi a primeira vez que o futuro estadista americano passou quantidade expressiva de tempo longe de sua família e comunidade, chegando a demonstrar certo descontentamento com essa situação, porém entendendo a importância do papel que teria a cumprir (BUTTERFIELD, 1963 v.2, p. 289-290).

O primeiro Congresso Continental adotou postura conservadora, sem demonstrar viés separatista. Buscou-se argumentar com a coroa a necessidade de representação dos colonos perante o parlamento e determinou algumas sanções. A resposta inglesa foi dúbia, já que, ao mesmo tempo, cedeu em algumas reivindicações dos colonos, mas incrementou a presença militar em algumas colônias (KARNAL, 2014, p. 83). Ao retornar do Congresso Continental, John Adams deparou-se com uma série de artigos publicados no jornal *Massachusetts Gazette* defendendo as políticas imperiais britânicas e questionando as posturas adotadas pelos liberais norte-americanos. Os ensaios eram escritos sob o pseudônimo *Massachusettensis* e motivou Adams a redigir uma série de cartas publicadas no mesmo jornal com o objetivo de refutar as argumentações. Ele escreveu esses textos sob o pseudônimo de *Novanglus*, produzindo um dos mais avançados argumentos coloniais contra a política imperial britânica (THOMPSON, 2000, p. 125). James Farrell comenta no artigo intitulado *New England's Cicero: John Adams and the rhetoric of*

conspiracy (1992, p. 55) que o debate entre *Massachusettensis* e *Novanglus* foi “a mais importante batalha de jornais da Revolução”. Ainda nesse artigo, Farrell explora como Adams baseou sua argumentação sobre a conspiração inglesa contra os colonos ao redigir em estilo ciceroniano, inspirado nas Catilinárias (FARRELL, 1992, p. 57).

Concomitante à disputa enfrentada por Adams nos jornais, a elevada presença de tropas inglesas nas colônias desencadeou os confrontos de Lexington e Concord, culminando no ataque britânico de Bunker Hill, todos no ano de 1775 (REMOND, 1989, p. 19-20). Os confrontos aceleraram a convocação para o segundo Congresso Continental da Filadélfia para deliberar sobre as agressões inglesas e a postura a ser adotada pelas colônias. John Adams estava presente, novamente como representante de Massachusetts, tendo participação direta em duas das principais decisões tomadas pelo Congresso. A primeira foi seu discurso para a nomeação de George Washington como Comandante Supremo do Exército Continental. Não possuímos registros escritos das deliberações do congresso por motivo de segurança de seus participantes (MCCULLOUGH, 2001, p. 99), mas Adams comenta sobre a forma por que proferiu esse discurso em sua autobiografia:

Portanto, quando o congresso estava reunido eu levantei em meu lugar e com um curto discurso, como o tema requeria, representando o estado das colônias, a incerteza na mente das pessoas, suas grandes expectativas e ansiedades, as angústias de um exército, o perigo de sua dissolução, a dificuldade em reunir outro, e a probabilidade de que o exército britânico se beneficiaria de nossos atrasos, marchando de Boston e espalhando desolação até onde pudessem ir. Eu concluí com uma Moção com o objetivo que o Congresso adotasse um exército em Cambridge e apontasse um General, embora não fosse o melhor momento para uma nomeação, ainda que eu tivesse razão em acreditar que seria um ponto de grande dificuldade, eu não hesitei em declarar que tinha apenas um cavalheiro em minha mente para tal importante comando, e era um cavalheiro da Virgínia que estava entre nós e muito bem conhecido por todos, um cavalheiro cuja habilidade e experiência como oficial, cujo destino independente, grandes talentos e excelente caráter universal, comandaria com a aprovação de toda a América, e uniria os esforços cordiais de todas as colônias melhor do que qualquer outro na União. Sr. Washington, que sucedeu estar perto da porta, assim que ouviu minha alusão a ele, de sua modéstia usual, lançou-se em direção à biblioteca⁴⁴ (ADAMS, 1961, p. 322-323).

⁴⁴“Accordingly When congress had assembled I rose in my place and in as short a Speech as the Subject would admit, represented the State of the Colonies, the Uncertainty in the Minds of the People, their great Expectations and Anxiety, the distresses of the Army, the danger of its dissolution, the difficulty of collecting another, and the probability that the British Army would take Advantage of our delays, march out of Boston and spread desolation as far as they could go. I concluded with a Motion in form that Congress would Adopt the Army at Cambridge and appoint a General, that though this was not the proper time to nominate a General, yet as I had reason to believe this was a point of the greatest difficulty, I had no hesitation to declare that I had but one Gentleman in my Mind for that important command, and that was a Gentleman

A indicação de Washington para o comando foi uma escolha prudente, situando a Virgínia numa posição de poder e prestígio, mas o relato de Adams indica mais do que um simples orgulho por essa indicação. Ao relatar que seu discurso foi crucial para a designação de Washington, ele se posiciona como o vetor para o sucesso do processo Revolucionário. Ao se colocar associado à figura do futuro primeiro presidente, Adams indica ao leitor que o sucesso militar da Revolução foi, também, devido à sua figura (FARRELL, 1989, p. 516). É clara a semelhança com a ação de Cícero, considerado *imperator togatus* após ter proferido as Catilinárias, comparando-se a grandes comandantes militares do passado e com o próprio Pompeu, chegando a sugerir uma aliança entre o *imperator militaris* e o *imperator togatus* (MAY, 2002, p. 9). Além de se inspirar profissionalmente na figura do orador romano, Adams prefigurou diversos eventos acontecidos em sua vida com os ocorridos com Cícero (FARRELL, 1989, p. 507), no momento em que o político americano, ao se aposentar da vida pública, se interpelava sobre sua reputação histórica, principalmente em deixar um legado como orador da Revolução⁴⁵.

O segundo momento de participação direta de Adams nas discussões do Congresso Continental tratava sobre a declaração, ou não, de separação frente ao domínio britânico. Os debates foram longos, porém Adams sempre se prontificava a rebater todos os pontos contrários a uma separação, sendo um dos principais representantes a defender essa posição nas reuniões do Congresso (MCCULLOUGH, 2001, p. 98). Durante os debates, dois panfletos, tratando sobre a ideia de separação, produziram efeitos sobre a população nas colônias. Escrito pelo imigrante inglês Thomas Paine, a obra *Common sense* atravessou todas as colônias, clamando pela separação imediata e elevando o espírito acerca da independência. Estima-se que cerca de cem mil cópias chegaram a ser produzidas, tiragem extensa para a dimensão das colônias à época (MCCULLOUGH, 2001, p. 96-97). Enquanto essa obra teve um caráter mais popular e motivador de uma ação separatista frente aos ingleses, o segundo panfleto de grande circulação, mas com menor apelo popular, foi *Thoughts on government* escrito por John Adams. O panfleto já esboçava proposta de estrutura governamental e como deveria ser organizada uma

from Virginia who was among Us and very well known to all of Us, a Gentleman whose Skill and Experience as an Officer, whose independent fortune, great Talents and excellent universal Character, would command the Approbation of all America, and unite the cordial Exertions of all the Colonies better than any other Person in the Union. Mr. Washington, who happened to sit near the Door, as soon as he heard me allude to him, from his Usual Modesty darted into the Library Room” (ADAMS, 1961, p. 322-323).

⁴⁵ Sobre essa necessidade de marcar sua posição histórica ver: FARRELL, James M. John Adams's Autobiography: The Ciceronian Paradigm and the Quest for Fame. *The New England Quarterly*, Vol. 62, No. 4 (Dec., 1989), pp. 505-528.

constituição para a República numa eventual secessão do Império Britânico (THOMPSON, 2000, p. 242).

No dia 10 de maio de 1776, em conjunto com o representante da Virgínia, Richard Henry Lee, Adams levou adiante a recomendação para votação no Congresso de que “as colônias na América assumissem todos os poderes de governo” (MCCULLOUGH, 2001, p. 108). Os discursos não foram registrados, mas o preâmbulo foi aprovado em 15 de maio, garantindo que os esforços feitos por Adams levassem adiante o processo de separação. Após a aprovação, uma declaração necessitava ser escrita, e para isso foi formado um comitê, contando com a presença de Adams, em que se decidiu que o representante da Virgínia, Thomas Jefferson, ficaria a cargo da escritura do documento, que deveria ser aprovado pelo comitê antes de ser levado ao Congresso. Ocorreram ajustes internos, principalmente por parte de Adams e Benjamin Franklin, na primeira versão deste documento, que foi posteriormente levado ao Congresso para aprovação dos representantes ali presentes (MCCULLOUGH, 2001, p. 122).

O debate para a aprovação da Declaração de Independência se concentrou em duas figuras, John Dickinson, representante da Pensilvânia, e John Adams. Mais uma vez, não temos registros desses discursos, apenas relatos posteriores dos participantes, como os apresentados na biografia escrita por McCullough:

[...] foi o mais poderoso e importante discurso escutado no Congresso desde a primeira vez que se reuniu, e o maior discurso da vida de Adams, não há dúvidas.

Para Jefferson, Adams foi ‘não gracioso ou elegante, nem notavelmente fluente’ mas falou ‘com grande poder de raciocínio e expressão que nos moveu de nossos assentos’. Relembrando o momento, Adams teria dito que ele se deixou levar, ‘levado pelo espírito’, como pregadores entusiasmados diziam sobre si mesmos. Para Richard Stockton, um dos delegados de Nova Jérsei, Adams foi ‘o Atlas’ do momento, ‘o homem a quem o país mais estava em dívida pela grande medida da independência... Ele que sustentou o debate, e pela força de seu raciocínio demonstrou não somente a justiça, mas a conveniência da medida’⁴⁶ (MCCULLOUGH, 2001, p. 127).

⁴⁶ “(...) *it was the most powerful and important speech of Adam’s life, there is no question. To Jefferson, Adams was ‘not graceful nor elegant, nor remarkably fluent’ but spoke ‘with a power of thought and expression that moved us from our seats’. Reccalling the moment long afterward, Adams would say he had been carried out of himself, ‘carried out in spirit’, as enthusiastic preachers sometimes express themselves’. To Richard Stockton, one of the new delegates of New Jersey, Adams was ‘the Atlas’ of the hour, ‘the man to whom the country is most indebted for the great measure of independency...He was who sustained the debate, and by the force of his reasoning demonstrated not only justice, but the expediency of the measure’*” (MCCULLOUGH, 2001, p. 127).

Posteriormente, em sua autobiografia, ele sugeriu que seu discurso pela Independência era digno de comparação com as *Filípicas* de Demóstenes, e as *Catilinárias* de Cícero (FARRELL, 1989, p. 520). A sessão do congresso que decidiu pela aprovação unânime, apenas com a abstenção de Nova York, ocorreu no dia dois de julho de 1776. Curiosamente, não temos registros de nenhuma atividade relevante no dia 04 de julho, dia que acabou ficando popularmente conhecido como Dia da Independência (MCCULLOUGH, 2001, p. 136). Adams fez questão de marcar esse evento em uma carta enviada a Abigail no dia três de julho de 1776:

[...]. Ontem a grande questão foi decidida, a maior que já foi debatida na América, e maior ainda que já tenha sido decidido, ou quiçá se decidirá entre os homens. Uma resolução foi aprovada sem uma colônia discordando 'que estas colônias unidas, são, e por direito deverão ser estados livres e independentes, e como tais, elas têm, e por direito deverão ter completos poderes para provocarem guerra, concluir paz, estabelecer comércio, e fazer quaisquer atos, que qualquer outro estado possa legitimamente fazer'. Você verá em alguns dias uma Declaração estabelecendo as causas que nos impeliram a essa poderosa Revolução, e as razões que as justificam, sob o olhar do Homem e de Deus. Um plano para uma confederação será levantado em alguns dias⁴⁷. [...]
(ADAMS, 1963, p. 27-28)

Com a Declaração de Independência aprovada, criou-se um comitê de embaixadores que deveriam ser despachados na busca de aliados para a causa das colônias, tendo a França como a primeira opção. A partir daquele momento a atuação política de Adams aconteceu no exterior, onde ele serviu como embaixador na França até meados de 1779 (PEEK JR., 1964, p. xv; MCCULLOUGH, 2001, p. 191; 211; 218). Logo após seu retorno à América, ele foi selecionado como representante de Braintree para a Convenção Constitucional de Massachusetts, tornando-se uma das primeiras colônias, em concomitância com Virgínia, a redigirem sua constituição, sendo ambas os principais modelos de inspiração para a redação da própria constituição americana (MCCULLOUGH, 2001, p. 220). Inspirado pelo seu panfleto *Thoughts on government* de 1776, Adams redigiu novo ensaio intitulado *A Constitution or form of government for the Commonwealth of Massachusetts*, publicado por volta de outubro de 1779 (MCCULLOUGH, 2001, p. 221). Seu ensaio foi crucial

⁴⁷ [...] Yesterday the greatest Question was decided, which ever was debated in America, and a greater perhaps, never was or will be decided among Men. A Resolution was passed without one dissenting Colony "that these united Colonies, are, and of right ought to be free and independent States, and as such, they have, and of Right ought to have full Power to make War, conclude Peace, establish Commerce, and to do all the other Acts and Things, which other States may rightfully do." You will see in a few days a Declaration setting forth the Causes, which have impell'd Us to this mighty Revolution, and the Reasons which will justify it, in the Sight of God and Man. A Plan of Confederation will be taken up in a few days. [...]
(ADAMS, 1963, p.27-28).

para a definição da constituição de Massachusetts, considerada extremamente democrática, já que os órgãos de poder eram escolhidos anualmente, como na república romana. A constituição definiu três poderes separados e independentes entre si, aplicando um sistema de pesos e contrapesos sofisticado no qual se estabelecia um poder legislativo tricameral, contando com a participação do governador, que possuía veto absoluto (THOMPSON, 2000, p. 249).

Mesmo tendo escrito uma obra que influenciou profundamente a aprovação da constituição de Massachusetts em 1780, Adams não participou da votação que promulgou a carta de direitos da colônia. Ao final de 1779, novamente Adams fora escolhido como embaixador, mas dessa vez para negociar acordos de paz e de comércio, sendo mais uma vez designado para a França (MCCULLOUGH, 2001, p. 25-26; PEEK JR., 1964, p. xv). A carreira diplomática de Adams foi extensa. Após a França, foi enviado para buscar empréstimos com os holandeses, tendo êxito nessa tarefa durante o ano de 1782, após as forças conjuntas de americanos e franceses provocarem a rendição de Lorde Cornwallis na batalha de Yorktown no ano anterior. A comissão encarregada de formalizar um tratado de paz com os britânicos foi composta por John Adams, Benjamin Franklin, John Jay e Henry Laurens (PEEK JR., 1964, p. xvi; KARNAL, 2014, p. 94; REMOND, 1989, p. 22-23).

Durante todo o período em que esteve no exterior, Adams manteve contato com sua esposa e outros colegas na América. Sua produção epistolográfica é vasta, e foi editada na obra organizada por Lyman H. Butterfield *Adams Family Correspondence* (1963), contendo cartas produzidas entre os anos de 1761 e 1798 (BUTTERFIELD, 1963, p. xix). A fluência da correspondência entre os dois cônjuges é vasta e muito bem documentada, mas a partir de 1784, as cartas para Abigail cessam, já que ela passou então a residir com o marido em Paris e, posteriormente, a família se mudou para Londres devido ao novo cargo de Adams como ministro das relações entre os Estados Unidos da América e a Inglaterra, cargo que ocupou entre os anos de 1785 e 1788 (MCCULLOUGH, 2001, p. 293; 330; 389).

Enquanto servia como ministro das relações exteriores na corte britânica, o Congresso na América definia uma Constituição a ser aplicada no país. Mesmo à distância e preocupado com os rumos que poderiam ser tomados na elaboração de uma *Carta Magna*, Adams produziu em Londres uma obra publicada em três volumes intitulada *A defence of the Constitutions of Government of the United States of America*, em que ele buscava reforçar

parâmetros importantes para a constituição americana, como governo misto, com pesos e contrapesos, um executivo forte com poder de veto, um legislativo bicameral e um judiciário independente, como também saía em defesa das constituições estaduais que apresentavam apoio a seus argumentos (MCCULLOUGH, 2001, p. 374; PEEK JR., 1964, p. 97-98; PAYNTER, 1996, p. 532).

A obra foi relativamente bem recebida, principalmente o primeiro volume, refletindo em influência para a escrita da Constituição, mesmo sem sua participação direta. Desde sua participação nos primeiros Congressos Continentais, Adams havia passado mais tempo no estrangeiro do que em seu país, e isso pode tê-lo afastado das discussões mais pertinentes em determinado contexto. O texto de *Defence* serviria para reintroduzi-lo no debate político e a seus compatriotas, mesmo que alguns tenham interpretado a obra como dotada de intenções monarquistas (MCCULLOUGH, 2001, p. 378-379; PAYNTER, 1996). O distanciamento da América apontou, para alguns, a falta de sintonia em que Adams esteve em relação aos políticos que conduziam os processos na América, como Gordon Wood comenta:

Por todo seu intenso envolvimento em constitucionalismo e por toda sua perspicácia sobre o caráter da América, e o seu próprio, Adams nunca compreendeu realmente o que estava acontecendo com os fundamentos do pensamento político americano nos anos após 1776⁴⁸ (WOOD, 2006, p. 176).

Em março de 1778, Adams e sua família partiram de Londres e retornaram à América, encerrando o trabalho do *fundador* em solo internacional, passando ele a participar dos eventos políticos ligados diretamente aos Estados Unidos. As lideranças políticas haviam mudado, muitos dos colegas que participaram com Adams nos Congressos Continentais e eventos políticos anteriores a seus cargos no estrangeiro haviam se aposentado ou falecido. Muito se questionava dos caminhos políticos que ele poderia adotar (MCCULLOUGH, 2001, p. 391-392).

No início de 1789, desenvolveu-se o primeiro processo eleitoral da recém estabelecida República dos Estados Unidos da América. Pelos dispositivos apresentados na constituição, o candidato com o maior número de votos pelo colégio eleitoral seria eleito presidente, o segundo colocado ocuparia a vice-presidência. Como esperado, George

⁴⁸“For all his intense involvement in constitutionalism and for all his insight into his own and America’s character, Adams never really comprehended what was happening to the fundamentals of American political thought in the years after 1776” (WOOD, 2006, p. 176)

Washington recebeu um total de 69 votos, enquanto Adams, detentor do segundo lugar, recebeu 34 votos, ocupando a cadeira da vice-presidência de Washington pelos próximos oito anos, já que ele acabou por ser reeleito em 1793 (MCCULLOUGH, 2001, p. 394-394).

Mesmo tendo enfrentado os desafios que levaram à formulação da Revolução Americana, os encargos do poder executivo trouxeram custo elevado à imagem política de Adams, culminando com sua aposentadoria da vida pública após perder a reeleição para Thomas Jefferson no ano de 1801. David McCullough indica o sentimento de Adams ao relatar que “todas as frustrações e sentimentos de estagnação que acompanharam a vice-presidência, tudo aquilo que muitos outros que seguiriam ao cargo iriam lamentar posteriormente, foram sentidos imensamente pelo primeiro vice-presidente”⁴⁹ (2001, p. 411-412). As disputas políticas passaram a se intensificar, os grupos dos Federalistas e Anti-Federalistas começaram a se desenhar, influenciando profundamente o jogo político. Adams não ficou isento desses debates e ataques, e tentou durante a vice-presidência ter suas convicções acerca do poder executivo e da constituição esclarecidas, não obtendo a relevância desejada e apenas promovendo uma série de ataques à sua pessoa ao passar a ser identificado como monarquista por opositores (MIROFF, 1986; 1987; RYERSON, 1995).

Os dois mandatos de Washington foram relativamente tranquilos. Os grupos políticos começavam a se identificar melhor e aos poucos passaram a disputar os bastidores dos assuntos governamentais. Relativamente frustrado com seu papel enquanto homem público, ainda assim Adams teve papel relevante no governo. Ele foi responsável por trinta e um votos de desempate no Congresso, todos a favor da administração, e é até hoje o vice-presidente que mais decisões tomou (MCCULLOUGH, 2001, p. 460). Mesmo com o desenvolvimento de disputas internas, a escalada de tensões com o governo revolucionário francês, o governo Washington-Adams foi considerado bem-sucedido.

Com o anúncio de que se aposentaria para retornar à sua propriedade, Washington deixou livre a presidência em 1796. Adams não era um substituto que possuísse o mesmo apoio que seu colega de administração, mas ainda assim foi eleito para o cargo de presidente poucos votos à frente de Thomas Jefferson. Este aceitou o cargo de vice-presidente,

⁴⁹*All the frustration and feelings of stagnation that went with the vice presidency, all that so many others who followed in the office were to bemoan down the years were felt intensely by the first Vice Presidency* (MCCULLOUGH, 2001, p. 411-412).

formalizando-se o novo governo a partir de 1797 (MCCULLOUGH, 2001, p. 467; FERLING, 2003, p. 402).

Para John Ferling (2003, p. 405-406), a presidência de Adams, bem como os últimos anos da primeira década da nascente República americana, fora marcada por dois acontecimentos anteriores à posse. Um esteve além de seu controle e outro acabou sendo uma criação própria do recém-empossado: a deterioração das relações com o governo francês e a escolha de manter o gabinete de Washington. Aos poucos os homens escolhidos por Adams para compor seu governo foram se aproximando mais da influência de Hamilton, antigo ministro e líder dos Federalistas, que, mesmo sem ligação direta às ações governamentais, exercia grande influência. Tendo uma percepção mais apurada do jogo político, Jefferson compreendeu que a fidelidade dos ministros não pertencia integralmente ao presidente, e chegou, inclusive, a escrever uma carta para alertá-lo, mas James Madison “achou imprudente aconselhar o líder de um outro partido” (FERLING, 2003, p. 407-408).

Um fenômeno impactante na imberbe política governamental americana foi o desenvolvimento de “facções” ou “partidos” políticos. Os grupos passaram a se formar desde os primeiros debates sobre a Constituição. Os dois principais antagonistas desse contexto foram os Republicanos, encabeçados por Thomas Jefferson, e os Federalistas, tendo Alexander Hamilton como seu principal expoente. Os dois grupos divergiam no tema que, até os dias de hoje, se faz fortemente presente na realidade política americana: direitos dos Estados *vs* direitos do Governo Federal. Os Republicanos defendiam que o governo federal deveria interferir o mínimo possível nos direitos e na vida das pessoas, já os Federalistas sustentavam que o governo federal deveria ser mais centralizado e deter influência sobre algumas determinações da população (REMÓND, 1989, p. 34). John Adams sempre foi muito avesso às políticas partidárias, mas suas concepções políticas acabavam sendo identificadas com os Federalistas, mesmo com ele buscando se manter independente. Isso acabou levando-o ao isolamento político e deixando-o apartado tanto de Republicanos quanto de Federalistas (FERLING, 2003, p. 408; WOOD, 1993, p. 585; WOOD, 2006, p.193).

Outro ponto de tensão durante a administração de Adams foi o agravamento das relações com a França. Desde 1789, a França passava por um processo revolucionário conturbado, afetando suas relações com a Europa e também com os Estados Unidos. O apoio ou não à causa francesa também teve impacto nas disputas partidárias americanas. Jefferson e os

Republicanos enxergavam no movimento francês similaridades com o processo americano, apoiando seus desdobramentos. Já os Federalistas, e Adams também se incluía nesse grupo, viam a Revolução com desconfiança, principalmente por seu radicalismo durante o governo Jacobino. Assim, o governo americano nunca enfatizou fortemente seu apoio ou repreensão ao movimento francês, iniciando longa trajetória de distância em relação às repercussões da política externa europeia (REMÓND, 1989, p. 34).

O impasse frente à situação francesa levou ao distanciamento de relações entre Adams e Jefferson, pois o presidente desejava a qualquer custo manter boas relações tanto com a França quanto com a Inglaterra, opositora do movimento francófono. O vice-presidente preferia certo afastamento com a antiga metrópole e a aproximação com os antigos aliados. Os ânimos de Federalistas e Republicanos se exaltaram quando navios mercantes americanos foram atacados por navios franceses, levando Adams a se precaver por meio de medidas protetivas como a formação de um pequeno programa de produção naval, assim como a organização, mas não o recrutamento de um exército (PERKINS, 1993, p. 105). As medidas foram fortemente criticadas por Jefferson, consideradas atos de guerra pelos Republicanos.

Com o radicalizar das relações com a França no conhecido caso XYZ⁵⁰ e a aprovação do *Alien and Sedition Act*⁵¹ em 1798, a imagem de Adams se tornou mais impopular. Adams não desejava uma guerra, e todos os esforços de seu governo foram para evitar que uma declaração de guerra formal fosse efetuada. Mesmo com todas as hostilidades, o evento ficou conhecido como *French-American Quasi-War*. Boa parte desses desdobramentos foram maquinados por Alexander Hamilton, que mesmo fora do governo exercia grande influência sobre diversos ministros e membros do legislativo. Para encerrar as hostilidades e acabar com a possibilidade de uma guerra, Adams tomou uma iniciativa que lhe custaria a reeleição. Decidiu enviar embaixadores para formalizar um acordo e propôs a suspensão da conscrição do exército que vinha sendo formado. O Senado, dominado por Federalistas ligados a Hamilton, vetou; porém Adams ameaçou renunciar

⁵⁰ Cerca de três ministros franceses, indicados pelas letras X, Y e Z, informaram aos embaixadores americanos que poderiam garantir uma melhora nas relações se pagassem uma propina de duzentos e cinquenta mil dólares e oferecessem um empréstimo de vinte milhões de dólares ao governo Francês. Os embaixadores recusaram veementemente, expondo, posteriormente os oficiais, deteriorando ainda mais as relações com a França (MURRIN *et al.*, 2008, p. 279)

⁵¹ Uma série de leis que visava aumentar o controle sobre a população de imigrantes e possíveis inimigos ao governo americano (MURRIN *et al.* 2008, p. 280).

e entregar o governo a Jefferson, levando o Senado a aprovar a comissão (PERKINS, 1993, p. 105; MURRIN *et al.*, 2008, p. 281).

Em outubro de 1800, na convenção de Mortefontaine, foi determinado um tratado pelo qual as hostilidades deveriam cessar. O acordo retirou os Estados Unidos dos compromissos com a França que datavam desde 1778, libertando a política externa americana dos direcionamentos franceses. O ato provocou a revolta dos Federalistas ligados a Hamilton e a exoneração de dois ministros. Adams sabia que havia sacrificado sua reeleição em troca da paz (PERKINS, 1993, p. 106-107; MURRIN *et al.*, 2008, p. 282).

A campanha eleitoral de 1800, nas palavras de McCullough “rapidamente se tornou uma disputa de vilipêndio pessoal, ultrapassando qualquer eleição presidencial na história americana”⁵² (2001, p. 543). Os candidatos pelo partido Federalista foram John Adams e Charles Pinckney, e pelos Republicanos Thomas Jefferson e Aaron Burr (FERLING, 2004, p. 6). Hamilton publicou um panfleto intitulado *A letter from Alexander Hamilton, concerning the public conduct and character of John Adams, Esq., President of the United States*, no qual atacou diretamente a imagem política de Adams e suas realizações, apontando algumas ressalvas quanto a seu patriotismo e integridade, já que não fez nenhuma acusação de corrupção. No final, buscou dizer que ele deveria ser apoiado igualmente quanto Pinckney na eleição (MCCULLOUGH, 2001, p. 549-550). Esse documento dividiu os Federalistas, arruinando qualquer chance de vitória de Adams.

Mesmo com a carta escrita por Hamilton, e os constantes ataques proferidos pela imprensa que apoiava Jefferson e os Republicanos, a votação foi apertada. Adams recebeu sessenta e cinco votos, Pinckney recebeu sessenta e quatro, já Jefferson e Burr, como esperado ficaram à frente, porém empatados com setenta e três votos, e mais uma vez caberia ao congresso decidir (FERLING, 2004, p. 153; MURRIN *et al.*, 2008, p. 283; MCCULLOUGH, 2001, p. 556). O impasse no congresso seguiu por alguns dias, até a escolha definitiva de que Jefferson ocuparia a presidência e Burr seria seu vice. Logo após a definição da eleição, o Senado aprovou o acordo estabelecido com os franceses, garantindo, definitivamente, a paz entre Estados Unidos e França, vitória que não foi capitalizada por Adams em relação à possível reeleição. Como um dos últimos atos de

⁵²Rapidly became a contest of personal vilification surpassing any presidential election in American history (MCCULLOUGH, 2001, p. 543).

sua presidência, e talvez um dos mais impactantes para a história jurídica americana, Adams designou John Marshall como Chefe da Justiça, o principal juiz da Suprema Corte e a referência do sistema judiciário federal americano. O senado aprovou rapidamente a escolha e Marshall serviu por aproximadamente trinta e cinco anos à frente da Suprema Corte, sendo considerado como um dos maiores juristas da história dos Estados Unidos (MCCULLOUGH, 2001, p. 560).

No dia quatro de março de 1801, John Adams retirou-se da recém construída e inaugurada capital Washington para retornar a Quincy, a antiga Braintree agora renomeada. Partiu antes mesmo do juramento e posse de Thomas Jefferson, evidenciando um pouco de seus sentimentos sobre toda a campanha política do ano anterior, bem como a deterioração de sua relação com Jefferson (MCCULLOUGH, 2001, p. 564).

A partir desse momento, John Adams aposentou-se da vida pública, deixando para trás uma carreira que atravessou os grandes eventos da Revolução Americana. Retirou-se para a casa da família em Quincy, onde passou o restante dos dias cuidando dos afazeres campestres e estudando as obras de seu interesse, principalmente Cícero. O filho mais velho, John Quincy Adams, fazia visitas constantes, sendo a sua grande conexão com os eventos políticos, já que em 1803 o jovem Adams foi eleito para o Senado. Por insistência do filho, Adams começou uma autobiografia, nunca finalizada (MCCULLOUGH, 2001, p. 576).

A preocupação com sua posteridade marcou esse momento da vida de Adams, e sua inconclusa autobiografia serviria para provar “a falsidade desse abuso e ódio massivo sobre meu caráter, com o qual jornais, cartas privadas, panfletos públicos e histórias me desonraram por trinta anos”⁵³ (ADAMS, 1961, v.3, p. 253). James Farrell analisa o texto biográfico de Adams como “uma história pessoal de seus mais importantes momentos retóricos, uma história pessoal que foi guiada tanto por um ideal ciceroniano quanto pelas realidades temporais de sua própria vida”⁵⁴ (FARREL, 1989, p. 512). Essa perspectiva é apresentada na primeira parte da autobiografia, desenvolvida de forma mais narrativa, porém as continuações não mantêm a mesma estrutura textual, resumindo-se a citações

⁵³*the falsehood of that Mass of odious Abuse of my Character, with which News Papers, private Letters and public Pamphlets and Histories have been disgraced for thirty Years*(ADAMS, 1961, v.3, p. 253).

⁵⁴ [...] *as a personal history of his most important rhetorical moments, a personal history that was guided as much by the Ciceronian ideal as by the temporal realities of his own life* (FARREL, 1989, p. 512).

de diários e cartas pessoais, encerrando a escrita no meio de sua carreira política (FARREL, 1989, p. 510).

Após quatro anos em que fez pouco contato com outros colegas da geração revolucionária, Adams iniciou vasta correspondência abordando os eventos revolucionários bem como os rumos que o país tomaria. Um de seus principais contatos foi o médico Benjamin Rush, com quem manteve amizade até o fim de seus dias (MCCULLOUGH, 2001, p. 588; WELTER, 1950, p. 235). E graças à influência de Rush, Adams foi convencido, a partir de 1809, a repensar a sua relação com Thomas Jefferson, então aposentado após servir dois mandatos presidenciais. Adams, a princípio, foi relutante, porém, a partir de 1812, sob influência de Rush, Adams e Jefferson retomaram a amizade e produziram vasto acervo epistolográfico, talvez um dos mais importantes da história dos Estados Unidos (MCCULLOUGH, 2001, p. 599; 603; CAPPON, 1959, p. xlv).

Por cerca de quinze anos, entre 1812 e 1826, Adams e Jefferson trocaram correspondências, debatendo diversos assuntos, abordando o contraste entre ambos, desavenças políticas, questões pessoais, controvérsias sobre legislação. Como Rush Welter define “[...] em argumentos que eram geralmente sobre os meios e não os fins”⁵⁵ (WELTER, 1950, p. 234). O conjunto de missivas trocadas pelos dois *Fundadores* pode ser acessado através do trabalho realizado por Lester J. Cappon ao editar a obra *The Adams-Jefferson letters: the complete correspondence between Thomas Jefferson and Abigail and John Adams* (1959). Para Cappon, as correspondências dos dois promovia a ligação entre o republicanismo do século XVIII e a democracia do século XIX (CAPPON, 1987, p. xlvi).

No dia quatro de julho de 1826, na data de aniversário dos cinquenta anos da Revolução, John Adams faleceu de maneira pacífica em sua residência na cidade de Quincy (MCCULLOUGH, 2001, p. 646). Um fato curioso é que Thomas Jefferson veio a falecer no mesmo dia em Monticello na Virgínia (MCCULLOUGH, 2001, p. 646). Adams teve a possibilidade de ver seu filho, John Quincy Adams, tomar posse como o sexto presidente da República dos Estados Unidos da América, desejando melhores rumos a seu governo do que os que o dele havia tomado (MCCULLOUGH, 2001, p. 640-641).

⁵⁵ [...] *in arguments which were usually over means rather than ends* (WELTER, 1950, p. 234)

A importância de John Adams para todo o processo revolucionário americano é inegável, mesmo com todos os problemas e percalços pelo qual passou. Sua contribuição para a permanência e influência das obras clássicas gregas e romanas no mundo político norte americano é outro elemento, não tão perceptível e destacado quanto o primeiro, mas igualmente relevante para a compreensão dos fundamentos para a nascente República. A busca pela idealização dos modelos políticos latinos bem como a direta influência ciceroniana são indissociáveis para se analisar a produção de John Adams. As produções gregas e latinas, especialmente as de Cícero, foram trazidas à tona em diferentes momentos, seja na execução das tarefas forenses de Adams, bem como nas cortes, nos debates políticos revolucionários ou até mesmo nas suas inclinações particulares como ideais e práticas cotidianas.

SEGUNDO CAPÍTULO

Adams e Cícero: o ponto da Recepção.

Analisar como se organizou a influência de um pensador e político romano sobre um advogado e estadista norte americano, apartados por quase dois milênios de distância, é uma tarefa complicada que necessita de uma série cuidadosa de precauções para não cair em generalizações simplistas ou praticar anacronismos das mais variadas formas. Stephen Botein argumenta que perceber a presença de elementos gregos e romanos sobre a chamada *cultura ocidental*, conseqüentemente influenciando a cultura americana, é proposição óbvia e inquestionável. Mas demonstrar como obras da Antiguidade clássica helênica e latina teriam moldado o comportamento e as ideias de um dos *Pais Fundadores* dos Estados Unidos é um debate completamente distinto (BOTEIN, 1978, p. 313).

No exame de como se deu a transmissão de valores e ideias em contexto diferente para o qual foram criados e praticados, optamos por abordar como essa Antiguidade fora usada ou como essas referências funcionaram no contexto americano de meados dos Setecentos (BOTEIN, 1978, p. 313). Mais do que hierarquizar, como se, necessariamente, a compreensão do sentido anterior determinasse diretamente o subseqüente, nossa proposta de abordar a Recepção Clássica requer o diálogo entre as temporalidades, de qualquer forma como ele se apresenta, da conversação que flui em dois sentidos; mais do que apenas uma voz sobrepondo a outra, algo que fosse transdisciplinar (BAKOGIANNI, 2016, p. 98; 102).

Antes de passarmos para a maneira como vamos abordar essa Recepção, necessitamos conectar nossos objetos de análise. Um dos objetivos a que nos propomos ao apresentar a forma como a cultura clássica latina e grega era vivida em meados do século XVIII foi criarmos um espaço comum onde Cícero e John Adams pudessem dialogar. Meyer Reinhold estabelece que:

Foi sobre John Adams que Cícero teve a maior influência entre os primeiros americanos. De sua juventude até sua velhice o proeminente modelo de comportamento para Adams em sua carreira jurídica, sua oratória, estilo literário, escrita epistolar, e autoimagem como estadista e teorista político foi consistentemente Cícero, popularmente conhecido

como *Tully* entre ingleses e americanos no século XVIII⁵⁶ (REINHOLD, 2015, p. 46).

Como nas palavras do próprio Adams aos setenta e cinco anos em carta para se amigo Benjamin Rush, “eu escolhi me confinar a Cícero⁵⁷” (ADAIR; SCHUTZ, 2000, p. 142). Motivado pela reputação histórica que o orador romano possuía, Adams faz esta escolha conscientemente, já que seria um exemplo digno a ser seguido por jovens ambiciosos e com mente cívica, ideal ativo de republicanismo e arquétipo altruísta de patriotismo e virtude cívica (BOTEIN, 1978, p. 315; FARREL, 1992, p. 374).

Decidimos apresentar um recorte sobre três pontos em que a influência ciceroniana se torna fulcral para darmos sustentação a nossa abordagem sobre o processo dessa Recepção em Adams: a retórica jurídica; a teoria política republicana, principalmente a ideia de *Mixed Government*; e influências no âmbito pessoal, como questões envolvendo *virtude* e, nosso principal tópico, o estilo epistolográfico. Os dois primeiros servem de sustentação a nossa abordagem, delimitando a presença de Cícero no âmbito profissional de Adams, enquanto o último tópico constitui nosso argumento principal de análise, especialmente sobre o tratamento epistolográfico de Adams desenvolvido à luz do modelo retórico ciceroniano.

2.1 – Adams e Cícero: Retórica e Oratória jurídica

Cícero era considerado um modelo ideal dentro do ambiente político britânico, tanto europeu quanto americano, idealizado como uma espécie de “santo secular” por sua devoção ao ideal da República Romana e sua oposição à tirania. Não temos acesso com exatidão ao currículo que foi usado na época de Adams, mas como parte de sua preparação para o ingresso em Harvard, certamente ele estudou as Orações e as Epístolas de Cícero (FARREL, 1992, p. 376; REINHOLD, 2015, p. 45). É durante a orientação de Joseph Marsh que Adams adquiriu o primeiro de muitos de seus livros sobre o orador romano, uma coleção das orações de Cícero em latim (BUTTERFIELD, 1966, p. xiii).

⁵⁶ It was upon John Adams that Cicero had the greatest influence among early Americans. From his youth to his old age the preeminent role model for Adams's legal career, his oratory, literary style, letter writing, and self-image as statesman and political theorist was consistently Cicero (popularly known as "Tully" among the English and Americans in the 18th Century) (REINHOLD, 2015, p. 46).

⁵⁷ I choose to confine myself to Cicero. (ADAIR; SCHUTZ, 1962, p. 142).

A relevância de Cícero na formação educacional da elite é uma constante desde a Antiguidade europeia, sendo ele o único escritor romano mencionado por críticos gregos. Seus manuscritos medievais reproduzidos superam em quantidade os de outros autores na mesma época. Diversas de suas orações foram usadas ao longo de séculos como temas escolares, para a prática de como se deveria compor um texto. Suas citações superam a de qualquer autor romano até o século XIX (KENNEDY, 2002, p. 481). Uma das grandes questões sobre sua produção é a utilização de seu trabalho ser mais voltado para assuntos relacionados à retórica, à estilística, à construção textual em si, do que propriamente a questões ligadas à política. Mas não podemos excluir, também, a influência ciceroniana no aspecto da filosofia, para a qual ele trouxe variados elementos da filosofia helenística, adaptando seu vocabulário para a língua latina. É o caso, por exemplo, em *De Officiis*, muito conhecido na Inglaterra e na América, sendo facilmente adaptado ao cristianismo e interpretado como um tratado sobre ética e moral (KENNEDY, 2002, p. 482-483).

Durante o século XVIII, diversas das orações de Cícero seriam determinantes para a criação de um modelo de oratória disseminado no período revolucionário americano, bem como por suas referências ao republicanismo clássico (KENNEDY, 2002, p. 496). Para aqueles que buscavam a prática da advocacia como trabalho, o conhecimento sobre a retórica e oratória romana e helênica, especialmente em relação a Cícero, se tornava a melhor fonte não jurídica para se utilizar dentro da estrutura da profissão, amplamente disseminado na Nova Inglaterra (BOTEIN, 1978, p.314).

Fazer uso desses indivíduos da literatura romana e grega como modelos de identificação era parte de um universo cultural compartilhado pelos *fundadores*, pois a

[...] história antiga providenciou aos fundadores importantes, mesmo que imprecisos, modelos de comportamento pessoal, práticas sociais e forma de governo. Tais modelos deram aos fundadores um senso de identidade e propósito durante as lutas dos períodos Revolucionário e Constitucional⁵⁸ (RICHARD, 1995, p. 53).

Cícero funcionava como um desses modelos de inspiração para jovens patriotas especialmente na Nova Inglaterra, como o próprio John Adams, da mesma maneira como Catão apelava aos gostos dos políticos e revolucionários virginianos⁵⁹ (BOTEIN, 1978,

⁵⁸ (...) *ancient history provided the founders with important, if imprecise, models of personal behavior, social practice, and Government form. Such models gave the founders a sense of identity and purpose during the struggles of the Revolutionary and Constitutional periods* (RICHARD, 1995, p. 53).

⁵⁹ Para melhor percepção sobre a influência de Catão como referência para os revolucionários da Virgínia cf. LITTO, 1972; GREENE, 1976, p. 54-55.

p. 314). Traduções de Cícero feitas por William Guthrie e Thomas Gordon, dois polemistas políticos britânicos, eram amplamente divulgadas tanto na metrópole quanto nas colônias inglesas. Mas duas das principais obras que mais influenciaram a percepção de Adams sobre Cícero foram *Ancient History* de Charles Rollin e *The Life of Marcus Tullius Cicero* de Conyers Middleton, levando-o a adotar o romano como principal modelo de carreira (BOTEIN, 1978, p. 315; RICHARD, 1995, p. 54; 62).

A presença dos trabalhos de Cícero para a formação de Adams é inegável, como comentamos anteriormente e já demonstramos um pouco em sua trajetória no capítulo pregresso, mas é importante salientar como essa relação acontecia em sua prática jurídica. As *Catilinárias* eram leitura recorrente para Adams, como ele mesmo afirma em seu diário:

Quinta-feira, 21 de dezembro, 1758

Ontem e hoje eu li em voz alta as quatro orações de Tullius contra Catilina. A doçura e a grandeza de seus sons, a harmonia de seus números dão prazer suficiente para recompensar a leitura mesmo se alguém não compreender nada de seu sentido. Além disso, eu acho um nobre exercício. Exercita meus pulmões, eleva meu espírito, abre meus poros, acelera a circulação, assim, contribuindo muito para minha saúde⁶⁰ (ADAMS, 1966, p. 63).

Essa passagem é escrita no período em que Adams passou dois anos acompanhando o advogado James Putnam, tendo-o como mentor sobre o estudo das leis e a prática da advocacia. Um de seus primeiros estudos foi trabalhar em traduções de Justiniano, pois assim compensaria sua falta de conhecimento sobre as leis com a familiaridade acerca de autores gregos e latinos (ROBATHAN, 1946, p. 92). Nesse momento de sua vida, Adams se aprofundou em estudos e análises de autores clássicos, como Políbio e Demóstenes, debruçando-se cada vez mais também sobre as produções de Cícero, desenvolvendo uma influência que desejaria aplicar em sua própria carreira, escolhendo conscientemente o Arpinate para tal tarefa. Adams anota em seu diário uma passagem de *De Oratore* (I. 34): “As a stimulus let me insert in this Place [...] Cic. I. De Orat. - Pergite, ut facitis, adolescentes, atque in id studium in quo estis incumbite ut et vobis honori, et amicis

⁶⁰ Thursday, 21 of December of 1758.

Yesterday and to day I have read loud, Tullius 4 Orations against Cataline. The Sweetness and Grandeur of his sounds, and the Harmony of his Numbers give Pleasure enough to reward the Reading if one understood none of his meaning. Besides I find it, a noble Exercise. It exercises my Lungs, raises my Spirits, opens my Pors, quickens the Circulations, and so contributes much to Health.

*utilitati, et Reipublicae emolumento esse possitis*⁶¹ ⁶² (ADAMS, 1961, p. 44-45). O interessante de destacarmos essa parte é que Adams faz uma referência a seu conhecimento sobre os autores clássicos não como enfeite ao discurso público, mas como se fosse um conselho de Cícero para o americano (FARREL, 1992, p. 379; REINHOLD, 2015, p. 46).

Enquanto se preparava para realizar a entrevista para ser aceito como advogado na comarca de Boston, Adams estudava a fundo as estruturas das orações ciceronianas, como nos demonstra James Farrell trazendo outro excerto do diário de Adams:

Pesar e Medo, nas orações de *Tullie* para Milão são proferidas por interrogações e exclamações. *Quid me reducem esse voluistis? An ut, inspectante me, expellerentur ei, per quo sessem restitutus? Nolite obsecro vos, pati mihi acerbiorem Reditum esse, quam fuerit ille ipse Discessus. Nam qui possum putare me restitutum esse, si distrahar ab iis, per quos restitutus sum?...*O ponto, que *Tully* direciona, é a absolvição de Milão. Ele tem medo que os juízes o sentenciarão a morte ou ao exílio. É *Lachrimis non movetur Milo &c.* Seu plano aqui é elevar a admiração deles pela força e lealdade da mente de Milão, e de seu amor da virtude e desprezo pelo exílio. Então ele fala, em pungentes e perspicazes questões aos juízes. *Vos Iudices quo tandem animo Eritis? Memoriam Milonis retinebitis, ipsum ejicietis? Et erit dignior Locus in Terris ullus, qui hanc Virtutem excipiat quam hic qui procreavit?* – Assim eu vejo que qualquer grande agitação da mente irrompe em exclamações e interrogações., - *Vos, vos apelo fortissimi Viri.* Ali tem grande ardor nessa repetição de *Vos, qui multum pro Republica sanguinem effudistis vos in viri et in civis invicti apelo periculo, Centuriones, vos que milites; vobis non modo inspectantibus, sed etiam armatis, et huic Iudicio praesidentibus, haec tanta Virtus ex hac Urbe expellatur? Exterminabitur? Projicietur?* Um apelo aos centuriões e soldados, complementando-os com o epíteto *fortissimi viri* feito com tão solene e veemente repetição *Vos Vos*, e sentindo com tanta sensibilidade, a ingratidão, crueldade e tolice do desterro de um homem que rendeu a Republica tantos serviços importantes e ainda era apto e zeloso a render muitos mais, deve ter trazido lágrimas aos olhos deles e raiva em seus peitos. Sua mente parece oscilar entre indignação a Clódio e admiração de Milão, entre amor e gratidão a Milão pelos seus serviços passados a ele e ao estado, e teme e se apavora de seu exílio. Sua mente é um navio em uma tempestade, arremessado e chacoalhado com grande impetuosidade, de todas as maneiras. Ele irrompe em exclamações aos deuses imortais, e ao feliz litoral que deverá receber Milão quando expulso e ao seu ingrato e miserável país se ele assim o

⁶¹James Farrel se apoia na tradução de E. W Sutton (1979) para essa passagem: “*Go forward therefore, my young friends, in your present course, and bend your energies to that study which engages you, that so it may be in your power to become a glory to yourselves, a source of service to your friends, and profitable members of the Republic*” (FARREL, 1992, p. 379).

⁶² Para uma versão em português, utilizamos a tradução proposta por Adriano Scatolin: “*Sendo assim, continuai como estais fazendo, meus jovens, aplicando-vos ao estudo em que estais trazendo honra para vós mesmos, utilidade para os amigos, proveito para o Estado*” (SCATOLIN, 2009, p. 153)

banir. Eu tomo que essa peroração a Milão deva ser estudada como um modelo de *Páthos*⁶³ (ADAMS, 1966, p. 74-76; 101-103; FARRELL, 1992, p. 380-381).

Esta passagem do diário de Adams demonstra seu profundo interesse nas obras de Cícero, não apenas como modelo a ser imitado, mas com o objetivo de compreender os mecanismos retóricos abordados pelo romano, para assim absorver como deveria se portar e o que fazer diante de um júri. Adams buscava ter Cícero não apenas como modelo de eloquência, mas de prática retórica para a execução de seus afazeres jurídicos. Analisa como fazer uso das emoções, busca entender como o orador organizou sua estratégia e como isso poderia ser aplicado ao advogado em sua época, mantendo diálogo direto com a teoria ciceroniana apresentada em *De Oratore* que discute acerca das emoções (FARRELL, 1992, p. 382).

Relembramos que o trecho analisado está presente quando Adams ainda se preparava para conseguir um título frente à comarca de Boston. Já enquanto advogado reconhecido pela colônia de Massachusetts, uma de suas principais peças jurídicas ganha destaque por ser construída sobre elementos ciceronianos: sua defesa aos soldados ingleses envolvidos no Massacre de Boston no ano de 1770 (REINHOLD, 2015, p. 47). No dia 05 de março de 1770, um agrupamento de soldados britânicos aquartelados como parte do regimento britânico em Boston acabou alvejando a multidão que protestava contra a sua presença na *King Street*. Como John Ferling comenta, “toda tensão reprimida gerada pela presença do

⁶³ *Grief and Fear, in Tullies Oration for Milo are uttered by Interrogations, and Exclamations. Quid me reduce esse voluistis? An ut, inspectante me, expellerentur ei, per quos essem restitutus? Nolite obsecro vos, pati mihi acerbiorum Reditum esse, quam fuerit ille ipse Discensus. Nam qui possum putare me restitutum esse, si distrahar ab iis, per quos restitutus sum? ... The Point, that Tully drives at, is the Acquittal of Milo. He is afraid that the Judges will sentence him to death or Banishment. Itis Lachrimis non movetur Milo &c. His design here is to raise their Admiration of Miloes strength and Constancy of mind and of his Love of Virtue and Contempt of Exile. Then he speaks, in pungent, keen Questions, to the Judges. Vos Iudices quo tandem animo Eritis? Memoriam Milonis retinebitis, ipsum ejicietis? Et erit dignior Locus in Terris ullus, qui hanc Virtutem excipiat quam hic qui procreavit?-Thus I see that any great Agitation of mind breaks out into exclamations and Interrogations. - Vos, Vos appello fortissimo Viri. There is great Warmth in that Repetition of Vos, qui multum pro Republica sanguinem effudistis Vos in viri et in civis invicti appello periculo, Centuriones, vos que milites; vobis non modo inspectantibus, sed etiam armatis, et huic Iudicio praesidentibus, haec tanta Virtus ex hac Urbe expellatur? exterminabitur? projicietur? An Appeal to the Centurions and soldiers, complimenting them with the Epithet fortissimi Viri made with so solemn and vehement a Repetition Vos Vos, and feeling with so much sensibility, the Ingratitude, Cruelty, and folly of Banishing a Man who had rendered the Republic such Important services and was able and zealous to render still more, must have drawn Tears to their Eyes and Rage to their Breasts. His Mind seems to waver between Indignation at Clodius, and Admiration of Milo, between Love and Gratitude to Milo for his past favours to him and Services to the State, and Fear, dread of his Banishment. His Mind is a Ship in a Tempest, tossed and tumbled with great Impetuosity, every Way. He breaks out into Exclamations to the Immortal Gods, and to the happy coasts that shall receive Milo when banished and to his own ungrateful miserable Country if she shall banish him. I take it this Peroration for Milo, may be studied as a Model of the Pathetic* (ADAMS, 1966, p. 74-76; 101-103; FARRELL, 1992, p. 380-381).

exército por quinze meses em Boston, a ardente e hiperbólica retórica das agitações contra os Atos Townshend [...] explodiria nesse cenário espectral”⁶⁴ (FERLING, 2003, p. 76). Cinco pessoas morreram e foram elevadas a mártires pelos colonos, os soldados e o capitão foram presos e levados ao tribunal por assassinato (FARRELL, 1991, p. 233). Confirmava-se o que os radicais vinham repetidamente dizendo “Nossa pátria mãe estava conspirando para destruir a liberdade das colônias”⁶⁵ (FERLING, 2003, p. 77).

O complicado processo judicial, que envolvia candente questão política em Boston, tornou-se o palco perfeito para o jovem advogado que ansiava ganhar renome através das cortes, tal como fez Cícero. Ao percebermos a base de estudos sobre a qual Adams se posiciona, não podemos deixar de levar em conta a importância da retórica como elemento determinante para a formação e o sucesso de um advogado em meados do século XVIII. Julgar a atividade jurídica daqueles americanos através dos padrões por que entendemos a prática forense atualmente seria pouco proveitoso (FARRELL, 1991, p. 235). Tendo Cícero como escolha consciente, Adams via nos tribunais uma forma de ganhar renome e se destacar, vendo a retórica como mais do que um simples exercício (FARRELL, 1989, p. 508; 1991, p. 235).

Além da possibilidade de alcançar reconhecimento através de sua eloquência, a defesa dos soldados foi um dos primeiros momentos em que, publicamente, Adams pôde desenvolver sua emulação de Cícero, como o faria ao longo de sua vida. Carl J. Richard aponta que Adams tomou diversas decisões impopulares devido ao estrito código de ética, que derivava muito de suas observações sobre Cícero, e encontrava consolo ao ver todo o renome que o romano alcançou, definindo que o americano construía constantemente sobre si um *éthos* de “lobo-solitário heroico”, definido por Richard como sendo

aquele que sacrifica uma popularidade a curto prazo, que só poderia ser adquirida apenas pela imoralidade, por uma fama a longo prazo, que só poderia ser alcançada através da virtude – o aristocrata que salva as massas ignorantes delas próprias, geralmente a custo de sua própria vida⁶⁶ (RICHARD, 1995, p. 62-63).

⁶⁴ *All the pent-up tension generated by the army’s fifteen-months presence in Boston, the fiery rhetoric and hyperbole of the agitation against the Townshend Duties [...] burst forth in this spectral setting* (FERLING, 2003, p. 76).

⁶⁵ *The mother country was conspiring to destroy liberty in the colonies* (FERLING, 2003, p. 77)

⁶⁶ *who sacrifices short-term popularity, which can be purchased only by vice, for long-term fame, which can be purchased only by virtue – the aristocrat who saves the ignorant masses, often at the cost of his own life, from themselves* (RICHARD, 1995, p. 62-63).

Mais do que apenas uma emulação da trajetória ciceroniana, podemos destacar a influência que a obra *De Officiis* pode ter desenvolvido sobre a postura que um servidor público deve ter perante um cidadão que necessita de defesa. Cícero comenta:

Deve-se guardar diligentemente também este preceito do dever: nunca intentar contra um inocente uma ação capital. Com efeito, de modo algum isso pode acontecer sem crime. Haverá algo mais desumano que desviar a eloquência, dada pela natureza para a salvação e a conservação dos homens, para a ruína e o dano dos bons? Todavia, da mesma forma que isso deve ser evitado, não se deve ter escrúpulos em defender, às vezes, um culpado, contanto que não seja um homem abominável e ímpio; a multidão o deseja, o costume o suporta e, até, a humanidade o pede. É tarefa do juiz, nas causas, procurar sempre a verdade; é tarefa do advogado defender o verossímil, ainda que menos verdadeiro - o que eu não ousaria escrever ao tratar de filosofia, a não ser que agradasse ao mais grave dos estoicos, Panécio. Mas a glória e o favor são gerados sobretudo pelas defesas, que serão maiores quando ajudarem alguém aparentemente oprimido ou perseguido por um homem de recursos. Isso eu mesmo fiz muitas vezes, e, quando adolescente, discursi em favor de Sexto Róscio Amerino contra o todopoderoso Lúcio Sila; essa obra, como sabes, está disponível⁶⁷ (*Off.* I. 14. 51).

Esta obra de Cícero era bastante popular na América do século XVIII (FARRELL, 1991, p. 236); dessa forma concordamos com James Farrell ao afirmar que Adams teria utilizado estratégias retóricas semelhantes às de Cícero em *Pro Sexto Roscio*⁶⁸. Sexto Róscio Amerino tinha sido acusado de assassinar seu pai. Embora inocente, não encontrava advogados que buscassem sua defesa, devido à complexidade política de seu caso. Para que sua defesa fosse bem-sucedida, deveria contestar os acusadores, identificados como amigos e associados do ditador Lúcio Cornélio Sula (138-78 a.C), dessa forma podendo comprometer a carreira de qualquer advogado que levasse a cabo tal intento. Cícero viu nesse caso uma oportunidade para adquirir renome, ao defender seu cliente sem atacar a imagem de Sula (FARRELL, 1991, p. 236-237).

Assim como Cícero, Adams entendia de maneira diferente de todos os outros advogados a defesa dos soldados britânicos, pois enxergou nela uma possibilidade de renome e de destaque perante os eventos que se seguiam, como ele relembra em carta para James Lloyd em 1815:

⁶⁷ Cícero, *De off.* II. 14. 51 (tradução de Angélica Chiappetta, em Cícero, 1999, p. 103).

⁶⁸ James Farrell indica que Adams teria tido contato com essa produção ciceroniana em obras como as *Vidas* de Plutarco e também em *Life of M. Tullius Cicero* de Conyers Middleton's (London: W. Baynes & Son., 1823, vol. 1, p. 58-61), teria lido a discussão de *Pro Roscio* na obra de Charles Rollin *The Method of Teaching and Studying the Belle Lettres*, 4 vols. (London: 1734; 10th ed., Edinburgh, 1773, vol. 2, p. 174) (FARRELL, 1991, p. 237).

Sua alusão ao julgamento do Capitão Preston e seus soldados, me toca mais profundamente do que pode imaginar. Até hoje minha conduta é lembrada, e é alegada contra minha pessoa a provar que eu sou um inimigo de meu país, e sempre teria sido. É um desses casos, dos quais eu poderia citar a história de muitos, nos quais minha cabeça ou meu coração, e talvez uma conspiração de ambos, compeliram-me a divergir em opinião de todos os meus amigos, a desafiar todos os seus conselhos, seus protestos, suas zombarias, seu escárnio, suas censuras e seus sarcasmos, sem receber um único sintoma de pena de meus inimigos⁶⁹ (ADAMS, 1856, vol. 10, p. 162; FARRELL, 1991, p. 237).

Como em tantas outras vezes, o paralelo criado entre a defesa dos soldados ingleses e a de Sexto Róscio é perceptível: o capitão e seus soldados seriam como Róscio, assim como a ameaça à vida dos mesmos, a postura dos advogados do período e as acusações contrárias, decorrentes do contexto político em que se inseriam. O poder político que associações como os *Sons of Liberty*⁷⁰ tinha para intimidar os advogados poderia ser identificado como a influência de Sula; essas equivalências já foram demonstradas serem feitas por Adams em outros momentos (FARRELL, 1991, p. 237).

Após definir sua participação no processo dos soldados ingleses, Adams necessitou se concentrar na construção da defesa, e para tal recorreu aos seus conhecimentos sobre retórica clássica. A argumentação retórica proposta por Adams nesse processo também deriva de uma obra de Cícero, *Pro Milone*, outra peça estudada à época como um dos discursos mais famosos de Cícero, reconhecido não apenas pela sua sofisticação retórica, mas pelo contexto político em que se insere. O Arpinate desenvolveu a defesa de seu amigo Tito Ânio Milão (95-48 a.C), acusado de ser o mandante do assassinato de Públio Clódio Pulcro (93-52 a.C), um crime com motivações políticas relevantes para a República, já que as consequências levaram a uma série de distúrbios que colaboraram para a designação de Pompeu como cônsul único (BORGES, 2001, p. 1).

Tal como Adams propôs ao defender os soldados, Cícero em *Pro Milone* iniciou a fala argumentando sobre autodefesa, e, em conjunto a essa estratégia, Cícero exemplificou diversos casos nos quais essa autodefesa foi utilizada em julgamentos anteriores:

⁶⁹ *Your allusion to the trial of Captain Preston and his soldiers, touches me more nearly than you can imagine. To this hour my conduct in it is remembered, and is alleged against me to prove that I am an enemy to my country, and always have been. It was one of those cases, of which I could give you the history of many, in which my head or my heart, and perhaps a conspiracy of both, compelled me to differ in opinion from all my friends, to set at defiance all their advice, their remonstrance's, their raillery, their ridicule, their censures, and their sarcasms, without acquiring one symptom of pity from my enemies* (ADAMS, 1856, vol. 10, p. 162; FARRELL, 1991, p. 237).

⁷⁰ Grupo de colonos radicais que se auto intitulavam dessa forma para combater as políticas britânicas frente à colônia de Massachusetts (MURRIN et al., 2008, p. 188.)

III.8. Acaso há alguém que ignore que, num inquérito de homicídio, ou se costuma negar completamente que o ato foi praticado, ou defender que foi praticado com razão e justiça? A menos, é claro, que considereis que Públio Africano era um louco, ele que, ao ser interrogado sediciosamente numa assembleia pelo tribuno da plebe Caio Carbão sobre o que pensava acerca da morte de Tibério Graco, respondeu que lhe parecia ter sido morto justificadamente. Pois nem o famoso Servílio Aala, ou Públio Nasica, ou Lúcio Opímio, ou Caio Mário, ou o senado, quando eu era cônsul, poderiam ficar isentos de culpa se não fosse lícito matar cidadãos criminosos. Por isso, senhores juízes, não foi sem razão que homens muito doutos, mesmo nas histórias fictícias, narraram que aquele que havia matado a mãe para vingar o pai, ao divergirem as sentenças dos homens, foi absolvido não só por uma sentença divina, mas pela sentença da deusa mais sábia. **9.** E se a lei das Doze Tábuas quis que o ladrão noturno pudesse ser morto sem punição, em qualquer circunstância, e o diurno, caso se defendesse com arma, quem há de entender que um homem deve ser punido em qualquer circunstância por ter matado outro, quando vê que algumas vezes as próprias leis nos oferecem a espada para matar? **IV.** Ora, se existe alguma ocasião – e são muitas –, em que um homicídio é justificável, certamente aquela em que se defende uma violência com outra violência é não só justa, mas necessária. Quando um oficial do exército de Caio Mário, parente desse comandante, atentou contra o pudor de um soldado, foi morto por aquele contra quem investia. O virtuoso jovem preferiu reagir, arriscando a própria vida, a se sujeitar vergonhosamente. E aquele ilustre general o inocentou, absolvendo-o do crime. **10.** Mas a um insidioso, a um bandido, que morte injusta se pode dar? O que significam nossos séquitos, nossas espadas? Certamente não seria lícito possuí-las se não fosse lícito, em nenhum caso, usá-las. Há, portanto, senhores juízes, esta lei que não é escrita, mas natural; que não aprendemos, adquirimos ou lemos, mas arrebatamos, haurimos, extraímos da própria natureza; na qual não fomos instruídos, mas constituídos; não fomos ensinados, mas dela imbuídos, de tal forma que se nossa vida fosse vítima de alguma armadilha, da violência e das armas de salteadores ou de inimigos, qualquer método seria honesto para assegurar nossa salvação. **11.** [...] Portanto, conservai este princípio durante o processo, senhores juízes; pois não tenho dúvida de que aceitareis minha defesa se tiverdes em mente isto, que não podeis esquecer: que se pode matar com justiça a quem arme uma emboscada.⁷¹ (III.8. - IV.11; BORGES, 2011, p. 110-11)

Como Farrell nos indica, o uso desses exemplos não serve apenas para provar o princípio da autodefesa, mas também auxilia para remover quaisquer concepções sobre Milão. Cícero não teria escolhido qualquer exemplo, mas casos em que se poderiam fazer analogias ao processo que estava então defendendo: a pessoa assassinada seria um criminoso, perverso, e o que cometeu o crime seria alguém protegido pela lei, que agiu pela decência ou de maneira circunstancial e não premeditada. Ele traz esses casos precedentes não apenas para balizar seus argumentos, mas para inclinar o júri a ver Milão

⁷¹ Cícero, *Pro Mil.* IV; IV.10 (tradução de Marlene Lessa Vergílio Borges em *Pro Milone de Cícero: tradução e estudo da invenção* (2011) p. 110-11).

de uma maneira mais suavizada (FARRELL, 1991, p. 239; DONNELLY, 1935, p. 80). Buscando emular essa mesma proposta, um dos tópicos iniciais atacados por Adams é a construção dessa autodefesa:

A ação com a qual vocês se deparam é um homicídio; isso seria o assassinato de um homem por outro, a lei chama de homicídio, mas não é criminoso em todos os casos um homem assassinar outro. Se os prisioneiros estivessem nas ‘Planícies de Abraão’⁷² e cada um assassinado centenas de franceses, a Lei Inglesa teria considerado como uma ação louvável, virtuosa e digna de louvor: assim sendo, nem todos os casos de um assassinato de um homem é um crime aos olhos da lei⁷³; (ADAMS, 1965, p. 244).

Adams prossegue em seus apontamentos sobre como identificar um homicídio justificado:

Devo começar com um homicídio justificável; se um oficial ou xerife executar um homem na forca, desce-lo e esquarteja-lo, como em um caso de alta traição, e degolá-lo, isto é um homicídio justificável, é o seu dever. [...] Eu tenho o direito de sustentar minha própria defesa se você pretende cometer um assalto; se qualquer pessoa fez um ataque a esses soldados, com a intenção de roubá-los, se foi apenas para tomar seus chapéus de assalto, eles tinham o direito de mata-los no local, e nenhum assunto a se redimir; se um assaltante me aborda na rua, e ordena que eu entregue minha bolsa, eu tenho o direito de mata-lo sem fazer mais perguntas⁷⁴ (ADAMS, 1965, p. 244-246).

Nos exemplos apontados por nós de acordo com a análise feita por James Farrell, Adams utiliza de analogias estrategicamente similares as de Cícero. As pessoas mortas foram “franceses”, um “condenado” e um “ladrão”, e aqueles que cometeram os atos foram “bravos soldados”, um “xerife” e um cidadão comum exemplificado pelo próprio Adams. Tal qual Cícero, Adams utiliza de precedentes para induzir o júri a perspectivas favoráveis a seus clientes (FARRELL, 1991, p. 241).

⁷² Batalha ocorrida em 1759 durante as guerras Franco-Indígenas, durante os eventos conhecidos como Guerra dos Sete anos (1756-1763) (MURRIN *et al.*, 2008, p.178) .

⁷³ *The action now before you, is homicide; that is the killing of one man by another, the law calls it homicide, but it is not criminal in all cases, for one man to slay another. Had the prisoners been on the Plains of Abraham, and slain an hundred Frenchmen apiece, the English law would have considered it, as a commendable action, virtuous and praiseworthy: so that every instance of killing a man, is not a crime in the eye of the law;* (ADAMS, 1965, p. 244)

⁷⁴ *I shall begin with justifiable homicide; if an officer a sheriff execute a man on the gallows, draws and quarters him, as in case of high treason, and cuts off his head, this is justifiable homicide, it is his duty. [...] I have a right to stand on my own defence, if you intend to commit felony; if any of the persons made an attack on these soldiers, with an intention to rob them, if it was but to take their hats feloniously, they had a right to kill them on the spot, and had no business to retreat; if a robber meets me in the street, and commands me to surrender my purse, I have a right to kill him without asking questions;* (ADAMS, 1965, p. 244-246).

Após definir a maneira como abordaria o tema da autodefesa, Adams voltou-se para as definições acerca dos soldados e da multidão que os atacou, mas sem sair de seu treinamento fundado na obra do autor romano. Na visão de Farrell, Adams aplicou no caso um sistema da invenção conforme a retórica, sistema que o próprio Cícero havia desenvolvido em *De inventione*. Nessa obra, o Arpinate vai indicar possibilidades de se levantar argumentos durante um júri:

34. Confirmação da prova é a parte da oração na qual argumentos direcionados concedem crédito, autoridade e suporte ao nosso caso. Para essa seção do discurso existem regras definidas nas quais serão divididas entre os diferentes tipos de casos. [...] Todas as proposições devem ser sustentadas em argumentos por atributos de pessoa ou de ações. Nós mantemos a seguir os atributos de pessoa: nome, natureza, modo de vida, fortuna, hábitos, sentimentos, interesses, propósitos, conquistas, acidentes, discursos feitos. [...] **37.** Os atributos de ações são em parte coerentes com a ação em si mesma, e em parte considerada em conexão com a performance dela, em parte auxilia e parte consequência de seu desempenho^{75 76} (*De invent.* 1. 34-37).

Uma das perspectivas de compreender o que Cícero designa como atributos seriam as qualidades pessoais ou aquelas qualidades inerentes aos eventos, as quais, de muitas maneiras, contribuiriam com a nossa percepção do caráter da pessoa ou do evento referido. Dessa maneira, o advogado desenharia argumentos a partir da combinação entre atributos de ação e atributos de pessoa. Farrell exemplifica essa proposição ao comentar que seria mais fácil argumentar que uma pessoa cometeu um crime por conta de dinheiro (atributo de ação) ao evidenciar que ele levava uma vida de ganância (atributo de pessoa), sendo esse sistema também proposto por Adams ao buscar inocentar seus clientes, como demonstraremos a seguir (FARRELL, 1991, p. 241).

Para a defesa dos soldados, Adams usou três linhas argumentativas: na primeira ele utilizou os atributos de ação para evidenciar que a vida dos soldados estava ameaçada pela multidão que confrontou as sentinelas na *King Street*; o segundo argumento utilizado

⁷⁵ 34. Confirmation or proof is the part of the oration which by marshalling arguments lends credit, authority, and support to our case. [...] All propositions are supported in argument by attributes of persons or of actions. We hold the following to be the attributes of persons: name, nature, manner of life, fortune, habit, feeling, interests, purposes, achievements, accidents, speeches made. [...] 37. The attributes of actions are partly coherent with the action itself, partly considered in connection with the performance of it, partly adjunct to it and partly consequent upon its performance. (Cícero. *De inventione*. Trad. de H. M. Hubbell. Harvard University Press: Cambridge, 1949, p. 69-75).

⁷⁶ 34. Confirmatio est per quam argumentando nostrae causae fidem et auctoritatem et firmamentum adiungit oratio. [...] Omnes res argumentando confirmantur aut ex eo quod personis aut ex eo quod negotus est attributum Ac personis has res atributas putamus: nome, naturam, victum, fortunam, habitum, affectionem, studia, consilia, facta, casus, orationes. [...] 37. Negotus autem quae sunt attributa, partim sunt considerantur, partim adiuncta negotio sunt, partim gestum negotium consequuntur. (Cícero. *De invent.* 1. 34-37).

foi listar os atributos de pessoas para provar que a multidão foi a responsável pela ação dos soldados e conseqüentemente da morte dos civis; enquanto no terceiro, Adams buscou a combinação de atributos de pessoa e de ação para mostrar que o massacre tinha atributos consistentes com os atributos pessoais da multidão (FARRELL, 1991, p. 242).

Uma das primeiras proposições de Adams foi a introdução de uma distinção entre os grupos; assim ele argumentou qual dos dois grupos seriam uma reunião legítima (FARRELL, 1991, p. 242): “[...] Bem, eu diria, se o povo fez isso, ou se isso foi sua única intenção, certamente o oficial e os soldados tinham o direito de ir em seu auxílio, e, portanto, eles partiram em uma missão legítima, sendo assim, eles estavam em uma reunião legal [...]”⁷⁷ (ADAMS, 1965, p. 252). Essa proposição serve para evidenciar que a multidão que atacou os soldados planejou o evento. Adams continua sua interpretação levantando três atributos de ação: um sobre o tempo do evento, já que planejaram se encontrar antes; o local, a praça da doca distante dos soldados; e os modos, com princípios conspiratórios. Tudo isso sobre as ações da multidão (FARRELL, 1991, p. 243): “[...] Não estavam lá mais do que três pessoas reunidas na praça da doca? Elas não concordaram em marchar até a *King-Street* e atacar a guarda principal? Onde está a razão para a hesitação em chamar isto de um distúrbio? [...]”⁷⁸ (ADAMS, 1965, p. 252). O objetivo de ter argumentado sobre esses pontos foi para evidenciar que a multidão planejou o ataque, acrescentando um atributo de pessoa ao tratar da intenção (FARRELL, 1991, p. 242).

Essa estrutura inventiva desenvolvida por Adams durante o tribunal se assemelha muito à maneira com a qual Cícero conduziu a sua argumentação em *Pro Milone*, levantando o questionamento sobre qual grupo teria emboscado o outro no evento que levou à morte de Clódio. Dessa forma, Cícero propôs a distinção entre os dois grupos envolvidos no confronto:

IX. 23. [...] só vos resta, senhores juízes, o dever de investigar qual dos dois planejou uma emboscada ao outro. E, para que possais discernir mais facilmente por meio dos meus argumentos, rogo vossa diligente atenção, enquanto exponho brevemente os fatos. [...] **X.27.** Por isso, Clódio partiu subitamente de Roma no dia anterior para prepara diante

⁷⁷ [...] Well, I say, if the people did this, or if this was only their intention, surely the officer and soldiers had a right to go to his relief, and therefore they set out upon a lawful errand, they were therefore a lawful assembly [...] (ADAMS, 1965, p. 252).

⁷⁸ [...] Were there not more than three persons in Dock-square? Did they not agree to go to King-street, and attack the Main guard? Where then, is the reason for hesitation, at calling it a riot? [...] (ADAMS, 1965, p. 252).

de sua propriedade uma emboscada a Milão, como se deduziu dos acontecimentos (*Pro Mil.* IX. 23; X. 27; BORGES, 2011, p. 115; 116)

Enquanto Cícero vai comparar os motivos, a preparação, os companheiros de viagem e os estilos de vida de Clódio e Milão, Adams vai comparar os atributos dos soldados britânicos e da multidão de Boston, como veremos a seguir (FARRELL, 1991, p. 242).

Adams também se utilizou de atributos raciais, étnicos e de classe para identificar a multidão. Isso trouxe um certo caráter coletivo que indicou que a multidão seria de fato capaz de comportamento turbulento e ameaçador (FARRELL, 1991, p. 243):

[...] Nós temos sido entretidos com uma grande variedade de frases para evitar chamar este tipo de pessoas de ralé. – Alguns os chamam de bem barbeados, outros o chamam de geniosos. – O inglês simples é, cavalheiros, uma maioria de ralé variada de jovens atrevidos, negros, mulatos, rústicos irlandeses e fora os marinheiros aterrados.⁷⁹ [...] (ADAMS, 1965, p. 266).

Da mesma forma argumentou Cícero na defesa de Milão, buscando indicar atributos negativos na figura de Clódio para evidenciar que ele, Clódio, seria capaz de cometer assassinatos:

XII. 32. [...] De que modo, então, se pode provar que Públio Clódio armou uma emboscada a Milão? Tratando-se de um monstro tão atrevido e tão abominável, basta mostrar, na verdade, que tinha um forte motivo e uma grande expectativa na morte de Milão, que lhe traria significativas vantagens. [...] **XIV. 37.** [...] Depois disso, quando descansou aquele punhal que Clódio herdara de Catilina? Esse punhal foi apontado para mim, não permiti que vós ficásseis expostos a ele por minha causa. [...] **XXI. 55.** [...] Clódio, que levava sempre consigo cortesãs, devassos, meretrizes, nesse dia não ia acompanhado de ninguém, a não ser de homens que se diria terem escolhido uns aos outros. [...] (*Pro Mil.* XII. 32.; XIV. 37.; XXI. 55.; BORGES, 2011, p. 118; 120; 126).

Além dessas analogias diretas, Farrell ainda comenta outro aspecto que permeava tanto a defesa de Adams quanto a de Cícero, ambas no campo retórico. O primeiro era conseguir a absolvição de seus clientes, o segundo era evitar o descrédito da carreira política dos dois. Adams teria que extrair do júri um veredicto favorável a ele sem que isso soasse como uma declaração política, e sem que a sua própria carreira fosse comprometida perante os líderes radicais de Massachusetts. Para não vincular a população presente no massacre ao povo de Boston ou aos *Sons of Liberty*, Adams demonstra que os reais agitadores eram forasteiros, não pertencentes à população local, dando ao júri a

⁷⁹ [...] *We have been entertained with a great variety of phrases, to avoid calling this sort of people a mob.—Some call them shavers, some call them genius's.—The plain English is gentlemen, most probably a motley rabble of saucy boys, negroes and molattoes, Irish teagues and out landish jack tarrs.* [...] (ADAMS, 1965, p. 266).

possibilidade de proteger a paz e propriedade dos membros de sua comunidade enquanto condena os baderneiros externos (FARRELL, 1991, p. 238-242; 246-248):

[...] E é dessa maneira, esta cidade tem sido comumente tratada; um Carr da Irlanda, e um Attucks de Framingham, ocorreram de estarem por aqui, deverão navegar sobre seus empreendimentos irrefletidos, a frente de tal turba de negros, &c. Eles podem atuar juntos, e então não serão bem quistos pelas boas pessoas da cidade devido aos seus atributos feitos.⁸⁰ (ADAMS, 1965, p. 269).

A utilização desses aparatos retóricos ciceronianos por Adams foi vasta e não se limitou ao âmbito de sua profissão. Após 1773 e com o acirramento das disputas entre colônia e metrópole, Adams promoveu uma guinada em sua trajetória, passando a atuar também no campo da política, em que a recepção dos argumentos republicanos e políticos do Arpinate também se fizeram presentes.

2.2 – Adams e Cícero – Política, Republicanismo e Teoria de Governo Misto

Após o julgamento dos soldados, Adams se envolveu diretamente na política colonial e nos imbrólios frente à coroa britânica. Além de sua participação no Primeiro Congresso Continental em 1774, Adams se envolveu em uma das principais argumentações contra as políticas imperiais inglesas, os debates entre *Massachusettensis* e *Novanglus*. Ao retornar do congresso, Adams se deparou com uma série de ensaios publicados no *Massachusetts Gazette* defendendo as políticas coloniais britânicas e questionando as posições dos patriotas americanos. Esses ensaios foram escritos sob o pseudônimo de *Massachusettensis*, mas pouco tempo depois descobriu-se que o verdadeiro autor era Daniel Leonard⁸¹, um advogado realista de Boston (BERKIN, 1999). John Adams respondeu aos argumentos de Leonard ponto por ponto em uma série de cartas sobre o pseudônimo de *Novanglus* (THOMPSON, 2001, p. 125).

Esses ensaios foram vistos com grande preocupação por Adams: essa foi a razão pela qual ele decidiu rebater de maneira meticulosa as proposições ali colocadas. O americano estava convencido de que “os *Tories* de Massachusetts, em parceria com o ministério britânico, estavam executando uma trama maligna para taxar ilegalmente os cidadãos de

⁸⁰ [...] *And it is in this manner, this town has been often treated; a Carr from Ireland, and an Attucks from Framingham, happening to be here, shall sally out upon their thoughtless enterprizes, at the head of such a rabble of Negroes, &c. as they can collect together, and then there are not wanting, persons to ascribe all their doings to the good people of the town.* (ADAMS, 1965, p. 269).

⁸¹ BERKIN, 1999.

Massachusetts e roubar dos colonos seus direitos naturais e suas liberdades britânicas”⁸² aponta James Farrell (1992, p. 52), e, para evidenciar essa possível conspiração, Adams faz uso de seu arcabouço retórico, tendo argumentado contra os realistas seguindo uma construção inspirada nas Catilinárias de Cícero (FARRELL, 1992, p. 56).

As Catilinárias foram uma série de discursos proferidos por Cícero diante do Senado Romano ao expor a trama orquestrada pelo patricio Lúcio Sérgio Catilina (108-62 a.C), que tinha como objetivo derrubar a República Romana (BARBOSA, 2019, p. 12-16). Concordamos com Farrell quando ele apresenta que:

a analogia com Cícero e Catilina ajudou Adams a compreender o desafio retórico central que ele levantou. Proporcionou a ele um modelo para sua própria resposta retórica. Além disso, o paralelo auxiliou o escritor a desenvolver um maior e mais heroico *éthos*. Se o paralelo é apropriado, *Novanglus* assume o papel de *pater patriae* em uma eloquente luta para salvar sua terra natal⁸³ (FARRELL, 1992, p. 57).

Ao apresentarmos como a literatura clássica romana foi utilizada para a composição retórica dos ensaios de Adams contra a política inglesa de sua época, trazemos mais uma evidência de como a geração revolucionária se sustentava nessa literatura não apenas como refinamento de escrita, mas também como uma janela para evidenciar suas perspectivas políticas, incluindo a argumentação retórica clássica exposta por Cícero entre outros, que ainda se fazia presente (FARRELL, 1992, p. 57-58).

Os elementos retóricos utilizados por Adams são inspirados naqueles apresentados por Cícero. Um dos temas abordados pelos dois é tratar da conspiração como se fosse uma doença que se espalha e contamina. Observamos primeiramente um trecho de Cícero e posteriormente um de Adams, usando desta imagem (FARRELL, 1992, p. 63):

I.31. [...] Então, se esse único homem for eliminado por tão grande latrocínio, pareceremos talvez estar aliviados por um breve tempo do cuidado e do medo, porém o perigo ficará encerrado profundamente nas veias e vísceras da República. Como frequentemente os doentes com grave moléstia quando são perturbados pelo calor e febre, se beberem água gelada, primeiro parece aliviados, depois são atormentados mais gravemente e veementemente, assim, esta doença que está na

⁸² *He was convinced that Massachusetts Tories, in league with the British ministry, were executing an evil plot to tax the citizens of Massachusetts illegally and rob the colonists of their natural rights and British liberties.* (FARRELL, 1992, p. 52)

⁸³ *The analogy with Cicero and Catiline helped Adams comprehend the central rhetorical challenge he had taken up. It provided him with the model for his own rhetorical response. Moreover, the parallel assisted the writer in developing a grander, more heroic ethos. If the parallel is appropriate, "Novanglus" assumes the role of "pater patriae" in an eloquent struggle to save his native land* (FARRELL, 1992, p. 57).

República, aliviada pelo castigo desse, aumentará mais fortemente com o restante vivo. (*Catil.* I.31; BARBOSA, 2019, p. 30).

[...] e a liberdade de imprensa, ao invés de promover a causa da liberdade, irá apenas apressar sua destruição, assim como os melhores tônicos tomados por pacientes em alguns destemperes se tornam o mais detestável e corrosivo veneno. [...] A natureza da usurpação como tal sobre a constituição americana irá crescer mais todos os dias, e mais invasiva. Como um câncer, ela se alimenta rapidamente a cada hora. O rendimento cria pensionista, que urgem por mais rendimentos. O povo cresce menos atento, espirituoso e virtuoso, os requerentes mais numerosos e corruptos, e todo dia aumentam o círculo de seus dependentes e expectantes, até virtude, integridade, espírito público, simplicidade e frugalidade, transformarem-se em objetos de escárnio e ridículo, e vaidade, luxúria, diabruras, egoísmo, maldade, e a franca venalidade engoliram toda a sociedade.⁸⁴ (ADAMS, 2001, p. 141; 148)

Além de utilizar alegorias semelhantes às de Cícero, ambos utilizam em seus discursos as provas irrefutáveis do que dizem: cartas e documentos apreendidos. Ambos usam como provas irrefutáveis (FARRELLS, 1992, p. 64):

III. 10. [...] Primeiro, mostramos o selo a Cetego, que o reconheceu. Cortei o fio e li. Tinha sido escrito por suas próprias mãos ao Senado e ao povo dos alóbroges, que faria as coisas que tinha prometido aos legados deles; [...] **III. 17.** [...] Não tendo ele fixado o prazo das Saturnais, nem anunciado muito antes a ruína e destruição da república, nem que se arriscou, deixando apreender os selos, as cartas, evidências manifestas dos crimes. [...] (*Catil.* III. 10; 17; BARBOSA, 2019, p. 49-50; 53).

[...] Mas nós temos evidências o suficiente agora, escrita por suas próprias mãos, de tudo o que foi dito deles [...] ⁸⁵ (ADAMS, 2001, p. 135).

Ambos os autores também se sustentariam em imagens de escuridão, segredo e mistério para caracterizar a trama de seus inimigos, e imagens de luz, exposição e verdade para descrever seus próprios atos heroicos. Farrell aponta que essa dialética entre luz-escuridão ou secreto-exposto, aparece em diversos momentos das *Catilinárias* e das cartas de *Novanglus*, criando um *éthos* heroico de cada autor (1992, p. 65):

⁸⁴ [...] and the freedom of the press, instead of promoting the cause of liberty, will but hasten its destruction, as the best cordials taken by patients in some distempers become the most rancid and corrosive poisons. [...] The nature of the encroachment upon the American constitution is such, as to grow every day more and more encroaching. Like a cancer, it eats faster and faster every hour. The revenue creates pensioners, and the pensioners urge for more revenue. The people grow less steady, spirited, and virtuous, the seekers more numerous and more corrupt, and every day increases the circles of their dependents and expectants, until virtue, integrity, public spirit, simplicity, and frugality, become the objects of ridicule and scorn, and vanity, luxury, foppery, selfishness, meanness, and downright venality swallow up the whole society. (ADAMS, 2001, p. 141; 148).

⁸⁵ [...] But we have evidence enough now, under their own hands, of the whole of what was said of them [...] (ADAMS, 2001, p. 135).

I.1. [...] Não percebes que teus planos foram revelados? [...] **I. 6.** Ademais, Catilina, o que mais esperas agora, se nem a noite pode apagar com suas trevas teus desígnios abomináveis, nem tua própria casa consegue abafar com as paredes os rumores da conjuração, se tudo está as claras, se tudo já veio à tona? [...] (*In Catilin.* I.1; I. 6; BARBOSA, 2019, p. 16; 18).

Eu tenho até agora declarado minha intenção de perseguir os *Tories* através de todas as suas sombrias intrigas e perversas maquinações, e para mostrar a ascensão e progresso de seus esquemas para escravizar este país.⁸⁶ [...] (ADAMS, 2001, p. 131).

Podemos nos questionar sobre essas analogias, se John Adams não poderia tê-las feito mesmo sem o uso de seu conhecimento sobre a retórica ciceroniana, pois tratam-se de analogias possíveis para se alcançar o efeito esperado acerca da revelação da trama conspiratória. Sobre esse questionamento, concordamos com a conclusão proposta por Farrell de que:

Certas metáforas – o par luz-trevas e as imagens de doenças – são arquétipos e ocorrem repetidamente em momentos cruciais através de eras e culturas. Mas a aparição de todo o alcance das figuras catilinárias, amplificando e focando no mesmo problema, organizadas nos mesmos padrões, e combinados com semelhantes, mas não arquetípicas peças retóricas, tais como o uso das cartas como evidência, fazem das cartas de *Novanglus* muito mais do que simplesmente um exemplo de discurso arquetipo metafórico. [...] Descobrir as raízes clássicas dos ensaios de *Novanglus* de Adams, podem nos levar a reformar nossa opinião histórica sobre as fontes de retórica presentes na Revolução⁸⁷ (FARRELL, 1992, p. 69).

Após esses eventos e com o acirramento das questões políticas entre a coroa britânica e as autoridades locais, a ideia de uma separação dos ingleses aumentava. Caso isso acontecesse, como o novo governo deveria se organizar? Esse era um questionamento que os *fundadores* necessitavam responder, e eles, por sua vez, buscavam respostas nas experiências históricas. Cícero apresenta uma definição da importância da História e de como ela pode ser trabalhada, servindo de inspiração não apenas para Adams, mas sendo

⁸⁶ *I have heretofore intimated my intention of pursuing the Tories through all their dark intrigues and wicked machinations, and to show the rise and progress of their schemes for enslaving this country. [...]* (ADAMS, 2001, p. 131).

⁸⁷ *Certain metaphors - the light-dark pair and the images of disease - are archetypal and occur repeatedly in crucial moments across cultures and ages.⁵⁹ But the appearance of the whole range of Catilinarian figures, amplifying and focusing the same problem, arranged in the same pattern, and combined with similar but non-archetypal rhetorical ploys such as the use of letters as evidence, makes the "Novanglus" letters much more than simply an instance of archetypal metaphoric discourse. [...]* Discovering the classical roots of Adams's "Novanglus" essays may lead us to amend received historical opinion about the sources of conspiracy rhetoric in the revolution (FARRELL, 1992, p. 69).

utilizada praticamente durante todo o período da modernidade (HARTOG, 2003, p. 140).

Essa definição se apresenta em Cícero assim:

Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz a confia à eternidade, senão a do orador?

Pois se existe alguma outra arte que tira proveito do conhecimento das palavras que devem ser cunhadas ou escolhidas; ou se dizemos que alguém, além do orador, dá forma, variedade e distinção ao discurso por meio de determinadas, por assim dizer, insígnias de palavras e pensamentos; ou se há além desta única arte, outro método de ensino dos argumentos e pensamentos, ou, enfim, da descrição e da ordem, reconheçamos que isto de que tira proveito esta arte vem de outro domínio ou é compartilhado por alguma outra arte⁸⁸ (*De orat.* II. 36).

Compreender a história como *magistra vitae* era retirar ensinamentos do passado para aplicar em seu contexto, levando em conta os acertos e erros para, assim, moldar o seu presente, sendo essa uma das principais argumentações utilizadas para o resgate de um pensamento republicano romano no século XVIII (RYERSON, 1995, p. 23; RICHARD, 1995, p. 135). Cícero foi uma grande influência na construção judiciária e política durante a modernidade, influenciando diretamente nossa percepção e construção de governos constitucionais (SELLERS, 2009, p. 1).

A idealização da República Romana no contexto de Adams pode ser definida, em nossa percepção, nas palavras de Thomas N. Mitchel:

A República Romana representa o primeiro exemplo em nossa história de governo constitucional operando em grande escala e se estendendo por séculos. Teve que tratar de problemas sociais e políticos, dilemas sem precedentes em espécie e magnitude. Produziu novos modelos de legislação e governo que afetaram permanentemente o caráter das democracias ocidentais. Seu legado é uma das mais duradouras influências da antiguidade.

Cícero é nossa mais confiável e extensiva fonte de ideias ao discutir o republicanismo romano⁸⁹ (MITCHEL, 2001, p. 128).

Para Adams, a República Romana era a melhor sobre a qual se espelhar na formação de uma República na América (REINHOLD, 2015, p. 48). Ao tratarmos do republicanismo

⁸⁸ CÍCERO, *De orat.* II. 36. (tradução de Adriano Scatolin, em SCATOLIN (2009), p. 201)

⁸⁹ *The Roman Republic represents the first example in our history of constitutional government operated on a grand scale and extending over centuries. It had to contend with social and political issues and dilemmas unprecedented in kind and in magnitude. It produced new modes of law and government that have permanently affected the character of Western democracies. Its legacy is one of the most enduring influences of antiquity.*

Cicero is our most reliable and extensive source for the ideas underlying Roman republicanism (MITCHEL, 2001, p. 128).

romano formulado nas produções ciceronianas, trazemos à luz três obras que tiveram uma forte influência em sua construção moderna: *De legibus*, *De officiis* e *De republica* (MITCHEL, 2001, p. 128). Importante salientar que a obra *De republica* não se encontrava completa à época de Adams, ele tinha acesso apenas a alguns fragmentos, muitos derivados de Santo Agostinho (ADAMS, 1787, p. xiv; SELLERS, 2009, p. 10), pois a obra só foi completamente resgatada no ano de 1822 (REINHOLD, 2015, p. 48).

O principal elemento político da tradição clássica grega e romana defendido por Adams é o chamado *governo misto*, entendido pelo americano, e também por alguns gregos e romanos, como Políbio e Cícero, como o segredo para o poder, força e duração da República Romana (REINHOLD, 2015, p. 48; RICHARD, 1995, p. 125; 132). Platão identificou três formas simples de governo: monarquia, aristocracia e democracia, isto é, o governo de um, o governo de poucos e o governo de muitos. Platão ainda reivindica em obras como *As leis* (756e-757a; 832c) e *O político* (29Id-e; 303c) que cada uma dessas estruturas se corrompe com o tempo: a monarquia se transforma em tirania, a aristocracia em oligarquia e a democracia em oclocracia (governo da massa). Para evitar essa deterioração, a melhor forma seria um modelo misto desses governos, argumento sustentado por Aristóteles em *Política* (3.7), mas coube a Políbio a apresentação mais detalhada dessa teoria política (*Polyb.* 6. 5-18; RICHARD, 1995, p. 124-125).

Meyer Reinhold defende que o pensamento político de Adams “era voltado para a indispensabilidade de um equilíbrio independente entre as três divisões de governo, representando elementos monárquicos, aristocráticos e democráticos⁹⁰” (REINHOLD, 2015, p. 48). O próprio Adams deixa isso claro ao falar que “Os melhores governos do mundo foram mistos. As repúblicas da Grécia, Roma, Cartago, foram todas governos mistos. Os ingleses, os holandeses e suíços aproveitam as vantagens de governos mistos atualmente⁹¹” (ADAMS, 1961, p. 58).

Na obra de Cícero, uma referência sobre a constituição de um governo misto aparece em *De republica*:

⁹⁰ (...) was devoted to the indispensability of such an interdependent balance among three divisions of government representing monarchical, aristocratic and democratic elements (...) (REINHOLD, 2015, p. 48).

⁹¹ *The best Governments of the World have been mixed. The Republics of Greece, Rome, Carthage, were all mixed Governments. The English, Dutch and Swiss, enjoy the Advantages of mixed Governments at this Day* (ADAMS, 1961, p. 58).

[...] o mais asqueroso, e desta costuma florescer (uma república) dos aristocratas ou aquela facciosa tirânica, quer monárquica quer mesmo muitas vezes popular, e do mesmo modo daquela costuma florescer algum gênero daqueles que falei antes. E admiráveis são nas repúblicas as evoluções e como que ciclos das mudanças e vicissitudes, os quais quando é do próprio sábio tê-los conhecido, então sem dúvida é próprio do que se aplica a governar a república prever por um curso que modera e que retém em seu domínio, como algum cidadão e um homem quase divino. E assim um quarto gênero de república acima de tudo sinto que de ser prova, que é a partir destes três que primeiro disse moderado e misto⁹² (*Rep.* I. 29.45).

É a partir dos antigos clássicos que Adams estrutura seu pensamento político sobre o governo misto, e vai destrinchar essa teoria em duas publicações: uma em 1776 chamada *Thoughts on government* e a outra em 1787 intitulada *The defence of the constitutions of government of the United States of America*.

Sobre *Thoughts on government*, as condições de escrita dessa obra são peculiares ao contexto de sua época. Em carta escrita a John Taylor, Adams explica que estava, a seis meses da declaração de Independência, discutindo sobre a necessidade de secessão com os ingleses com um denominado Sr. Whyte, da Virgínia, quando o mesmo o questionou sobre qual modelo de governo deveria se propor ao novo país. Adams passou a explicar as ideias que já havia pensado sobre o tema, e o referido Sr. Whyte pediu a Adams que transcrevesse e organizasse as ideias que expôs em uma carta, pois ele gostaria de refletir melhor sobre o que fora dito. Assim Adams o fez. A carta chegou até as mãos de Richard Henry Lee⁹³ (1732-1794), que pediu autorização para publicá-la. Adams ficou um tanto receoso, porém autorizou, solicitando que fosse apresentada anonimamente, sendo divulgada sob o título de *Thoughts on government, a letter from a gentleman to his friend* (PEEK JR, 1964, p. 75-76).

Essa obra é considerada um dos mais marcantes e influentes escritos de Adams, sendo, inclusive, a mais famosa de suas publicações naquela época. Serviu de inspiração para a formulação das cartas constituintes da Carolina do Norte, Virgínia, Nova Jersey, Nova Iorque e Massachusetts. Alguns pesquisadores e biógrafos comentam que este texto teria sido escrito como antídoto à publicação de *Senso comum* (*Common sense*), de Thomas Paine (1737-1809), no sentido de refutar as propostas neste outro panfleto (THOMPSON, 2000, p. 242). Adams já havia declarado que Thomas Paine era “melhor em destruir do que construir” (MCCULLOUGH, 2001, p. 101).

⁹² Cícero, *De Republica*. I. 29.45. (Tradução de Juvino Alves Maia Junior em Cícero (2016), p. 143).

⁹³ Importante político da colônia da Virgínia, também membro dos Congressos Continentais da Filadélfia.

O trabalho em *Thoughts on government* se apresentava como um norte em meio aos debates iniciais sobre as formas de governo a serem adotadas pelo movimento revolucionário americano. Porém é em *The defence of the constitutions of government of the United States of America* que Adams vai desenvolver de maneira profunda sua concepção política de governo misto e de republicanismo, tendo em Cícero um dos principais suportes teóricos (SELLERS, 2009, p. 37). Nas palavras de Pocock (1975, p. 526), este seja “talvez o último grande trabalho de teoria política escrito dentro da tradição sem modificações do republicanismo clássico”⁹⁴.

Uma das motivações da escrita dessa obra era combater as influências francesas sobre o território americano, especialmente aquelas que identificavam na política democrática ateniense, ao possuir apenas uma câmara legislativa, a melhor forma de organização política. Para Adams, partindo de Políbio, a democracia direta seria apenas uma via em direção a tirania (PAYNTER, 1996, p. 531; THOMPSON, 1995, 392; RICHARD, 1995, p. 135).

O que Adams fez nessa obra foi revisitar todo o sistema de governo europeu que poderia ser chamado de República sobre sua definição de “um governo de leis e não dos homens” (ADAMS, 1787, p. iii) e também trazer todo pensador que defendeu qualquer ideia de república, desde Platão chegando até a James Harrington na Inglaterra⁹⁵. Neste amplo trabalho, ele discute o que denomina de *republicas democráticas*, *repúblicas aristocráticas* e *repúblicas monárquicas* olhando para exemplos que partiam desde as cidades-estados gregas à república romana, das cidades medievais italianas até os cantões suíços e dos modelos monárquicos inglês e polonês. O que ele tira de conclusão é que em todos os casos o que se percebia era uma ampla base popular, desejando mais liberdades, que conflitava com um relevante grupo de aristocratas desejosos de poder e riqueza. A partir dessa situação, era necessário um poderoso executivo para manter o equilíbrio entre populares e aristocratas e entre eventuais facções que surgissem nos aristocratas. O executivo deveria ser o mediador entre os dois braços legislativos do poder, um popular, enxergado como a câmara dos representantes, e outro aristocrático, visualizado no Senado (RYERSON, 1995, 24-25; 27-28; MIROF, 1987, 369).

⁹⁴ *Perhaps the last major work of political theory written within the unmodified tradition of classical republicanism* (POCOCK, 1975, p. 526).

⁹⁵ James Harrington (1611-1677) foi um teórico político inglês e defensor das ideias de um republicanismo clássico. Sua obra mais conhecida é a *Commonwealth of Oceana* (1656) que tratava da exposição de uma constituição ideal designada para o desenvolvimento de uma república utópica (POCOCK, 1977, p. xv)

A construção desse hercúleo trabalho por Adams tem um objetivo duplo, como aponta John E. Paynter em um artigo intitulado *The rhetorical design of John Adams's "Defence of the Constitutions of... America"* (1996). Para esse autor, a obra de Adams seria “um projeto unificado em retórica deliberativa, identificando um problema particularmente crucial na vida política americana, chamando-os a agir em resposta a esse problema”⁹⁶ (PAYNTER, 1996, p. 532). Mas ao mesmo tempo em que ele quer apontar um determinado problema na organização política americana, ele busca defender suas estruturas republicanas, para que não sejam atacadas pelo pensamento antagonista francês. Adams tem um dilema, que para ser resolvido precisaria ser debatido por métodos conflitantes de persuasão. A maneira que encontrou foi “um rigoroso reexame da leitura e reflexão do que tinha formado o entendimento político da maioria dos homens influentes na geração dos fundadores”⁹⁷ (PAYNTER, 1996, p. 533).

A obra foi constantemente atacada por ter sido considerada “antirrepublicana”, imputando um estigma sobre a futura carreira de Adams (PAYNTER, 1996, p. 531; THOMPSON, 1995, 391). O advogado da Nova Inglaterra buscou fazer a defesa de sua concepção de republicanismo, deixando uma vasta obra erudita. Para Sellers

John Adams descreveu os sistemas desenvolvidos por legisladores através de eras como “experimentos” feitos sobre os modos e a vida humana. Roma e Inglaterra providenciaram os modelos favoritos para os constituintes modernos e Cícero foi de grande inspiração quando ele disse que “as leis, que são a única forma possível de governo, medida e garantia da justiça” só podem ser justas e protegidas sobre os pesos e contrapesos de uma república democrática, com dois ramos na legislatura, e um poder executivo eleito⁹⁸ (SELLERS, 2009, p. 39; ADAMS, 1787, p. I. xvii-xviii).

A busca de Adams em fundamentar seus argumentos políticos em um pensador clássico, reconhecido e valorizado pelos seus pares, serve como forma de legitimação retórica de suas contribuições. Cícero é mais do que apenas uma fonte de conhecimento, é modelo a ser seguido em termos de carreira jurídica e política, já que o americano encontrava no

⁹⁶ (...) *a unified venture in deliberative rhetoric, identifying a particularly crucial problem in American political life and calling Americans to action in response to that problem* (PAYNTER, 1996, p. 532).

⁹⁷ (...) *a rigorous re-examination of the Reading and reflection that had formed the political understanding of most of the influential men in the Founding generation* (PAYNTER, 1996, p. 533).

⁹⁸ *John Adams described the systems devised by legislators through the ages as “experiments” made on human life and manners. Rome and England provided the favorite models for modern constitution-writers and Cicero the greatest guidance, when he said that “the laws, which are the only possible rule, measure and security of justice” can be just and protected only under the checks and balances of a democratic republic, with two branches in the legislature, and an elected executive power* (SELLERS, 2009, p. 39; ADAMS, 1787, p. I. xvii-xviii).

romano um guia para os desafios que se apresentavam, ao mesmo tempo que um desejo por renome (FARRELL, 1989, p. 505) o levavam a trazer Cícero em diversos aspectos de seu cotidiano.

2.3 - Adams e Cícero: para além do político e jurídico.

A influência do movimento Iluminista não se mantém restrita à Europa, desempenhando grande papel nos debates políticos americanos durante o século XVIII (FERGUSON, 2004, p. 33; COMMAGER, 1971, p. 6; WOOD, 2009, p. 4). E junto com o movimento francês, o resgate de um racionalismo científico, com origens clássicas gregas e romanas, retoma o protagonismo relacionado ao debate filosófico, tendo sido extremamente influente no desenrolar do próprio processo revolucionário inglês já no século XVII. Essa construção epistemológica também se faz presente na América e John Adams não ficou alheio a isso (SELLERS, 2009, p. 2; 16-17; 24).

O historiador americano C. Bradley Thompson discute em dois trabalhos a profundidade da relação de Adams com esse racionalismo filosófico. No artigo *John Adams Machiavelian Moment* (1995), Thompson discute como o americano busca nas obras do filósofo italiano Nicolau Maquiavel uma de suas influências sobre o republicanismo clássico, sendo talvez um dos únicos *fundadores* a tê-lo como referência. Adams mesmo disse que ele foi “um dos primeiros a reviver a política dos antigos⁹⁹”, mas Thompson também alerta que “Adams pegou de Maquiavel tudo o que precisava, e rejeitou muito¹⁰⁰” (THOMPSON, 1995, p. 391).

O cerne do trabalho é discutir o quanto o pensamento de Maquiavel influenciou o pensamento de Adams, principalmente nas discussões que o americano desenvolveu ao propor o uso da razão como ferramenta para a busca do conhecimento, sendo um resgate, para Adams, de “um método praticado na Antiguidade”¹⁰¹ (THOMPSON, 1995, p. 395). Através da análise feita por Thompson nesse primeiro trabalho, a discussão que Adams propunha, tanto em *Defence* quanto nas cartas e no diário, era mais profunda do que se pensa no campo filosófico:

⁹⁹ *the first to revive the ancient politics* (THOMPSON, 1995, p. 391).

¹⁰⁰ *Adams took from Machiavelli what he needed, and he rejected much* (THOMPSON, 1995, p. 391).

¹⁰¹ *a Method which had been practiced in Antiquity* (THOMPSON, 1995, p. 395).

Como poderiam os métodos e modos comuns à racionalização das ciências naturais ser aplicada para assuntos políticos? Que tipo de epistemologia política os legisladores deveriam empregar quando organizassem constituições? Essas eram as perguntas centrais para Adams¹⁰² (THOMPSON, 1995, p. 397).

A conclusão apresentada nesse trabalho por Thompson seria que Adams via na ciência política desenvolvida por Maquiavel uma iniciativa revolucionária de resgatar uma racionalização política clássica, assim como Francis Bacon havia feito com as ciências naturais (THOMPSON, 1995, p. 399).

Em outra obra, *Young John Adams and the New Philosophic Rationalism* (1998), Thompson analisa a extensão do racionalismo proposto por Adams em outros aspectos do seu cotidiano. O argumento central de seu trabalho é o embate entre o racionalismo proposto pelos filósofos do Iluminismo e dos séculos XVI e XVII e o pensamento puritano tradicional que Adams herdou devido a sua origem na Nova Inglaterra (THOMPSON, 1998, p. 261). Ao longo de todo o trabalho, Thompson apresenta como Adams passa a questionar elementos da sua influência puritana e se posicionar dentro do debate dos filósofos racionalistas, em busca de uma orientação de conduta. Não que Adams negue a sua vertente puritana, em nenhum momento ele diz dessa forma, mas Thompson (1998, p. 279) defende que a incorporação do que ele chama de “[...] virtudes construtivas da prudência, fortitude, justiça, gratidão e benevolência [...]”¹⁰³ podem ser alcançadas através de uma racionalização; assim, o americano as incorporaria à sua visão de mundo puritana.

A obra de C. Bradley Thompson traz interessante perspectiva sobre a formação moral e intelectual de Adams, porém, sob nossa ótica, recorre à mesma formulação já proposta por Bernard Bailyn de que os debates iluministas, principalmente o pensamento radical inglês do século XVII, de forte base racionalista, seriam os determinantes para a fundamentação ideológica dos *fundadores* em detrimento da influência do pensamento clássico grego e romano, que serviriam apenas como ornamentos textuais (BAILYN, 1992, p. 34-35). O conhecimento que Adams possuía sobre a obra de Cícero não nos permite descartá-lo de sua influência também no âmbito filosófico racionalista. Salientamos ainda o quanto o pensamento racionalista proposto no período da

¹⁰² *But how could the methods and the modes of reasoning peculiar to the natural sciences be applied to things political? What sort of political epistemology should lawgivers use and employ when designing constitutions? These are the central questions for Adams* (THOMPSON, 1995, p. 397).

¹⁰³ (...) *the constructive virtues of prudence, fortitude, justice, gratitude, and benevolence [...]* (THOMPSON, 1998, p. 279)

modernidade retém influência da obra ciceroniana; como os elementos de virtudes citados por Thompson acima, podem, também, ser relacionados com as propostas apresentadas pelo romano em *De officiis* (I. 4.13-I.6.19). Adams trabalhou com a obra de Cícero no próprio latim, fazendo suas traduções e observações, baseando-se, também, nas obras dos filósofos modernos para a compreensão acerca do texto. Dessa forma o trabalho de Thompson deixa de lado o elemento da recepção que Adams faz de Cícero ao analisá-lo apenas do ponto de vista dos modernos, sendo que estes também são partícipes em um processo de recepção do Arpinate, como Charles Martindale aponta: “existem diversas histórias (*histories*) e muitas estórias (*stories*) competindo sobre a história (*history*). A história pode ser vista como socialmente corporificada, uma prática socialmente negociada, construída discursivamente [...] um texto é um mosaico de vozes [...]”¹⁰⁴ (MARTINDALE, 1993, p. 18; 30).

Partindo desse leque de abordagens sobre como a obra ciceroniana é central na formulação de Adams, o principal objetivo do nosso trabalho é analisar a presença dessa influência ciceroniana na produção epistolográfica de John Adams, não apenas nos temas a serem abordados, mas na compreensão de que as cartas, além de espaços de interação social, também poderiam funcionar como uma formação de produção literária (GIESEN, 2016, p. 28; CASTILLO, 1974, p. 436; EBELLER, 2001, p. 33-37; ROSENMEYER, 2001, p. 5-7).

O estudo sobre epistolografia permanecia, no século XVIII, como um gênero de composição comumente ensinado por retóricos. As cartas de Cícero eram vistas como um dos grandes modelos de estilo epistolográfico e grande fonte de inspiração, como o próprio Adams cita em uma carta: “Entre os antigos existem dois ilustres exemplos de estilo epistolar, Cícero e Plínio, cujas cartas apresentam modelos de uma bela escrita [...]”¹⁰⁵ (ADAMS, 1963, p.39). Assim, como de outras formas, Adams se vira para Cícero como um paradigma de escrita epistolar (FARRELL, 1995, p. 137).

¹⁰⁴ *But there are many histories, and many competing stories about history. History can be seen as a socially embodied, socially negotiated practice, constructed discursively [...] a text is a mosaic of voices [...]* (MARTINDALE, 1993, p. 18; 30).

¹⁰⁵ *Among the ancients there are two illustrious Examples of the Epistolary Style, Cicero and Pliny, whose Letters present you with Modells of fine Writing [...]* (ADAMS, 1963, p.39)

CAPÍTULO 3

Philadelphia-Thessalonica: a construção de um éthos de exilado.

3.1 Epistolografia como fonte de análise histórica.

Quando buscamos analisar a recepção de Cícero por Adams, temos a formação de uma tensão entre o campo de experiência e a abertura de horizontes de expectativa, contribuindo para a concepção de determinado tempo histórico. Porém, como essa relação não é determinadamente simétrica, como dito por Koselleck, desenvolvemos também uma forma de recepção ao buscarmos evidenciar uma compreensão histórica sobre John Adams e suas concepções retóricas e políticas, isto é, posicionamo-nos também nós nessa relação de tensão entre o passado e o futuro, quando buscamos desenvolver uma análise histórica da recepção.

Para podermos compreender melhor essa relação das experiências e expectativas, em abordagem histórica, sobre a recepção retórica de Cícero em John Adams, e, através do entendimento de que uma temporalidade se manifesta à superfície através da linguagem, fizemos a opção de trabalhar com um *corpus* específico, comum aos dois objetos. Por isso definimos as cartas, ou epístolas, como nosso *corpus* para observarmos a recepção Clássica no contexto da Revolução Americana. Uma vez que ambos os objetos de estudo possuem vasta produção epistolográfica, definiremos, doravante, a maneira como trabalharemos com essas fontes.

O estudo histórico sobre o discurso epistolar, além de contribuir para melhor entendimento da evolução linguística, também abre novas perspectivas sobre as práticas da escrita de cartas, bem como de melhor apreensão das realidades socioculturais em que estavam inseridas. Do ponto de vista diacrônico linguístico, o estudo acerca da escrita de missivas é um objetivo particularmente valioso, já que o discurso epistolar é uma das formas mais antigas de escrita, permitindo a investigação de suas características através do tempo e de culturas (CAMICIOTTI, 2014, p. 17).

Como apontamos anteriormente, entendemos que as fontes epistolares são formações discursivas, podendo então serem analisadas como um gênero do discurso; logo,

A carta sempre foi usada para uma variedade de funções não necessariamente relacionadas à transmissão de notícias ou o estabelecimento de um relacionamento com uma pessoa ausente, e sua própria flexibilidade como modo de comunicação tem permitido

historicamente que outros gêneros apareçam a partir da escrita de cartas¹⁰⁶ (CAMICIOTTI, 2014, p. 25).

Primeiramente precisamos entender e delimitar o que é uma carta. Alguns autores, como Derrida, chegam a considerar que todos os textos podem ser identificados como carta (GIBSON; MORRISSON, 2007, p. 3). Não pretendemos trabalhar com interpretação tão ampla; preferimos delimitar o entendimento do que seria carta de acordo a definição proposta por Trapp (2003, p. 1), a partir de uma

[...] combinação de características formais e contextuais. Uma carta é uma mensagem escrita por uma pessoa (ou um grupo de pessoas) para outra, exigindo ser fixada num suporte material, que por si só é para ser fisicamente transportado entre o(s) emissor(es) e receptor(es). Em relação ao aspecto formal, é uma peça de escrita que é claramente dirigida de remetente(s) para destinatário(s) pelo uso, no início e no final, de um conjunto limitado de fórmulas convencionais de saudação (ou alguma variação alusiva) que especifica ambas as partes da transação. Pode-se também acrescentar, a título de explicação, que a necessidade de uma carta como um meio de comunicação normalmente surge porque as duas partes estão fisicamente distantes (separadas) uma da outra, e, assim, incapazes de se comunicar por voz e gesto sem mediação; e que normalmente se espera que uma carta tenha um comprimento relativamente limitado (TRAPP, 2003, p.1).

O gênero epistolar é uma forma de escrita que já possuía definição desde a Grécia antiga, entendida como forma de comunicação em que os interlocutores estão em espaços separados, possui praticidade na sua forma de transporte, delimitados por formas de saudação e despedida, com linguagem simples e tamanhos reduzidos (GIESEN, 2016, p. 27). Porém, as cartas não ficaram restritas a apenas meios de comunicação, passando a ser trabalhadas como formas de arte, como atividade literária e também de informação (GIESEN, 2016, p. 27; GOETZL, 1952, p. 265). Adolf Deisman (1907) é um dos primeiros a levantar estudo sobre as cartas como forma de produção literária (GIESEN, 2016, p. 28; CASTILLO, 1974, p. 436; EBELLER, 2001, p. 33-37; ROSENMEYER, 2001, p. 5-7). Ele definiu uma divisão da produção em carta (*Brief*) e epístola (*Epistel*), em que as cartas seriam uma produção real e espontânea, possibilitando construção da realidade do período, e as epístolas seriam apenas as de caráter literário (GIESEN, 2016, p. 28; EBBELER, 2001, p. 33-37). No entanto, os estudos de Deisman vêm sendo contestados há algum tempo, definindo-se então que as cartas não seriam identificadas como forma literária apenas pelas suas divisões, já que na Antiguidade não se tinha uma

¹⁰⁶ *The letter has always been used for a variety of functions not necessarily related to the conveyance of news or the establishment of a relationship with an absent person and its very flexibility as mode of communication has historically allowed other genres to emerge from letter writing* (CAMICIOTTI, 2014, p. 25).

expressão para diferenciar os tipos de cartas. Dessa maneira, suportamos a ideia de que as cartas são de maneira ampla formas literárias devido à sua capacidade de englobar diferentes estilos e gêneros literários (GIESEN, 2016, p. 28-29; CASTILLO, 1974, p. 436-37; ROSENMYER, 2001, p. 5).

Tendo delimitado as cartas como forma de produção literária, com as definições propostas por Trapp (2003), não podemos deixar de ressaltar, porém, que as cartas também podem se relacionar com outras diferentes formas textuais. Não queremos retomar a proposta de Derrida, de que, metaforicamente, todos os textos seriam cartas, mas alguns textos podem conter características próximas da produção epistolar, ou até influenciarem a sua produção. Isso nos mantém com uma possibilidade ampla de análise das cartas como formação textual discursiva; trabalhamos com as produções epistolares com a compreensão de suas estruturas que a definem como carta, mas sem excluir suas conexões com outras formas textuais não epistolares, elaborando diferentes camadas de intertextos que podemos analisar (GIBSON; MORRISON, 2007, p. 15).

Ao definirmos as fontes epistolares como produções dentro do campo literário e dotadas de elaboração discursiva, levaremos ao trato dessas fontes algumas contribuições dos *Estudos do Discurso*, principalmente a corrente de pensamento de linha francesa. Uma das conceituações que utilizaremos, e que dialoga com as concepções de recepção e com o próprio uso das fontes epistolares que apontamos anteriormente, é a da heterogeneidade do discurso. Para Maingueneau (2014, p. 262) a identidade de uma formação discursiva é sempre indissociável de sua relação com as formações discursivas através das quais ela constrói sua identidade:

A definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu outro [...]. Disso decorre o caráter forçosamente dialógico de qualquer enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos e o funcionamento intradiscursivo (MAINGUENEAU, 2008, p. 35-37)

Assim, o ato de enunciação é compreendido de maneira *dialógica*, como propõe Bakhtin, e o organizador da enunciação se dá no conflito entre o eu e outro. Ele se forma na sua multiplicidade, inserido na memória e na história, não sendo um sujeito transcendental, fora de qualquer orientação histórica, social e política (BRANDÃO, 2013, p. 32-33; BAKHTIN, 1979, p. 113). Com essa proposição dialógica do entendimento das enunciações, Bakhtin desenvolve o conceito de *polifonia*, “a qualidade de todo o discurso

estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro” (BRANDÃO, 2004, p. 109). Com essa aplicação da polifonia, Bakhtin propõe que o processo da compreensão deve se dar de forma ativa, e não passiva. As diferentes formas de sentido que um texto possui não são passadas uniformemente, mas são desenvolvidas a partir da interação com outras vozes e em contextos diversos.

Partindo do desenvolvimento dos conceitos de dialogismo e de polifonia, e como toda formação discursiva é atravessada por outras, ampliaremos nosso horizonte de análise ao nos apoiarmos nas contribuições de Dominique Maingueneau (2008) sobre as relações entre os discursos, definindo o *primado do interdiscurso frente ao discurso*. Maingueneau afirma que, para os que pretendem desenvolver Estudos do Discurso, a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (MAINGUENEAU, 2008, p. 31-33). Nosso foco de análise não pode se situar apenas no discurso e nas suas construções, mas no espaço de trocas entre eles. Para simplificarmos essa concepção do interdiscurso definida por Maingueneau (2008), Souza-e-Silva aponta que

[...] nessa perspectiva, o princípio do primado do interdiscurso implica considerar que os discursos, em termos de gênese, não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, colocados em relação, mas que eles constituem, de maneira regulada, no interior de um interdiscurso. (SOUZA-E-SILVA, 2013, p. 100).

Ao examinarmos a produção epistolar de Adams, é preciso compreendê-la não como discursos isolados, mas no diálogo com as produções intelectuais de Cícero, e por isso buscamos analisar esse “espaço de trocas” no qual Maingueneau define a importância do interdiscurso. Adams buscou compreender melhor sua realidade ao pautar-se nas abordagens clássicas, e encontrou nas propostas de Cícero respostas aos questionamentos de sua contemporaneidade, incorporando essas perspectivas em suas próprias ações; assim, as epístolas de Adams se construíram numa relação interdiscursiva com as composições ciceronianas epistolares.

Optamos por essa rede de conceitos por entender nelas uma relação direta com a proposta das teorias da recepção. Entendemos que a formação de uma análise sobre recepção se dá no ponto de contato, no espaço onde o discurso clássico se encontra com a formação discursiva contemporânea ao receptor: em nossa pesquisa, as cartas.

Ao trabalharmos com a análise epistolar nos deparamos com um universo compartilhado, pois pela

complexa natureza das mensagens epistolares: a carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar...)”, explica Moraes (2008, p. 8-9), ressaltando que “cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto) orbita uma constelação de assuntos, significados e indagações” (KOHLRAUSCH, 2015, p. 149).

O gênero epistolar também permite a aplicação de preceitos provenientes da retórica. Utilizar a escrita para determinar o sentido do texto faz parte do trabalho da retórica, assim como o estudo epistolar visa compreender de que maneira através das cartas o autor se configura e se apresenta, tendo a escrita como meio dessa transmissão (MUHANA, 2000, p. 330). Podemos definir que as cartas seriam diálogo *per absentiam*, sem a presença do locutor, isto é, uma “fala ausente, para ausentes, de ausentes. É apenas pela escolha e combinação das palavras que o escritor irá mostrar ao leitor seu pensamento sobre as coisas” (MUHANA, 2000, p. 331).

Para podermos analisar em nossa pesquisa a forma como a epistolografia pode servir enquanto análise historiográfica através da recepção, faz-se necessário entender como se fundamentou a escrita de cartas nas duas temporalidades em questão, e necessitamos demonstrar de que forma a produção de missivas ocorria tanto no período ciceroniano quanto no período de Adams, para assim conseguirmos compreender da melhor maneira a possibilidade da recepção do orador romano pelo fundador americano.

3.2 As definições de epistolografia clássica romana e seus ecos na produção de correspondências no atlântico do século XVIII.

É importante notar logo de início que na Antiguidade Clássica Romana não havia termos específicos que serviriam para definir se uma carta seria de cunho público ou privado, literário ou não literário (ROSENMEYER, 2001, p. 5; GIESEN, 2016, p. 28). Portanto é possível encontrarmos gêneros literários diversos ao analisarmos cartas, tornando-a documento com grande possibilidade de análise, tanto histórica quanto literária (GIESEN, 2016, p. 30). Definir se carta na antiguidade romana possui algum caráter de valor literário independe dela ser pública ou privada, pois é na utilização de determinados recursos linguísticos ou de gêneros específicos em sua composição que se estabelece o elemento definidor de sua literalidade (GIESEN, 2016, p. 33).

Um dos primeiros grandes tratados sobre a produção epistolar na Antiguidade Clássica seria o *Sobre o estilo (Perí Hermeneías)* do grego Demétrio de Faleros (GIESEN, 2016, p. 35; FREITAS, 2011, p. 76). Demétrio escreveu sobre a simplicidade na produção das epístolas, bem como o fato de elas se apresentarem como diálogo que precisa de muita clareza em sua escrita, pois como será uma mensagem enviada, na ausência do seu locutor, nem todas as formulações dialógicas deveriam ser utilizadas (Demétrio. *Sobre o estilo*, §§223-225). Outro elemento marcante apontado por Demétrio seria que a missiva apresentaria o caráter (*éthos*) daquele que o escreve:

Mas que a carta tenha, ao máximo, uma mostra do caráter, tal como o diálogo. Pois cada qual escreve uma carta quase como uma imagem de sua alma. É, de fato, possível notar o caráter do escritor em qualquer discurso, porém em nenhum outro como na carta (Dem., *Sobre o estilo*, §227).

Essa construção do *éthos* nas cartas se torna elemento central em nossa análise, já que o emissor da epístola busca controlar a imagem transmitida, porém caberá aos receptores sua definição. Demétrio se estende em sua explicação tratando sobre como deve ser a escrita, de forma simples e pessoal; os temas mais adequados a tratar; e como a escrita da carta deve se adaptar ao seu receptor, variando no sentido da formalidade ou casualidade (*Sobre o estilo*, §§228-234; GIESEN, 2016, p. 37).

Tratados retóricos sobre a produção epistolográfica apareceram em contexto romano por volta do século IV d.C, e estiveram ausentes de muitos manuais retóricos, inseridos paulatinamente de forma tardia, mas é possível encontrar algumas reflexões teóricas em diversos autores anteriores a esses tratados tardios. Uma das primeiras publicações de coleção de cartas privadas foram justamente as de Cícero (PIERNAVIEJA, 1978, p. 367; CASQUERO, 1983, p. 386; MALHERBE, 1988, p. 2; TRAPP, 2003, p. 13; GIESEN, 2016, p. 37). Mesmo apresentando essa vasta coleção, Cícero não chega a ser exatamente um teórico da epistolografia: sua contribuição se aplica mais sobre a pragmática da escrita epistolar, definindo-as como uma conversação entre ausentes, e possuindo três tipos de missivas: as dos assuntos do cotidiano, as de caráter familiar e mais alegre e as de caráter sério e melancólico (EBBELER, 2001, p. 469; GIESEN, 2016, p. 38). Além de possibilitar a comunicação, Cícero também entende que a epístola é uma maneira de se fazer presente:

[...] me tranquilizo um pouco no meio dessa angústia quando quase falo com você, quando, de fato, leio suas cartas [...] (Cíc. *Ad Att.* VIII,14, 1).

Ainda que eu não tenha nada sobre o que escrever, eu escrevo para que pareça estar conversando com você (Cic. *Ad Att.* XII,53, 1)¹⁰⁷.

Mesmo sem se aprofundar nas questões teóricas, podemos perceber a concomitância da percepção ciceroniana com a que Demétrio articula. Através da carta poderia-se chegar ao entendimento sobre o caráter da pessoa que a escreve, garantindo maior receptividade entre os interlocutores (GIESEN, 2016, p. 40).

Além de abordar questões temáticas do gênero, também se faz presente nas cartas ciceronianas a forma como se deve dar a composição textual das cartas:

Chego, agora, à sua epístola, para a qual, escrita tão suave e copiosamente, não há como responder com muitas palavras: primeiramente, porém, eu enviei aquela carta (sua) a Calvo esperando, não menos que em relação a essa que você lê, que ela seja publicada. De fato, escrevemos de uma maneira aquilo que acreditamos que apenas os indivíduos para os quais enviamos lerão, e, de outra, aquilo que acreditamos que será lido por muitos (Cic. *Ad fam.* XV, 21, 4)¹⁰⁸.

Neste trecho, Cícero comenta a presença de elementos suaves e simples de forma positiva, além de apontar que mesmo cartas privadas podem vir a ser publicadas, dessa maneira tomando-se maiores cuidados com a sua escrita. A presença da simplicidade na escrita é um elemento marcante nos comentários ciceronianos, mas sempre adequando a linguagem a quem for o destinatário (GIESEN, 2016, p. 41).

Uma percepção semelhante a essa é defendida por Adams, também em carta:

John Adams para Abigail Adams

Filadélfia, Julho, 7. 1776

Vale a pena para uma pessoa, obrigada a escrever o tanto quanto eu, considerar as Variedades de Estilo...O epistolar, é essencialmente diferente do oratório, e do estilo histórico...Oratória abunda com figuras. História é simples, mas grave, majestoso e formal. Cartas, assim como conversações, devem ser livres, calmas e familiares. Simplicidade e familiaridade, são as características deste tipo de escrita. (...)

Entre os antigos existem dois ilustríssimos exemplos de estilo epistolar, Cícero e Plínio, cujas cartas presenteiam você com modelos de bela escrita, tendo suportado as críticas de quase dois mil anos. Nestas você

¹⁰⁷ “[...] *requiesco paulum in his miseriis, cum quae tecum loquor, cum vero tuas epistulas lego* [...]” (Cic. *Ad Att.* VIII,14,1); “*Ego, esti nihil habeo, quod ad te scribam, scribo tamen, quia tecum loqui videor*” (Cic. *Ad Att.* XII, 53,1).

¹⁰⁸ “*nunc ad epistulam venio, cui copiose et suaviter scriptae nihil est quod multa respondeam: primum enim ego illas Calvo litteras nisi non plus quam has, quas nunc legis, existimans exituras; aliter enim scribimus, quod eos solos, quibus mittimus, aliter, quod multos lecturos putamus*” (Cic. *Ad Fam.* XV,21, 4. Tradução de GIESEN, 2016, p. 40).

verá o sublime, a beleza, a narração, e o patético¹⁰⁹, transmitido tanto em simplicidade, facilidade, liberdade e familiaridade quanto a língua é capaz (ADAMS, 1963, p. 39)¹¹⁰.

Mesmo Adams também não tendo nenhum escrito sobre teoria epistolar, sua formação e apreço pela Antiguidade clássica romana e, especialmente, pelos seus conhecimentos nas obras ciceronianas, leva a nossa atenção para as condições e formas de escrita epistolar nos Estados Unidos durante o século XVIII. Como ele mesmo citou no trecho destacado anteriormente, tinha como exemplos para suas epístolas as influências de Cícero e Plínio. O cerne do nosso trabalho será sobre o gênero epistolar familiar. Tais epístolas referem-se não só a parentes ou apenas a assuntos domésticos, mas a todos aqueles amigos os quais se poderia ter interesse em informar sobre diversos assuntos: reclamações, entendimentos, alívios, consolação, agradecimento e diversas outras formas (MUHANA, 2000, p. 333). Uma característica de estilo que identifica essas cartas familiares seria justamente a simplicidade.

Tratar das publicações de cartas como um gênero literário é um fenômeno desenvolvido ao longo do século XVI; romances e ensaios em forma epistolar surgiram no século XVII e se consolidaram especialmente no XVIII. É neste momento que

(...) o interesse no papel desenvolvido pelas cartas na sociedade e na vida das pessoas rendeu as cartas, em alguns casos, um ego-documento com o qual desenvolveu em uma coleção de cartas literárias ficcionais e romances epistolares, que alcançaram prominência artística em meados do século XVIII em diversos países europeus¹¹¹ (CAMICIOTTI, 2014, p. 25)

Tratar sobre a prática da escrita de cartas no século XVIII envolve observarmos a importância dos manuais que ensinavam maneiras de escrever uma carta. Eram elementos centrais na cultura escrita do século XVIII e combinavam diretamente com diversas

¹⁰⁹ Patético no sentido de *Páthos*, como abordado por Aristóteles e Demétrio.

¹¹⁰ *John Adams to Abigail Adams Philadelphia July 7. 1776*

It is worth the while of a Person, obliged to write as much as I do, to consider the Varieties of Style. ... The Epistolary, is essentially different from the oratorical, and the Historical Style. ... Oratory abounds with Figures. History is simple, but grave, majestic and formal. Letters, like Conversation, should be free, easy, and familiar.

Simplicity and Familiarity, are the Characteristicks of this Kind of Writing. (...) Among the ancients there are two illustrious Examples of the Epistolary Style, Cicero and Pliny, whose Letters present you with Modells of fine Writing, which has borne the Criticism of almost two thousand Years. In these, you see the Sublime, the beautiful, the Novell, and the Pathetick, conveyed in as much Simplicity, Ease, Freedom, and Familiarity, as Language is capable of (ADAMS, 1963, p. 39).

¹¹¹ (...) *the interest in the role played by letters in society and people's lives rendered the letter, in some cases, an ego-document which developed into fictional literary letter collections and epistolary novels, which rose to artistic prominence in the middle of the eighteenth century in many European countries (CAMICIOTTI, 2014, p. 25).*

propostas iluministas, já que esses manuais mesclavam em uma pequena obra exemplos de formas educadas de se corresponder de maneira doméstica, social, profissional e comercial, além de trazerem instruções da escrita inglesa padronizada (BANNET, 2005, p. ix). Uma das funções desses manuais, além de integrar as distantes comunidades que faziam parte do império britânico transatlântico, era suprir a falta de educação latinizada completa, complementando o pouco acesso a escolas de que muitas pessoas de classes sociais mais empobrecidas poderiam desfrutar (BANNET, 2005, p. x).

Esses manuais forneciam modelos de como se deveria escrever uma carta, como demonstra este excerto:

Carta II – De um tio a um sobrinho, sobre sua manutenção de más companhias, maus horários etc. em sua aprendizagem.

Querido Sobrinho,

Eu estou muito preocupado em ouvir que você caiu recentemente em más companhias; que você mantém maus horários, trazendo grande inquietação a seu senhorio e quebrando regras da família dele: que quando ele o adverte nestas ocasiões, você retorna com respostas ousadas e petulantes; e, ao invés de prometer ou se esforçar por mudar, repete as ofensas; (...) ¹¹² (RICHARDSON, 1741, p. 17-18).

Ao longo do século XVIII, aprender através de imitações era uma prática comum, não sendo tratada de maneira pejorativa, mas vista como forma de ampliar a proficiência através da reescrita, variação, correção, ampliação, inversão dos modelos básicos. Familiaridade com esses modelos significava que um dos objetivos ao se ler uma carta, tão importante quanto interpretar os sentidos, era reconhecer os modelos básicos e perceber as variações aplicadas (BANNET, 2005, p. xii). A imitação é recurso importante e presente no estudo e desenvolvimento da retórica clássica, como nos apontou Quintiliano em *Institutio Oratoria* (*Quint. Inst. II. VII*); como muitos desses manuais ingleses possuem suas origens em obras humanísticas do renascimento, não é de se estranhar a permanência desses elementos clássicos nas composições dos manuais de cartas do século XVIII, lembrando-nos de que a epistolografia é um campo para o desenvolvimento de artifícios retóricos (BANNET, 2005, p. xiii; xx).

¹¹² *Letter II. From an uncle to a nephew, on his keeping bad company, bad hours, &c. in his apprenticeship. Dear Nephew, I am very much concerned to hear that you of late fallen into bad company; that you keep bad hours, and give great uneasiness to your master, and break the rules of his family: that when he expostulates with you on this occasion, you return pert and bold answers; and, instead of promising or endeavouring to amend, repeat the offence; (...)* (RICHARDSON, 1741, p. 17-18).

Apesar do papel importante que as cartas desenvolveram na literatura e cultura dos Estados Unidos durante boa parte do século XVIII e XIX, pouca atenção se deu ao estudo crítico desse gênero literário, tanto por parte da literatura, que depositava sua atenção na ficção epistolar, quanto propriamente da análise histórica. Escritores do período pré-revolucionário até o período da Guerra Civil se voltavam para as formas epistolares como meios de engajamento em tópicos políticos e filosóficos através das correspondências (HEWITT, 2004, p.3).

Para Elizabeth Hewitt, a prática da escrita de cartas no período da formação enquanto nação dos Estados Unidos teria contribuído para a disseminação de práticas e teorizações sobre a democracia, tendo as epístolas contribuído para o estabelecimento de um consenso familiar e nacional (HEWITT, 2004, p. 7). Ela explica sua proposta da seguinte maneira:

A carta – com o que eu quero dizer o gênero que autoconscientemente enfatiza as trocas entre autor e leitor – paradoxalmente enfatiza a soberania individual (a capacidade do escritor da carta em comunicar seus interesses sem restrição ou coerção) ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de coordenar os cidadãos a serviço de um bem comum (a capacidade do escritor da carta chegar a um consenso e entendimento mútuo com seu correspondente). Desta maneira, a forma epistolar oferece um modelo para um problema central de políticas democráticas, que seria a reconciliação entre liberdade individual e solidariedade pública. Como veremos, debates ao redor do estabelecimento da democracia constitucional americana no final do século XVIII frequentemente convocam a epistolaridade como meio para descrever um princípio de legitimidade política que é dito acomodar tanto a autonomia pública quanto a privada¹¹³ (HEWITT, 2004, p. 7-8).

Essa percepção da autora concorda com a perspectiva levantada por Habermas (1989, p. 48) que visualizou na prática epistolar do século XVIII o aparato textual que melhor representa não apenas a construção individual do sujeito privado, mas também a esfera pública burguesa que se desenvolve e compreende a relação entre esses indivíduos autônomos (HEWITT, 2004, p. 16). Charles Bazerman (2000, p. 21) concorda com a perspectiva da utilização da carta enquanto meio para a reivindicação de direitos ou

¹¹³ *The letter – by which I mean the genre that self-consciously emphasizes the exchange from author to reader – paradoxically emphasizes individual sovereignty (the capacity of the letter-writer to communicate his interests without restriction or coercion) at the same time as it stresses the need to coordinate citizens in the service of a common good (the capacity of the letter-writer to come to consensus and mutual understanding with his correspondent). In this way, the epistolary form offers a template for a central problem of democratic politics, which is the reconciliation between individual liberty and public solidarity. As we shall see, debates surrounding the establishment of American constitutional democracy at the end of the eighteenth century frequently invoke epistolarity as the means by which to describe a principle of political legitimacy that is said to accommodate both public and private autonomy* (HEWITT, 2004, p. 7-8).

propagação de um sentimento de rebelião através da população; assim as cartas ganhavam naquele momento a conotação de manifestos.

Sarah M. S. Pearsall (2008, p.4-5) nos traz um exemplo que remete ao nosso objeto de estudo para demonstrar a influência da carta na propagação e disseminação desses mesmos ideais entre as populações coloniais americanas, ao usar uma carta de Abigail Adams para John Adams:

Anseio em ouvir que vocês declararam independência – e, a propósito, no novo Código de Leis que eu suponho será necessário que vocês façam, eu desejo que vocês se lembrem das senhoras e sejam mais generosos e favoráveis a elas do que seus ancestrais. Não ponham tal poder ilimitado nas mãos dos maridos. Lembrem-se que todos os homens seriam tiranos se pudessem. Se carinho e atenção particulares não forem prestados às senhoras, nós estamos determinadas a fomentar uma rebelião, e não nos consideraremos obrigadas por quaisquer leis nas quais nós não tenhamos voz ou representação¹¹⁴ (ADAMS, 1963, p. 370).

Esta carta é de 31 de março de 1776, meses antes da Declaração de Independência ser formalizada. Nela podemos perceber o uso de alguns conceitos que orbitavam o debate revolucionário americano, como a expressão *tiranos* ou até mesmo a ideia de fomentar uma *rebelião*. As cartas de Abigail e John, mesmo as de curtas distâncias como essa, já que ela se localizava em Massachusetts enquanto ele estava na Pensilvânia, seriam produtos não apenas de uma cultura americana, mas também atlântica, em se tratando das fronteiras do Império Britânico, uma cultura preocupada com sentimentos, afeto e comportamento doméstico e seu relacionamento com a política (PEARSALL, 2008, p. 5).

Devido a essa condição estabelecida sobre as cartas como fontes de transmissão dessa percepção revolucionária, retornamos nossa atenção aos manuais de escrita de cartas citados anteriormente. Alguns críticos contemporâneos tendem a perceber as cartas como formas de aproximação da oralidade no escrito, porém a percepção dos indivíduos do século XVIII era diversa, uma vez que a epistolaridade era tida à época como um gênero único, que se situaria exatamente entre as duas formas de comunicação, oral e escrita, como aponta esse trecho de um manual de 1790 denominado *The complete letter-writer*:

¹¹⁴ *I long to hear that you have declared an independancy—and by the way in the new Code of Laws which I suppose it will be necessary for you to make I desire you would Remember the Ladies, and be more generous and favourable to them than your ancestors. Do not put such unlimited power into the hands of the Husbands. Remember all Men would be tyrants if they could. If perticular care and attention is not paid to the Laidies we are determined to foment a Rebellion, and will not hold ourselves bound by any Laws in which we have no voice, or Representation* (ADAMS, 1963, p. 370).

containing familiar letters on the most common occasions in life, de autoria de W. D. Dilworth:

Deveríamos escrever como falamos, e essa seria uma verdadeira carta familiar que expressa nosso sentido assim como se nós estivéssemos discursando com o grupo a quem nós escrevemos, em termos sucintos e simples. A língua e a pena são ambas intérpretes da mente; mas a pena é a mais fiel das duas; e como tem toda a vantagem da premeditação, não é tão apta de errar, e deixa as coisas para trás em um registro mais autêntico e duradouro¹¹⁵ (DILWORTH, 1790, p. 8; HEWITT, 2004, p. 10).

Tanto a escrita quanto a oralidade são elementos importantes para a epistolaridade do século XVIII, como apresentam esses manuais, já que eles também indicam maneiras de como pronunciar as palavras. Esses manuais trazem exemplos de como interagir com outros indivíduos, como se portar perante diferentes membros da esfera pública a qual pertencem, servindo como guia de aconselhamento sobre como se portar frente às relações sociais que se formam naquele contexto colonial britânico (HEWITT, 2004, p. 11). Outro elemento da disseminação da presença das cartas enquanto elemento influenciador desse papel político é o surgimento das Sociedades de Correspondência, que tinham como objetivo primordial a circulação de informações entre as colônias e a metrópole, sendo posteriormente utilizadas como maneira de obter o apoio de comunidades rurais mais afastadas pela causa da Revolução, mesmo sem ter nenhum poder político ou de deliberação, apenas a relevância da informação (HEWITT, 2004, p. 20-21).

John Adams demonstra interesse sobre o assunto da produção epistolográfica de sua época, principalmente do ponto de vista da publicação de cartas dos principais atores no processo revolucionário. Ele insiste que cartas privadas deveriam estar sujeitas à circulação pública, indicando que não veria diferença entre as missivas e jornais panfletos:

Correspondências! ... Não duvido que existam agora milhares de cartas, mas ainda restritas, (de seu partido aos amigos) que irão um dia ver a luz. Eu tenho me impressionado por mais de trinta anos por tão poucas terem aparecido: e tenho constantemente esperado que uma História Conservadora da Ascensão e Progresso da Revolução deveria aparecer. E a desejado. Cartas privadas de todos os partidos serão definidas de

¹¹⁵ *[W]e should write as we speak; and that's a true familiar letter which expresseth our meaning the same as if we were discoursing with the party to whom we write, in succinct and easy terms. The tongue and pen are both interpreters of the mind; but the pen the most faithful of the two; and as it has all the advantage of premeditation, it is not so apt to err, and leave things behind on a more authentic and lasting record* (DILWORTH, 1790, p. 8).

maneira análoga a Jornais Panfletos e Historiadores das Eras¹¹⁶ (ADAMS, 1963, p. 349).

Sobre esse excerto, Hewitt (2004, p. 27) argumenta que, “para Adams, toda correspondência é necessariamente pública, pois todas seriam escritas para ou através do estado”. Essa mediação se daria devido ao sistema postal criado, e assim as cartas configurariam elementos centrais no desenvolvimento político democrático americano.

Além desses manuais terem a importância de disseminação de exemplos de como se comunicar e se identificar, utilizados na formação dessa união no desenvolvimento do novo país, isso só foi possível devido à popularização dessas publicações e a seu alcance em grupos sociais mais simples, possibilitando que a escrita de cartas se popularizasse, deixando de ser elemento pertencente a grupos da elite. Esses manuais, portanto, ajudaram a moldar os preceitos culturais desses grupos emergentes nos territórios coloniais ingleses, aprofundando seu refinamento e possibilidade de ascensão social. Uma das principais formas de escritas de carta que desmistifica esse caráter elitista é a chamada Carta Familiar (*Familiar Letter*), amplamente diversificada ao longo do século XVIII. O desenvolvimento dessas cartas familiares ao longo do século XVIII demonstra a importância desse gênero na simbolização do *status* social de uma pessoa (DIERKS, 2000, p. 38). A possibilidade da manutenção de contatos familiares através das cartas, influenciados pelos manuais de escrita, tem uma influência na formação da identidade de um grupo social intermediário, tanto na Inglaterra quanto na América:

Ao desmistificar as regras e convenções da escrita de cartas, uma prática social tradicionalmente simboliza poder, autores de manuais de cartas ajudaram famílias de classe média a perseguirem suas reivindicações de refinamento e ascensão social¹¹⁷ (DIERKS, 2000, p. 31).

Essa carta de cunho familiar é um tipo de epístola também identificada nos escritos ciceronianos, marcando também um elemento presente em seu contexto, como o próprio Cícero identifica:

Não ignoras haver muitos tipos de epístolas, mas o único mais certo é aquele por cuja causa a própria coisa foi inventada, para que

¹¹⁶ *Correspondences! . . . There are I doubt not, thousands of Letters, now in being, but still concealed, (from their Party to their Friends,) which will, one day see the light. I have wondered for more than thirty Years that so few have appeared: and have constantly expected that a Tory History of the Rise and progress of the Revolution would appear. And wished it. Private Letters of all Parties will be found analogous to the Newspaper Pamph[lets] and Historians of the Times* (ADAMS, 1963, p. 349).

¹¹⁷ *By demystifying the rules and conventions of letter writing, a social practice traditionally symbolic of power, authors of familiar letter manuals helped middling families pursue their claims to social refinement and upward mobility* (DIERKS, 2000, p. 31).

informássemos os ausentes se ocorresse algo que eles soubessem que interessaria a nós ou a eles mesmos. Sem dúvida, não esperes cartas minhas deste tipo, pois de teus assuntos particulares tens tanto copistas quanto mensageiros domésticos, porém, nos meus assuntos absolutamente nada há de novo. Há outros dois gêneros de epístolas, que muito me agradam: o primeiro familiar e jocoso; o segundo sério e melancólico. Não sei qual dos dois me convenha usar menos. Gracejaria contigo através de cartas? Juro que não creio haver um cidadão que possa rir nestes tempos. Ou escreveria algo mais sério? O que há que poderia ser escrito seriamente por Cícero a Curião senão a respeito dos negócios públicos? Ora, dessa forma, esta minha situação é de tal modo que nem ousaria escrever o que sinto nem desejaria escrever o que não sinto¹¹⁸ (Cic., *ad fam.*, II, 4, 1; COSTA, 2013, p. 31-32).

Percebemos, através dos apontamentos feitos anteriormente, a importância da epistolaridade para o século XVIII, assim como sua expansão como forma de desenvolvimento político e social. Devido a essa influência e, como demonstrado, a influência que os escritos de Cícero tinham para Adams, se faz necessário analisar de que maneira o advogado americano teria implementado essa influência epistolar e para melhor definição de como vamos abordar as cartas, se faz necessário uma melhor definição dos *corpora* selecionados de ambos os autores.

3.3 As cartas de Marco Túlio Cícero e John Adams.

Além das produções sobre oratória, retórica e dos discursos jurídicos, Cícero é reconhecido por ter um dos mais importantes registros epistolográficos do mundo antigo romano. Suas cartas possuem importante relevância biográfica, e são também uma relevante documentação histórica dos momentos turbulentos do final da República Romana. Suas cartas se dividem em 4 coleções: a) 16 livros enviados ao amigo Tito Pompônio Ático (*Epistulae ad Atticum*); b) 16 livros endereçados a diversos destinatários, variando nos estilos apresentados (*Epistulae ad familiares*); c) 3 livros de cartas destinados ao irmão Quinto Túlio Cícero (*Epistulae ad Quintum fratrem*); d) 2 livros destinados a Bruto (*Epistulae ad Brutum*) (MATOS, 1999, p. 12-13).

¹¹⁸ *Epistolarum genera multa esse non ignoras, sed unum illud certissimum, cuius causa inuenta res ipsa est, ut certiores faceremus absentis, si quid esset quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset. Huius generis litteras a me profecto non exspectas; domesticarum enim tuarum rerum domésticos habes et scriptores et nuntios, in meis autem rebus nihil est sane noui. Reliqua sunt epistolarum genera duo, quae me magnopere delectant, unum familiare et iocosum, alterum seuerum et grave. Vtro me minus deceat uti, non intellego. Iocerne tecum per litteras? Ciuem mehercule non puto esse, qui temporibus his ridere possit. An grauius aliquid scribam? Quid est quod possit grauius a Cicerone scribi ad Curionem nisi de re publica? Atque in hoc genere haec mea causa est, ut neque ea quae sentio audeam neque ea quae non sentio uelim scribere.* (*ad Fam.*, II, 4, 1; COSTA, 2013, p. 31-32)

Dentro desse recorte, o nosso foco de análise foram as 66 cartas produzidas entre os anos de 58 e 56 a.C, período este em que o orador romano se encontrava em exílio devido a querelas políticas com Clódio. Das 4 coleções listadas acima, nosso *corpus* se encontra nas *Ad familiares* e *Ad Atticum*, com maior ênfase sobre as cartas enviadas a Ático, apesar de recorrermos, também, às cartas destinadas à sua esposa Terência.

Assim como a de Cícero, a produção epistolográfica de Adams é extensa e atualmente se encontra publicada de forma integral na obra de doze volumes *The Adams Family Correspondence* (1963) editada por Lyman H. Butterfield. Essa obra traz todas as cartas enviadas ou recebidas tanto por John Adams quanto por sua esposa, Abigail Adams, datando de 1761 até 1798. Esse compilado traz toda a troca de correspondências realizada por John e Abigail nos períodos da vida em que ficaram separados. A própria ideia da publicação de suas correspondências foi algo pensado por Adams em carta ao amigo Francis Adams Van der Kemp no ano de 1809:

É pouco notável que você nunca tenha ouvido o caráter literário de minha consorte. Existiram poucas senhoras no mundo com um gosto tão correto e elegante. Uma coleção de suas cartas dos quarenta e cinco anos em que ficamos casados valeria dez vezes mais do que de Madame Sevigné, embora não seja tão perfeitamente mensurada em sílabas e letras: e poderia, ou pelo menos deveria corar Lady Mary Wortly Montague e todos os seus admiradores¹¹⁹ (ADAMS, 1963, p. xxxii).

Van der Kemp iniciou alguns contatos para efetuar essa publicação, mas ela nunca foi a frente. Apenas ao final do mandato presidencial em 1829 de John Quincy Adams, filho de John Adams, que veremos um esforço maior para a publicação das cartas familiares. Esse trabalho foi efetuado pelo neto de John Adams, o historiador Charles Francis Adams, publicando no ano de 1840 a obra *Letters of Mrs Adams, the wife of John Adams*. Essa obra teve diversas republicações, porém não foi o único trabalho de memória organizado por Charles Francis. Entre os anos de 1850 e 1856 foi publicado em 10 volumes a obra *John Adams works*, reunindo não apenas cartas familiares, mas também vasta biografia, bem como o diário de John Adams que continha os esboços iniciais de uma autobiografia. Essa coleção de memórias foi sendo republicada até 1876 (BUTTERFIELD, 1963, p. xxxiii-xxxv).

¹¹⁹ *It is a little remarkable that you never heard the Litterary Character of my Consort. There have been few Ladies in the World of a more correct or elegant Taste. A Collection of her Letters for the forty five Years that We have been married would be worth TEN times more than Madame Sevigné, though not so perfectly measured in Syllables and Letters: and would or a[t] least ought to put to the Blush Lady Mary Wortly Montague and all her Admirers* (ADAMS, 1963, p. xxxii).

Atualmente toda a publicação editada por Butterfield, bem como outras obras relacionadas não apenas a John Adams, mas a seu filho e neto, se encontram registradas no site da *Massachusetts Historical Society* (<https://www.masshist.org/>), numa seção dedicada denominada de *Adams papers digital edition* (<https://www.masshist.org/publications/adams-papers/>).

O recorte que delimitamos para nossas abordagens das cartas de Adams se restringe ao período em que ele ficou ausente de sua família e cidade enquanto serviu, pela primeira vez, como representante de Massachusetts no Congresso Continental da Filadélfia: esse período vai de 28 de agosto de 1774 até 13 de fevereiro de 1778, quando ele embarcou para França para servir como diplomata juntamente com Benjamin Franklin. Ao longo desses três anos e meio como representante, Adams retornou poucas vezes a Massachusetts. Esse afastamento o incomodava, mesmo ele sabendo dos deveres que tinha a cumprir, como descreve para Abigail em uma carta de 11 de agosto de 1777: “Eu estou condenado a este lugar, um miserável exílio de tudo o que é prazeroso para mim. Deus queira que meu banimento não deva durar muito”¹²⁰ (ADAMS, 1963, p. 303).

Além do recorte temporal, nosso *corpus* de análise das epístolas de Adams se concentra nas enviadas a Abigail. Eles possuíam uma relação muito próxima, debatendo inclusive os assuntos políticos e jurídicos. Abigail possuía boa instrução, e Adams valorizava essa relação muito mais do que apenas algo conjugal, pois ela também atuava como uma conselheira, como Adams transparece nesse trecho em que compara a relação dos dois com a de Cícero e Ático:

Se eu pudesse escrever livremente eu deixaria tudo em aberto para você, todo o sistema da política e da guerra, e delinearía tão minuciosamente todos os personagens em qualquer drama, embora eu não possa fazer isso tão elegantemente quanto Cícero fez em suas cartas para Ático¹²¹ (ADAMS, 1963, p. 192).

Esse trecho nos mostra o quanto Adams tinha as cartas de Cícero em mente até mesmo enquanto produzia suas próprias missivas. Em uma passagem já citada ele faz referência ao estilo de escrita de epístolas de Cícero; neste trecho ele evidencia o quanto desejaria que sua escrita para a esposa fosse como a de Cícero para Ático – e não a de Cícero para

¹²⁰ *I am condemned to this Place a miserable Exile from every Thing that is agreeable to me. God will my Banishment shall not last long* (ADAMS, 1963, p. 303).

¹²¹ *If I could write freely I would lay open to you, the whole system of Politicks and War, and would delineate all the Characters in Either Drama, as minutely, altho I could not do it, so elegantly, as Tully did in his Letters to Atticus* (ADAMS, 1963, p. 192).

Terência, sua esposa. Além de demonstrar sua preocupação com a composição da escrita ser semelhante, ele também transporia a relação que o romano tinha com seu amigo para a sua relação com sua esposa, abrindo a perspectiva de debater com ela as questões políticas que o incomodavam.

O ponto principal de nossa análise, além de evidenciar as possibilidades da recepção epistolográfica de Cícero por Adams, é demonstrar que Adams buscou construir em suas cartas durante o Congresso Continental na Filadélfia um *éthos* de exilado, ou pelo menos apartado de sua condição habitual de vivência, à maneira da escrita ciceroniana epistolar exílica, uma vez que o americano buscou enfatizar sua condição, equiparando-a à do romano e adaptando seu discurso epistolar tal qual. Assim precisamos nos aprofundar nas relações epistolares diretas entre nossos dois objetos de análise.

3.4 – John Adams e o estilo ciceroniano de escrita epistolar.

Acadêmicos do século XVIII enxergavam as cartas de Cícero com grande apreço devido a seus valores retóricos e estilísticos. Tradutores como William Guthrie e Conyers Middleton, ambos reconhecidos em sua época por seus trabalhos, entendiam que as cartas do romano eram escritas de uma forma semelhante à conversação, com pureza e simplicidade. Essa forma de tratar as cartas de Cícero corresponde a um impulso, comum do século XVIII, de buscar em algumas teorias de expressão encontrar uma *linguagem natural* (FARRELL, 1995, p. 137-138).

Jay Fliegelman (1993, p. 59) argumenta que na cultura de comunicação do século XVIII valorizar-se-ia uma *liberdade conversacional*, sendo ela rapidamente alocada dentro dos ideais revolucionários, transparecendo nas escritas das cartas e também influenciando a maneira como a política deveria ser percebida e praticada, voltada para os discursos e as ações. Através das cartas escritas durante o Congresso Continental ao estilo ciceroniano, John Adams encontrará um facilitador para sua prática política, bem como utilizará suas próprias cartas como um intermédio para seu julgamento político (FARRELL, 1995, p. 138).

Ao ser nomeado para o Congresso Continental, Adams necessitava encontrar um suporte comum aos seus colegas revolucionários que funcionasse como base para a sua ausência de experiência política; assim, Cícero mais uma vez é trazido à tona pelo americano. Como já demonstramos em nosso trabalho, Adams enxergava em Cícero uma fonte de

inspiração para diversos momentos de sua vida, além de traçar paralelos entre os eventos que ocorriam nas colônias americanas e o período tumultuado do final da República Romana. Como também já apontamos, Adams tinha profundo conhecimento acerca da obra do orador romano, e suas cartas não passaram despercebidas. Ele teve acesso a elas tanto em latim quanto traduzidas, assim como a diversos outros textos; dessa forma, seria consciente a sua busca por imitar o estilo epistolar ciceroniano (FARRELL, 1995, p. 140-141).

James Farrell nos mostra como Adams fazia uso de recursos estilísticos muito semelhantes aos de Cícero em suas cartas. Aponta semelhanças em misturar negócios públicos com elementos de sua vida privada, e ambos escreviam de forma coloquial, exclamatória, metafórica, interrogatória e frequentemente elíptica. Outro elemento que Farrell aponta como semelhanças de estilo é o desenvolvimento dramático do relato que ambos fazem, principalmente na reconstrução de diálogos, e ele os exemplifica (FARRELL, 1995, p. 141):

Nós tivemos ontem um curioso diálogo ao jantar, entre nosso juiz Trowbridge e Hutchinson.

T. disse ter visto uma carta, da Inglaterra, na qual teria sido dito que a conduta do Chefe de Justiça era altamente aprovada, e a de outros juízes altamente reprovada no tribunal da cidade. – T. adicionou, Eu não sei se eles imputaram tudo para mim ou não. – Sim, disse H. mas foi tudo devido a você. Você colocou o irmão Ropes, Cushing e eu na necessidade de recusar a concessão real e aceitar o salário da província¹²² (ADAMS, 1963, p. 111).

Adams mantém essa forma de escrita em diálogos por diversos parágrafos, como forma de aumentar o efeito dramático da história que contava a sua esposa. Farrell (1995, p. 142) aponta que Cícero utiliza do mesmo recurso ao enviar uma carta a Ático relatando um encontro com Clódio no Senado Romano:

Nosso jovem se levanta sobre seus pés e me acusa de ter estado em Baía – não é verdade, mas de qualquer maneira, “Bem”, eu disse, “está dizendo que eu me intrometi nos Mistérios?” “Quais negócios teria um homem de Arpino com as águas?” “Diga isso ao seu conselho,” eu repliquei; “Ele foi perspicaz o suficiente para ter certeza deles que pertenciam a um homem de Arpino” (você com certeza conhece a

¹²² *We had a curious Dialogue Yesterday, at Dinner, between our Justices Trowbridge and Hutchinson. T. said he had seen a Letter, from England, in which it was said that the Conduct of the Chief Justice was highly approved, and that of the other Judges highly disapproved, at the Court End of the Town.—T. added, I dont know whether they impute it all to me or not.—Aye, says H. but it was all owing to you. You laid Brother Ropes, Cushing and me, under the Necessity of refusing the Royal Grant, and accepting the Province Salary* (ADAMS, 1963, p. 111).

região de Mário). “Quanto tempo”, ele gritou, “nós vamos tolerar o rei?” “Você fala sobre reis”, eu respondi, “quando Rei não tem uma palavra pra dizer sobre você?” (ele esperava ter desperdiçado o dinheiro do Rei). “Então você comprou uma casa”, ele disse. Eu retruquei, “alguém poderia pensar que ele está dizendo que eu comprei um júri”. “Eles não confiaram a você um juramento”. “Ao contrário de 25 jurados que me deram confiança e de 31 que não lhe deram nada – eles receberam seu dinheiro antecipadamente!” O rugir dos aplausos foram demais para ele, que colapsou em silêncio¹²³ (*Cic. ad Att. I. 16*).

Farrell prossegue com os exemplos para evidenciar como as composições epistolares de Adams visam se aproximar das que Cícero escreveu, como na forma de produzir um estilo que se aproxime da conversação em pessoa, como ele compara nos próximos exemplos:

Nosso juiz Hutchinson está eternamente dando suas dicas políticas. Em uma causa, nesta manhã, alguém nomeou Capitão Mackay como um juiz. Eu disse “um homem honesto!” – “Sim” disse Hutchinson, “ele é honesto, apenas enganado”, piscando e sorrindo. – No jantar, hoje, alguém mencionou as determinações na Câmara dos Lordes (a Corte se encontra na Casa de Encontro¹²⁴) – “Eu soube de muitas más determinações na Câmara dos Lordes essa tarde”, diz ele, lançando um ataque sobre o clero. – Ele está perpetuamente lançando-se sobre os jejuns, e ironicamente falando sobre chegar em casa para o jejum. Um cavalheiro disse-me que o ouviu dizer frequentemente que jejuar era uma blasfêmia. – “Por que eles não pagam pelo chá? Recusam-se a pagar pelo chá! E vão jejuar e rezar por orientações! Perfeita blasfêmia!”.

Isto é moderação, candura, imparcialidade, prudência, paciência, abstenção e condescendência da nossa justiça¹²⁵ (ADAMS, 1963, p. 128).

Adams mais uma vez se esforça para simular um estilo de conversa. toda a construção do diálogo com suas liberdades gramáticas, seu senso de ironia, tudo contribui para que se

¹²³ *Our little Beauty gets on his feet and accuses me of having been at Baiae – not true, but anyhow, “Well,” I reply, “is that like saying I intruded on the Mysteries?” “What business has an Arpinum man with the waters?” “Tell that to your counsel,” I retorted; “He was keen enough to get certain of them that belonged to an Arpinum man” (you know Marius’ place of course). “How long,” cried he, “are we going to put up with the king?” “You talk about kings,” I answered, “when Rex didn’t have a word to say about you?” (he had hoped to have the squandering of Rex’s money). “So you’ve bought a house,” said he. I rejoined, “one might think he was saying that I had bought a jury.” “They didn’t credit you on oath.” “On the contrary 25 jurymen gave me credit and 31 gave you none – they got their money in advance!” The roars of applause were too much for him and he collapsed into silence. (*Cic. ad Att. I. 16*)*

¹²⁴ Casa de orações Quaker.

¹²⁵ *Our Justice Hutchinson is eternally giving his Political Hints. In a Cause, this Morning, Somebody named Captn. Mackay as a Referee. I said “an honest Man!”—“Yes” says Hutchinson, “he’s an honest Man, only misled.—He he he,” blinking, and grinning.—At Dinner, to day, Somebody mentioned Determinations in the Lords House (the Court sits in the Meeting House).—“I’ve known many very bad Determinations in the Lords House of late” says he, meaning a Fling upon the Clergy.—He is perpetually flinging about the Fasts, and ironically talking about getting Home to the Fast. A Gentleman told me, that he had heard him say frequently, that the Fast was perfect Blasphemy.—“Why dont they pay for the Tea? Refuse to pay for the Tea! and go to fasting and praying for Direction! perfect Blasphemy!” This is the Moderation, Candor, Impartiality, Prudence, Patience, Forbearance, and Condescension of our Justice (ADAMS, 1963, p. 128).*

torne o mais familiar possível. Esse estilo de conversação, bem como a ideia de presença através da carta, também aparece em Cícero (FARRELL, 1995, p. 143).

O que isso significa? O que está acontecendo? Eu estou perdido. “Nós estamos ocupando Cingulum”, diz alguém; “Nós perdemos Ancona.” “Laebienus abandonou César”. Nós estamos falando do Imperador do povo romano ou de Hannibal? Louco! Desgraçado miserável, que nunca viu nem a sombra da virtude! E ele diz que está fazendo isso tudo para “apoiar sua honra”! Como pode haver alguma “honra” onde não existe moral correta? Pode ser moralmente correto possuir um exército sem ordem do estado? Cercar cidades habitadas por seus colegas cidadãos, com o objetivo de atacar o próprio país? Estar planejando a abolição de dívidas, restauração de exilados, centenas de outros crimes. Para realeza, a primeira das coisas divinas? Que ele mantenha seu destino, e bem vindo!¹²⁶ (*Cíc. Ad. Att. VII. 11*).

Esse estilo de escrita que visa aproximar da conversação visa também encurtar a distância com o correspondente. Cícero desenvolve perguntas, respostas, exclamações, sentenças incompletas; ele aparenta estar mais preocupado em passar uma mensagem do que propriamente com o estilo que apresenta. Essa afinidade entre as cartas do político americano e as do orador romano nos indicam que Adams tinha as cartas em mente ao elaborar suas próprias missivas (FARRELL, 1995, p. 143).

A hipótese central no texto de Farrell é que o estilo epistolar ciceroniano adotado por Adams, além de funcionar como mais um demonstrativo da influência romana clássica no século XVIII, servia também como forma de julgamento político. Assim ele poderia expressar seu raciocínio político, confirmar, refutar, reafirmar quaisquer ideias que estivessem lhe ocorrendo, pois o espaço privado lhe favoreceria pa organizar melhor suas ideias:

O estilo que ele emprestou de Cícero é ideal para deliberação sobre assuntos políticos dentro da forma epistolar. É informal, característica de conversação, providencia um meio excelente para jogar com ideias políticas e chegar a julgamentos políticos. As cartas de Adams, escritas em estilo ciceroniano, se transformam nos meios de descobrir um curso de ação no caos da Revolução. As cartas são textos extremamente

¹²⁶ *What in the world does it mean? What is going on? I am quite in the dark. "We are in occupation of Cingulum," says some one; "we have lost Ancona." "Labienuis has abandoned Caesar." Are we talking of an imperator of the Roman people, or of a Hannibal? Madman! Miserable wretch, that has never seen even a shadow of virtue! And he says that he is doing all this "to support his honour"! How can there be any "honour" where there is no moral right? Can it be morally right to have an army without commission from the state? To seize cities inhabited by one's fellow citizens, as a means of attacking one's own country? To be contriving abolition of debts, restoration of exiles, hundreds of other crimes. For royalty, the first of things divine? Let him keep his fortune, and welcome! (Cic. Ad. Att. VII. 11).*

práticos, a própria manifestação da política de Adams¹²⁷ (FARRELL, 1995, p. 144).

Sendo uma forma de escrever mais livre do que um discurso público, Adams a utilizava como maneira deliberativa sobre os diversos assuntos que debatia ao longo do Congresso. Além disso, ela funcionaria também como válvula de escape às pressões diárias de organizar a política em meio ao caos da guerra. Adams necessitava de apoio e aconselhamento constante daqueles mais próximos, e pedia isso em cartas: “Como eu encontro tempo para metade das cartas que eu escrevo eu não sei, pois, todo o meu tempo parece ser absorvido pelos negócios¹²⁸” (ADAMS, 1963, p. 331). Do mesmo modo Cícero também demonstrava o desgaste com suas obrigações políticas: “Receio que possa parecer afetuoso lhe dizer o quão ocupado eu tenho estado; mas eu estou tão distraído com os negócios que eu só encontrei tempo para esta pequena carta, e este tempo foi roubado dos mais urgentes compromissos¹²⁹” (Cic. Ad Att. 1.14).

Farrell comenta mais um exemplo em que Adams e Cícero utilizam a escrita epistolar como espaço deliberativo de questões políticas. Primeiramente vemos uma carta de Adams que se questiona sobre alguns acordos de comércio e exportação:

Mas uma questão se levanta, se a nossa Associação contra Exportações, podemos observar, pode obter seu pleno efeito sobre Inglaterra, Irlanda e Índias Ocidentais, a não ser que nós a estendamos ainda mais? Nós concordamos não exportar para Inglaterra, Irlanda e Índias Ocidentais. O Parlamento fez uma lei sob a qual nós não devemos exportar para nenhum outro lugar. Assim esse comércio é completamente interrompido. Mas o comércio de contrabando não estaria aberto? ... Em suma, não teriam nossas associações completamente se retirado se nós não as aproximarmos? Minhas próprias opiniões sobre estas grandes questões eu possivelmente lhe darei em outro momento. Mas eu preciso ter as suas¹³⁰ (ADAMS, 1979, p. 254-255).

¹²⁷ Adams letter writing assisted his political judgment. The style he borrowed from Cicero is ideal for deliberating on political issues within the epistolary form. Its informal, conversational quality provides an excellent medium for playing with political ideas and arriving at political judgments. Adams letters, written in a Ciceronian style, becomes his means of discovering a course of action in the chaos of the Revolution. The letters are exceedingly practical texts, the very manifestation of Adams politics (FARRELL, 1995, p. 144).

¹²⁸ How I find Time to write half the Letters I do, I know not, for my whole Time seems engrossed with Business (ADAMS, 1963, p. 331).

¹²⁹ I fear it may seem affectation to tell you how occupied I have been; but I am so distracted with business that I have only just found time for this short letter, and that has been stolen from the most urgent engagements (Cic. Ad Att. 1.14).

¹³⁰ But a Question arises, whether, our Association against Exportations, can be observed, so as to have its full Effect, upon Britain, Ireland, and the West Indies, unless We extend it further? We have agreed not to export to B., I. and the W. Indies. Parliament has made an Act that We Shall not export to any other Place. So that Trade is entirely stopped. But will not a Smuggling Trade be opened? In Short may not our association be wholly evaded and eluded, if we dont draw it closer? My own opinion upon these great

Adiante vemos uma carta de Cícero que explora com Ático as alternativas e consequências de ações que pode tomar contra seu inimigo Clódio:

Pois qual ação, para você, é possível ser tomada, e como? Através do Senado? Mas você mesmo me disse que Clódio pregou na porta do Senado uma cláusula em sua lei de banimento a “qualquer moção ou menção”. Como poderia Domício dizer que ele faria uma moção? E como seria com Clódio sentado em silêncio enquanto a pessoa que você menciona falasse sobre o assunto e pedisse uma moção para ser colocada na casa? E se isso tiver que ir através da Assembleia, seria possível sem uma aprovação unânime dos tribunos? E sobre a minha propriedade, e minha casa? Pode ser restaurada? Se não, eu mesmo poderia? A não ser que você veja solução nesses problemas, que tipo de esperança você me pede para me manter?¹³¹ (Cic. Ad. Att. 3.15).

Em ambas as cartas, Cícero e Adams se utilizam delas como meio para seus julgamentos políticos. As interrogativas, os argumentos condensados, a introdução acelerada de novos tópicos e o tom conversacional indicam preferência por um estilo deliberativo, apontamos Farrell (1995, p. 147).

Um ponto da argumentação que Farrell desenvolve sobre a imitação do estilo ciceroniano por Adams é que a missiva privada liberaria o fundador americano do “fardo do *éthos*. Adams assim, no privado de suas correspondências, está livre para apresentar um caráter com todas as fragilidades e inconsistências humanas”¹³² (1995, p. 144-145). Tendemos a discordar deste ponto, pois mesmo a carta particular não se tornaria livre de uma apresentação de *éthos*, como se ali se transparecesse com exatidão a personalidade de Adams. Temos que nos atentar a essa perspectiva, pois devido ao seu amplo conhecimento retórico, torna-se inconsistente analisar suas epístolas privadas sob um preconceito de que elas sejam mais transparentes, tendo em vista que Adams pensou na preservação de suas cartas:

Você deve manter essas cartas acima de tudo para você, e falar sobre elas com grande precaução e cuidado. Eu devo aconselhá-la a colocá-

Questions I may possibly give you sometime or other. But I wish to have yours (ADAMS, 1979, p. 254-255).

¹³¹ *For what action do you see possible to be taken, or in what way? Through the senate? But you yourself told me that Clodius had fixed upon the doorpost of the senate-house a certain clause in the law, "that it might neither be put to the house nor mentioned". How could Domitius, therefore, say that he would bring it before the house? How came it about also that Clodius held his tongue, when those you mention in your letter both spoke on the subject and demanded that a motion should be brought in? But if you go to the people—can it be carried except with the unanimous approval of the tribunes? What about my property? What about my house? Will it be possible to have it restored? Or, if that cannot, how can I be? Unless you see these difficulties on the way to be solved, what is the hope to which you invite me?* (Cic. Ad. Att. 3.15).

¹³² *The private epistle imposes no burden of ethos. Adams, in the confidence of his private correspondence, is free to present a character with all its human frailties and inconsistencies* (FARRELL, 1995, p. 144-145).

las em um lugar seguro e preservá-las. Elas podem exibir para nossa posteridade um certo exemplo das maneiras, opiniões e princípios destes tempos de perplexidade, perigo e angústia¹³³ (ADAMS, 1963, p. 121).

A busca pela manutenção dessas cartas e o valor que depositava sobre as epístolas de homens como Cícero nos indica que Adams entendia que, através delas, ele poderia controlar algum legado de sua participação na Revolução, para além, evidentemente, dos eventos registrado em documentos ou outras fontes. Adams queria deixar o registro sob seu ponto de vista dos eventos que ele participou, tendo em vista que considerava as cartas de Cícero como grandes registros históricos daquele momento. Mais uma vez tendo o orador romano no horizonte para suas perspectivas, Adams ansiava para que suas cartas um dia também fosse tratadas da mesma maneira (FARRELL, 1995, p. 149).

Adams buscou no estilo ciceroniano não apenas uma forma de agradar a seus contemporâneos na escrita de suas cartas, mas também como forma de expressão política, devido a seu engajamento com os eventos revolucionários, bem como munindo-o com uma ferramenta para aprimorar seu julgamento político, mantendo estilo e política em conjunto (FARRELL, 1995, p. 150). O ponto central de nossa pesquisa se dá nessa recepção do estilo ciceroniano por Adams; porém buscamos analisá-la de uma forma diferente da que fez Farrell: nosso objetivo é identificar se Adams chegou a desenvolver em suas cartas um *éthos* de exilado, da mesma forma como Cícero o fez em momento tão conturbado de sua vida política.

3.5 As cartas de John Adams para Abigail Adams durante o congresso continental da Filadélfia (1774-1778).

Antes de passarmos para as análises das cartas, é necessário estabelecermos uma diferença entre a situação dos dois objetos. Por mais que busquemos tecer uma análise sobre a construção de um *éthos* de exílio, a situação vivenciada por Adams é muito diferente daquela vivida por Cícero, por mais comparações que o americano vise traçar com o seu paradigma romano. Adams foi escolhido como representante pela colônia de Massachusetts para deliberar no Congresso Continental da Filadélfia, ou seja, foi

¹³³ *You must keep these Letters chiefly to yourself, and communicate them with great Caution and Reserve. I should advise you to put them up safe, and preserve them. They may exhibit to our Posterity a kind of Picture of the Manners, Opinions, and Principles of these Times of Perplexity, Danger and Distress* (ADAMS, 1963, p. 121).

escolhido como um servidor público a sua comunidade, apesar de contar com pouca experiência no âmbito da política colonial, pois havia feito parte da Câmara dos Representantes de Massachusetts por menos de um ano (WALDSTREICHER, 2013, p. 79-80).

A situação de Cícero é muito mais complexa. Trata-se de uma série de desentendimentos e disputas políticas que o orador tinha com Clódio e outros membros da elite romana, principalmente após o seu consulado e a desarticulação da revolta de Catilina. Cícero é acusado por alguns de ter condenado à morte os envolvidos na revolta sem submetê-los a um processo jurídico ou ter lhes dado a chance de recorrer ao exílio. Esta querela deve ser entendida no contexto da disputa entre *populares* e *optimates*. No ano de 59 a.C., Clódio foi eleito para tribuno da plebe¹³⁴, e no ano seguinte lançou duas leis que visavam diretamente afetar Cícero. Uma delas buscava garantir o apoio do consulado de 58 a.C., destinando ricas terras a suas posses, e a outra, denominada *lex Clodia de capite ciuis Romani*, estabelecia o exílio e o confisco de bens de qualquer oficial público que tivesse condenado alguém à morte sem os devidos trâmites legais. Mesmo sem a citação direta a Cícero, essa lei o afetava profundamente, de forma que, dias depois, sem conseguir o apoio de membros da elite, é recomendado a Cícero que parta em exílio, em um período que duraria de março de 58 a.C até agosto de 57 a.C (EVERITT, 2003, p. 142; COSTA, 2013, p. 18; OLIVEIRA, 2019, p. 44).

Como podemos notar, a situação de Cícero se faz muito mais penosa, política e socialmente, do que a de Adams. Já estando Cícero em exílio, Clódio condena-o nominalmente, além de confiscar seus bens, e o proíbe de receber água e fogo (*aquae et ignis interdictio*) visando afetar apoio e até mesmo ser recebido por outros romanos: todo esse pacote de sanções contra Cícero ficou denominado como *Lex Clodia de exilio Ciceroni* (OLIVEIRA, 2019, p. 44; COSTA, 2013, 18-19).

O exílio (*exsilium*) na República Romana representava uma alternativa a uma pena mais severa, como a execução, e tinha como uma característica fundamental ser voluntário (OLIVEIRA, 2019, p. 54; KELLY, 2006, p. 2). Devido a esse caráter, e com o objetivo

¹³⁴ Os tribunos da plebe eram oficiais eleitos anualmente para defender os interesses do povo. Essa magistratura foi criada em 493 a.C. em decorrência da revolta do povo (*plebs*) contra os aristocratas (patrícios). Na época de Cícero eram em número de dez e podiam propor leis e convocar reuniões do Senado (COSTA, 2013, p. 17).

de manter a *concordia*¹³⁵, ou seja, evitar que a República recaísse em algum tipo de caos interno, Adams poderia enxergar alguma semelhança nas situações vivenciadas por Cícero, já que ambos teriam deixado voluntariamente suas posições anteriores para buscarem o melhor interesse da República, assim existindo a possibilidade de desenvolvimento do *éthos* exílico.

A concepção de *éthos* como definida por Aristóteles na *Retórica* (1355a-1356b) seria a capacidade do orador construir uma determinada imagem de si, com o propósito de garantir o convencimento de sua audiência, e formaria juntamente com o *pathos* e o *logos* os elementos centrais da retórica. Ao trazermos para o nível do discurso, que é o nosso objetivo, o enunciador deve legitimar o seu dizer, em seu discurso. Ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber, como propõem Maingueneau e Charaudeau (2014, p. 220). Portanto, independentemente da condição de Adams estar ou não, de fato, em um exílio, nada o impediria de construir a sua imagem discursivamente dessa forma, e tampouco poderíamos caracterizar seu discurso como falso, por estar inserido em um contexto no qual as ferramentas retóricas possuíam um impacto perante seus pares: a utilização dessas estruturas agregava objetivos e complexidade a sua escrita. Adams entendia a complexidade do momento em que vivia e das decisões sobre o que deliberavam, assim como entendia que suas cartas serviriam como registro histórico daquele momento, bem como o julgamento das personagens envolvidas. Portanto, tinha preocupação com a forma como seria enxergado pelas gerações futuras.

A partir do trabalho de Alessandro Oliveira (2019) pudemos compreender melhor como se deu a construção desse *éthos* exílico de Cícero. Como o político romano estava proibido de frequentar o espaço da cidade de Roma, logo não poderia exercitar plenamente seus direitos enquanto romano, buscando através de suas cartas manter, mesmo que à distância, seu vínculo com a sociedade romana. Servindo-se de diferentes artifícios retóricos, Cícero ataca opositores, criando imagens pejorativas. Ao se apropriar dessa condição de exilado, seu objetivo era gerar determinados efeitos nos seus leitores para que, dessa forma, pudesse controlar melhor os efeitos *pathetici* sobre a sua condição, mantendo, assim, a sua representação enquanto cidadão (OLIVEIRA, 2019, p. 140-141).

¹³⁵ A ideia de uma harmonização das ordens sociais constituía-se em um ideal que visaria a manutenção da estabilidade social e política da sociedade romana, a busca de um bem comum (OLIVEIRA, 2019, p. 60; OLIVEIRA, 2014, p. 47).

Cícero busca manter-se alinhado à aristocracia romana. Exalta suas qualidades, como na justificativa sobre a não escolha do suicídio, já que entendia que Roma precisaria de todos aqueles que fossem hábeis no serviço público e na manutenção do Senado e da República. Ao mesmo tempo em que se defendia, atacava aqueles que o levaram a tal situação. A busca por manter-se informado da situação política em Roma, bem como informar sobre as percepções que tinha acerca da situação em que se encontravam, marcam a escrita ciceroniana durante seu exílio (OLIVEIRA, 2019, p. 142). É através dessas condições que Cícero buscou controlar a forma como seria representado durante seu exílio. Pretendemos investigar se Adams se utilizou de ferramentas semelhantes para a construção e valorização de um *éthos* como exilado ou não, elevando a sua participação bem como a do processo revolucionário.

Na primeira carta de Adams que trazemos à nossa atenção, enviada no dia 28 de agosto de 1774, ele se encontra em Nova Jersey a caminho da Filadélfia. Notamos nesta epístola um tom reflexivo sobre as expectativas que ele deposita acerca do Congresso, bem como um caráter de que o que eles estão fazendo denota um serviço ao bem público, uma espécie de sacrifício pela República:

Deus Todo-Poderoso nos garanta sabedoria e virtude suficiente para a alta confiança que é depositada sobre nós. O **Espírito do Povo** onde quer que tenhamos ido parecia bem favorável. A maioria deles consideram nossa Causa como as deles mesmos, e expressam a mais firme vontade em respeitar as determinações do Congresso. [...]

Nossas despesas, nesta jornada, serão grandes – nossa única recompensa será a reflexão consoladora de que nós trabalhamos, dispendemos nosso tempo e ousamos perigos pelo **bem público** – bem felizes de fato, se nós fizermos algum bem!¹³⁶ (ADAMS, 1963, p. 144-145, grifos nossos).

Destacamos essas duas expressões para enfatizar a importância que ele depositava sobre a causa, demonstrando que a população os apoiava, sendo essa uma das bases para o desenvolvimento de um governo republicano. Além de demonstrar essa importância,

¹³⁶ *God Almighty grant us Wisdom and Virtue sufficient for the high Trust that is devolved upon Us. The Spirit of the People wherever we have been seems to be very favourable. They universally consider our Cause as their own, and express the firmest Resolution, to abide the Determination of the Congress. [...]*

Our Expences, in this Journey, will be very great—our only Reward will be the consolatory Reflection that We toil, spend our Time, and tempt Dangers for the public Good—happy indeed, if we do any good! (ADAMS, 1963, p. 144-145).

Adams não deixa de marcar os receios que tem sobre a situação que eles passariam a viver devido aos tormentos da guerra e da sua própria ausência de casa:

Eu estou ansioso por nossa desorientada e aflita província – espero que eles sejam direcionados para o caminho correto. Deixe-me aconselhá-la, minha querida, a se fazer o mais calma e quieta possível. Resignação à vontade dos céus é nosso único recurso em tempos tão perigosos. Prudência e precaução devem ser nossos guias. Eu tenho a mais forte das esperanças de que nós veremos céus mais limpos e tempos melhores¹³⁷ (ADAMS, 1963, p. 145).

Nesta primeira carta podemos identificar um certo pensamento positivo sobre a situação em que se encontra, mas sempre tendo um olhar para a situação que deixa para trás, bem como uma preocupação pela distância em que se encontra da família e da comunidade. A preocupação com os filhos é algo que também marcou suas cartas nesse contexto: “A educação de nossos filhos nunca sai da minha cabeça”¹³⁸ (ADAMS, 1963, p. 145), diz ele em outro momento da carta.

Já em uma epístola estando na Filadélfia, escrita no dia 29 de setembro de 1774, Adams começa a demonstrar suas insatisfações e preocupações pela distância:

Minha Querida

Sentar-me para escrever a você é uma cena quase muito sensível para o meu estado de nervos. Traz à minha atenção a ansiedade, o estado de aflição em que você deve estar em meio às confusões e perigos que a cercam. Eu desejo retornar e ministrar-lhe toda a consolação em meu poder, mas quando eu terei terminado todo os afazeres que eu tenho aqui, eu não sei dizer, e se for necessário ficar aqui até o Natal, ou mais, para alcançar nossos propósitos, eu estou determinado a pacientemente esperar¹³⁹ (ADAMS, 1963, p. 163).

Aqui já percebemos um aumento de suas preocupações sobre a situação de sua família, mas ainda percebemos o sentido de sacrifício pela causa. Adams começa a construir esse *éthos* de um exilado de sua família e propriedade, que se afastou para se sacrificar pelo

¹³⁷ *I am anxious for our perplexed, distressed Province—hope they will be directed into the right Path. Let me intreat you, my Dear, to make yourself as easy and quiet as possible. Resignation to the Will of Heaven is our only Resource in such dangerous Times. Prudence and Caution should be our Guides. I have the strongest Hopes, that We shall yet see a clearer Sky, and better Times* (ADAMS, 1963, p. 145).

¹³⁸ *The Education of our Children is never out of my Mind* (ADAMS, 1963, p. 145).

¹³⁹ *My Dear, Sitting down to write to you, is a Scene almost too tender for my State of Nerves. It calls up to my View the anxious, distress'd State you must be in, amidst the Confusions and Dangers, which surround you. I long to return, and administer all the Consolation in my Power, but when I shall have accomplished all the Business I have to do here, I know not, and if it should be necessary to stay here till Christmas, or longer, in order to effect our Purposes, I am determined patiently to wait* (ADAMS, 1963, p. 163).

bem comum. As reclamações sobre a distância e a situação em que se encontra são comuns às cartas de Cícero:

Vivo extremamente infeliz, sendo oprimido por uma enorme aflição (*Cic. Ad Att. 3. 5*)

Eu vos escrevo cartas com menos frequência do que posso, porque, já que todos os meus momentos são tristes, desfaço-me em lágrimas quando vos escrevo ou leio as vossas cartas, de modo que não consigo redigir (*Cic. Ad fam. 14.4*)¹⁴⁰.

Devido ao inverno, o Congresso Continental foi suspenso no início de novembro de 1774 e retornou no início de março de 1775. Nesse período, Adams teve a possibilidade de voltar para casa; dessa forma as cartas entre ele e Abigail só retornaram no ano de 1775, e ele permaneceu no Congresso até o final de 1777 (MCCULLOUGH, 2001, p. 86-87).

Mesmo possuindo alguns saltos temporais nas escolhas de nossas cartas para análise, Adams manteve-se em contato constante tanto com sua esposa, quanto com outros familiares e amigos. Em carta enviada no dia 26 de setembro de 1775, Adams deixa evidente a percepção que tem sobre sua situação ao participar do Congresso Continental: “Que meus melhores desejos e mais ferventes orações cheguem a nossa pequena família. Eu estive banido deles na maior parte dos últimos dezoito meses, mas eu espero estar mais com eles no tempo que virá¹⁴¹” (ADAMS, 1963, p. 286). O interessante desta missiva é o reforço que ele faz da situação de estar separado de sua família, indicando como se fosse algo que ele estivesse sofrendo, enquanto na verdade sua participação no Congresso é voluntária devido aos cargos serem eletivos. É curioso que, ao compararmos com Cícero, há uma demonstração diferente de interação, já que Cícero em nenhum momento disse abertamente que foi exilado por medida de lei, mas sim que deixou Roma por vontade própria para impedir maiores complicações políticas.

Um ponto que podemos destacar de semelhança na construção de exilado que Adams faz de si é quando aborda a dificuldade que tem para escrever e enviar cartas para a esposa; ele se queixa e se justifica constantemente sobre isso em cartas enviadas em 12 de novembro e 3 de dezembro de 1775:

¹⁴⁰ Trad. COSTA, 2013.

¹⁴¹ *My best Wishes and most fervent Prayers attend our little Family. I have been banished from them, the greatest Part of the last Eighteen Months but I hope to be with them more, in Time to come* (ADAMS, 1963, p. 286).

Eu constantemente temo que você pensará com severidade que eu não escrevo com mais frequência a você. Mas é realmente impossível. Pudesse eu seguir as inclinações de meu coração, eu despenderia metade do meu tempo nesta mais do que agradável e prazerosa atividade: mas os negócios me pressionam tanto que eu preciso mortificar a mim mesmo¹⁴² (ADAMS, 1963, p. 325).

Eu gostaria de poder escrever a você todos os dias, mais de uma vez, pois ainda que eu tenha um número de amigos e muitos relacionamentos que me são muito queridos, toda a amizade que eu tenho por outros é de longe desigual daquela que aquece meu coração por você. O tempo mais agradável que eu passo aqui é escrevendo para você, e conversando com você quando estou sozinho¹⁴³ (ADAMS, 1963, p. 331).

Um dos grandes elementos na composição desse *éthos* de exilado que Adams desenvolve, que teria semelhança com a situação ciceroniana, se dá na reiterada tópica de estar distante daqueles que ele mais admira e preza, tendo apenas as cartas para se fazer presente, e de que essa distância não se dá por sua vontade. Mesmo que tenham se separado de maneira voluntária, a motivação real está em terceiros: Cícero culpa Clódio, enquanto Adams a justifica pelas obrigações das causas da Revolução. Observamos como Cícero também aborda essa necessidade de manter contanto constante.

Escrevi estas coisas para que me consoles (o que tens feito) ao invés de me julgar digno de castigo ou de censura. E não te escrevo muitas coisas, pois sou impedido pela tristeza e porque tenho mais a esperar daí do que eu mesmo a escrever. Se eu receber novas notícias, informarte-ei a minha decisão. Gostaria que, como fizeste até agora, me escrevesse o mais possível sobre os fatos, para que eu não ignore absolutamente nada (Cic. *Ad Att.* 3.10).

Creio que, pela inconstância das minhas cartas, vê a agitação da minha mente e que, embora eu esteja aflito por uma tragédia singular e inaudita, estou menos abalado pela adversidade do que pela lembrança do meu erro (Cic. *Ad Att.* 3.8).

O profundo conhecimento que Adams tinha da retórica ciceroniana nos indica também a importância que o americano demonstra sobre a influência do *pathos* em suas cartas (OLIVEIRA, 2019, p. 133). Ao retratar as agruras que passa, ele busca causar uma

¹⁴² *I am often afraid you will think it hard that I dont write oftener to you. But it is really impossible. Could I follow the Inclinations of my Heart I should spend half my Time, in this most agreeable and pleasing Employment: But Business presses me so close that I am necessitated to mortify my self* (ADAMS, 1963, p. 325).

¹⁴³ *I wish I could write you every day, more than once, for although I have a Number of Friends, and many Relations who are very dear to me, yet all the Friendship I have for others is far unequal to that which warms my Heart for you. The most agreeable Time that I spend here is in writing to you, and conversing with you when I am alone* (ADAMS, 1963, p. 331).

sensação de benevolência por parte do leitor, bem como lembrar-lhe dos sacrifícios que a causa demanda, exemplificado nesta carta de 22 de maio de 1776:

É uma reflexão cruel, que corriqueiramente me ocorre, de ter que estar tão longe separado daqueles bebês, cuja educação e bem-estar são caros a meu coração. Mas infortúnios maiores que esses não devem nos distrair dos deveres superiores.

Seus sentimentos dos deveres que devemos ao nosso país, são tais como das melhores mulheres e dos melhores homens. Entre todos os desapontamentos e perplexidades os quais tem recaído sobre meu quinhão de vida, nada tem contribuído mais para o apoio a minha mente do que a escolha de uma esposa abençoada, cuja capacidade a permitiu compreender, cuja virtude pura garantiu sua aprovação das visões de seu marido. Isto tem sido a alegre consolação de meu coração, nas minhas mais solitárias, tenebrosas e desconsoladoras horas. Nesta remota situação, eu estou privado em grande medida deste conforto. Ainda assim eu leio e releio as suas encantadoras cartas, e elas me servem, de débil maneira, como uma substituta da companhia e conversa da autora¹⁴⁴ (ADAMS, 1963, p. 412-413).

Interessante perceber como ele constrói uma caracterização de si ao valorizar a importância que Abigail tem para ele; assim, mais uma vez, Adams reforça os laços que tem com sua família e com o próprio conforto e necessidade de estar em sua propriedade com eles, intensificando para o leitor o aumento do sacrifício que o mesmo emprega ao estar longe de casa por *deveres superiores*. Da mesma forma Cícero exprime em suas cartas a importância de Ático para sua pessoa, bem como a importância da ajuda que o *amicus* presta à situação em que o Arpinate se encontra:

Se o destino algum dia me tornar participante de vós e da pátria, farei com que tu, o melhor dos amigos, te alegres por meus benefícios e afeições, as quais antes foram pouco claras (logo, deve ser confessado), e buscarei que me julgues restituído igualmente a ti, ao meu irmão e aos meus filhos. Se cometi algum erro para contigo e, de preferência, porque errei, perdoa; pois para comigo mesmo errei mais gravemente. Não digo isto porque ignore que foste afetado com a máxima dor por causa da minha queda, mas, sem dúvida, se quanto me amas e amaste

¹⁴⁴ *It is a cruel Reflection, which very often comes across me, that I should be seperated so far, from those Babes, whose Education And Welfare lies so near my Heart. But greater Misfortunes than these, must not divert Us from Superiour Duties.*

Your Sentiments of the Duties We owe to our Country, are such as become the best of Women, and the best of Men. Among all the Disappointments, and Perplexities, which have fallen to my share in Life, nothing has contributed so much to support my Mind, as the choice Blessing of a Wife, whose Capacity enabled her to comprehend, and whose pure Virtue obliged her to approve the Views of her Husband. This has been the cheering Consolation of my Heart, in my most solitary, gloomy and disconsolate Hours. In this remote Situation, I am deprived in a great Measure of this Comfort. Yet I read, and read again your charming Letters, and they serve me, in some faint degree as a substitute for the Company and Conversation of the Writer (ADAMS, 1963, p. 412-413).

tanto devesse amar e tivesses devido, nunca terias me deixado ter falta da prudência que tinhas em abundância nem terias me deixado ser convencido de que me era útil fazer ser aprovada a lei dos colégios. Mas verteste tantas lágrimas pela minha dor como eu mesmo, pois era próprio do teu amor. Ainda que pudesse ter sido feito, em atenção a mim, segundo o que por dias e noites cogitasses que deveria ser feito a meu respeito, isso, não por crime teu, mas meu, foi desprezado por ti. Pois, se tu ou outrem existisse que, assustado com uma resposta menos generosa de Pompeu, me afastasse de uma decisão tão infame (pois só tu pudeste agir muito bem), estaria sepultado com honra ou viveria hoje como vencedor. Tu me perdoarás isto, pois acuso muito mais a mim mesmo; em seguida, busco-te como outro eu e, ao mesmo tempo, um cúmplice da minha culpa. Se sou restituído, também parecerei ter delinquido menos e, por certo, já que nada há em mim, me amarás por causa do teu favor, dele mesmo (Cic. *Ad Att.* 3.15).

Por todo o tempo em que passou dedicado às questões pertinentes ao Congresso Continental, Adams se sentia dividido, entendendo que deveria estar com sua família, principalmente numa região de intensas atividades militares e navais. Mas também compreendia a necessidade do cargo público que executava, e por todo o tempo que serviu ao Congresso carregou a ideia de que estava *banido* de sua normalidade, deixando isto claro ao usar o termo *banishment* em carta de 25 de outubro de 1777:

Eu estou esgotado com a vida que tenho levado, e distante das alegrias de minha família. Deus proverá que eu deva aproveitá-la em paz. Paz é meu querido deleite. Guerra não tem encanto para mim. – Se eu continuar vivendo em banimento eu dificilmente poderei reconhecer minhas próprias crianças¹⁴⁵ (ADAMS, 1963, p. 360).

A situação vivenciada por Adams se mostra distinta daquela vivida por Cícero, porém isso não eliminaria a possibilidade de recepção de elementos epistolográficos pelo americano para transpor em suas próprias cartas construções que o identificassem com uma situação de exílio, ou pelo menos desejasse a construção deste *éthos* sobre a sua pessoa, já que entendia a importância dos registros históricos que fazia e a preocupação com seu legado. Adams possuía uma preocupação sobre a forma com que escrevia, segundo ele mesmo disse em carta para Abigail, alertando-a de que “a juventude é o tempo de aprender artes e ciências, e especialmente corrigir a escuta e a imaginação ao

¹⁴⁵ *I am wearied with the Life I lead, and long for the Joys of my Family. God grant I may enjoy it, in Peace. Peace is my dear Delight. War has no Charms for me.—If I live much longer in Banishment I shall scarcely know my own Children* (ADAMS, 1963, p. 360).

formar um estilo. [...] A capacidade de escrita é alcançável apenas pela arte, prática e hábito”¹⁴⁶ (ADAMS, 1963, p. 40).

Em outras passagens ele se utiliza desse *pathos* que quer comover o leitor ao destacar como ele, Adams, está se sacrificando pelo bem público, como sofre as agruras pela distância em que se encontra. Observamos essas colocações em uma carta de 8 de julho de 1777:

O próximo mês completa três anos em que estou devotado à Servidão da Liberdade. Uma escravidão tem sido para mim, não importa o que mundo possa pensar. Para um homem, cujos compromissos com sua família sejam fortes como o meu, a solitária ausência de tal esposa e tais crianças seria um grande sacrifício. Mas, além dessa separação, o que eu não teria feito? O que eu não teria sofrido? O que eu não teria arriscado? – Estas são questões que eu faço a você, mas eu não faria a mais ninguém. Deixe que os sinos da popularidade tilintem. Deixe que as borboletas da fama brilhem com suas asas. Não invejarei nem sua música nem suas cores.

Os suaves sentimentos sociais de meu coração, os quais me angustiaram além de toda expressão, em minhas mais ocupadas e ativas cenas, assim como nas numerosas horas de melancolia solitária, são conhecidos apenas por Deus e minha própria alma¹⁴⁷ (ADAMS, 1963, p. 277).

Mesmo tendo tido algumas oportunidades de retornar à casa após o início dos Congressos Continentais, Adams manteve a postura de mostrar como essa ausência da família e dos filhos se fazia demasiadamente sofrível. Além de registrar os desenvolvimentos do Congresso, a postura com que Adams transmite suas impressões da dureza dos trabalhos políticos do congresso, bem como do seu desgaste, parece uma forma de demonstrar que o trabalho da Independência não ocorreu apenas no campo de batalha, mas que ele, como tantos outros, tiveram suas batalhas particulares a lutar, incrementando para os possíveis futuros leitores, a importância do trabalho retórico e oratório desenvolvido pelos representantes durante o processo revolucionário. Esse desejo por evidenciar uma

¹⁴⁶ *Early Youth is the Time, to learn the Arts and Sciences, and especially to correct the Ear, and the Imagination, by forming a Style. [...] The Faculty of Writing is attainable, by Art, Practice, and Habit only* (ADAMS, 1963, p. 40).

¹⁴⁷ *Next Month compleats Three Years, that I have been devoted to the Servitude of Liberty. A slavery it has been to me, whatever the World may think of it. To a Man, whose Attachments to his Family, are as strong as mine, Absence alone from such a Wife and such Children, would be a great sacrifice. But in Addition to this Seperation, what have I not done? What have I not suffered? What have I not hazarded?—These are Questions that I may ask you, but I will ask such Questions of none else. Let the Cymballs of Popularity tinkle still. Let the Butterflies of Fame glitter with their Wings. I shall envy neither their Musick nor their Colours.*

The tender social Feelings of my Heart, which have distressed me beyond all Utterance, in my most busy, active scaenes, as well as in the numerous Hours of melancholly solitude, are known only to God and my own soul (ADAMS, 1963, p. 277).

grandiosidade dos trabalhos revolucionários, tanto dos políticos quanto dos soldados, é demonstrado em uma carta de 20 de agosto de 1777, mostrando também como sempre que a Antiguidade clássica esteve em perspectiva nas suas visões acerca de sua época:

Minha melhor amiga

Este dia completa três anos desde que eu subi na carruagem as portas do Sr. Cushing em Boston, partindo para Filadélfia em busca de aventuras. – E aventuras eu encontrei. Eu sinto, algumas vezes, uma propensão para escrever uma história dos últimos três anos em imitação de Tucídides. Existe uma assustadora lembrança, em diversos detalhes, entre as guerras do Peloponeso e Americana¹⁴⁸ (ADAMS, 1963, p. 320-321).

A noção histórica de Adams, influenciada pelas obras clássicas gregas e latinas, o leva a entender a dimensão dos eventos em que está inserido, compreendendo que o registro daqueles momentos se faz necessário por diversos recursos. O controle de seu *éthos* se configura como um elemento central de seu próprio desenvolvimento político, sabendo que os registros é que ficariam para a posteridade, pautando a memória daqueles atores, tendo Cícero como seu paradigma para essas determinadas ações, marcando sua trajetória através de sua retórica e discursividade.

¹⁴⁸ *My best Friend*

This Day compleats three Years since I stepped into the Coach, at Mr. Cushings Door, in Boston, to go to Philadelphia in Quest of Adventures.—And Adventures I have found. I feel an Inclination sometimes, to write the History of the last Three Years, in Imitation of Thucidides. There is a striking Resemblance, in several Particulars, between the Peloponnesian and the American War (ADAMS, 1963, p. 320-321).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo analisar a construção de um *éthos* de exílio na produção epistolar de John Adams, que teria se baseado no estilo epistolar ciceroniano. Para buscarmos demonstrar nossas proposições, tivemos que nos aprofundar na influência clássica romana e grega em contexto colonial americano ao longo do século XVIII, bem como nas estruturas retóricas e epistolares antigas que ainda permaneciam influentes em determinada época.

A presença de elementos da retórica clássica antiga, tanto grega quanto romana, se fez muito presente ainda durante o século XVIII nas colônias inglesas na América. Indivíduos como John Adams, dentre outros dos *pais fundadores*, estavam imersos em um contexto intelectual no qual a cultura política de sua época ainda era organizada por concepções com forte influência clássica. Demonstramos em distintos pontos, em diferentes momentos e situações da vida de Adams, como ele buscou ter em Cícero um paradigma; distintos pontos de recepção podem ser identificados na obra do americano ao longo do fim do século XVIII.

O campo de análise historiográfica tende a se ampliar se passarmos a ter em vista a aplicabilidade dessas concepções retóricas clássicas, como *éthos*, *pathos* e *logos* de acordo com as formulações aristotélicas retomadas ao longo dos séculos, levando-nos a uma percepção mais aprofundada das estruturas discursivas e estilísticas que influenciaram o pensamento político daquele contexto. As proposições de LaCapra (2013), Schoeck (2017) e Berbert Júnior (2017) acerca da retomada de observação da retórica para outros contextos foi um elemento central nas motivações de nosso trabalho.

Tendo em vista essas perspectivas acerca da retórica, as propostas de Martindale (1993; 2006; 2013) para o entendimento das dinâmicas de recepção foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. A complexidade com que se estrutura a centralidade discursiva para a historiografia nos encaminhou ao longo da escrita deste trabalho para melhor compreender, com o auxílio das propostas dos estudos da recepção, a tensão desenvolvida entre o que denominamos de espaço de experiência *versus* horizontes de expectativa (KOSELLECK, 2006). Tendo o foco na construção da discursividade, as análises despendidas sobre a produção da epistolografia de Adams sob a influência da escrita ciceroniana se colocam no centro desse campo de tensão. O próprio ponto de recepção se configura sob essa perspectiva entre *experiência vs. expectativa*, assim como

a utilização de concepções retóricas apenas tende a trazer o olhar do historiador para a importância do domínio desses conhecimentos na abordagem sobre o século XVIII.

A complexidade do contexto revolucionário é formadora dessa cultura política republicana presente nos Estados Unidos ao final do século XVIII e início do XIX. Esta cultura buscava caminhar com pernas próprias, mas fundando-se em valores e representações que pudessem ser comuns aos seus participantes. Dessa forma, não podemos apontar uma hierarquização neste processo que deixasse claro qual é a influência definitiva, mas compreender, como apontou Serge Bernstein (1998, p. 352), que todas elas levaram a essa formação. Os elementos de recepção da Antiguidade clássica romana e helênica são tão formadores, portanto, quanto o pensamento radical republicano inglês ou o Iluminismo.

Adams é apenas um dos vetores sobre o qual nos debruçamos para analisar estes laços entre dois contextos distintos, porém ligados através da produção discursiva, seja pelo trabalho judiciário, político ou epistolar. Desta maneira, e através destas ferramentas, tecemos mais um elemento na perspectiva dessa historicidade acerca da Revolução Americana, bem como dos estudos acerca da permanência de elementos clássicos da Antiguidade em outros períodos de produção, mais especificamente na produção epistolográfica.

John Adams em diversas oportunidades buscou conectar elementos de sua realidade com o que de melhor considerava do estilo ciceroniano, trazendo este estilo inclusive para o espaço privado de suas cartas, pelas as quais discorria sobre a complexidade dos momentos em que vivia. Dessa forma, Adams decidiu se colocar em pé de semelhança com o romano para as futuras gerações. Ao promover a construção de um *éthos* exílico, passando por elementos de inspiração ciceroniana, Adams visava estabelecer a mesma importância que o romano possuiu em sua época para a sua figura, com a expectativa de que as gerações futuras também lhe prestassem as devidas reverências, fosse nos tratados jurídicos, políticos ou, por que não, epistolográficos.

Diferentemente de Cícero, que nunca se colocara abertamente como exilado, Adams se considerava como um e assim expunha isso em suas missivas. A busca constante por informações, bem como os relatos que dava a sua esposa, são estruturas que foram apresentadas também por Cícero em suas cartas durante período tão turbulento. Talvez o elemento mais semelhante entre ambos para a construção de sua imagem de exilados é o

apelo constante para o *pathos* do leitor. Ao demonstrarem as agruras, o sofrimento, as perdas que ambos possuem por estarem em exílio, a comoção do leitor deveria ser captada, mostrando a nós o exímio domínio retórico de ambos, pois o objetivo principal de ambos ao evidenciarem esse sofrimento é demonstrar como seu sacrifício pela manutenção da república seria válido no final. A busca por esse *éthos* tem como objetivo derradeiro marcar que tanto Cícero quanto Adams são oradores que se preocupam com o bem último de suas comunidades, a busca pela estabilidade que apenas a manutenção da República seria capaz de fornecer, e o trabalho dos dois seria crucial para essa sustentação. Assim eles evidenciariam para a posteridade seus posicionamentos como mantenedores dessa estrutura política.

Dessa maneira não é ingênuo pensar na preocupação acerca da construção retórica que Adams tanto priorizou. Tampouco deveríamos desconsiderar tais construções discursivas como falsas, afinal, o trabalho do historiador não passa por validar ou não um determinado discurso. O que nos importa é a análise sobre o referido documento, colocando-o em contrapartida a elementos teóricos que confirmem ou refutem nossas propostas iniciais, bem como o suporte de outros historiadores que escreveram previamente sobre o assunto, podendo assim diminuir incertezas acerca do nosso conhecimento histórico.

Trabalhar com correspondências tanto de caráter público como privado abre diversas possibilidades de análise, mas também devemos tomar determinadas precauções. Não devemos confiar que apenas por uma correspondência ser de caráter privado ela teria uma maior fidelidade a personalidade de seu autor, como se por ali transparecesse todas as suas emoções ou pensamentos. Adams se preocupava com a escrita de suas cartas, mesmo aparentando um estilo livre e informal, e isso estava de acordo com as suas ideias acerca do estilo epistolográfico que empregou. O embasamento em Cícero acompanha essa escolha, tornando suas cartas também objetos literários aos leitores que poderiam identificar as estruturas as quais ele referenciava, bem como um registro dos eventos históricos vivenciados por ele. Os campos de estudo sobre o processo revolucionário americano, tanto quanto a figura mesma de John Adams, somente tendem a se ampliar se voltarmos nossos olhares às diferentes perspectivas que os estudos da recepção podem nos oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAIR, Douglas; SHUTZ, John A. *The Spur of Fame: Dialogues of John Adams and Benjamin Rush - 1805-1813*. Liberty Fund: Indianapolis, 2000.

ADAMS, John. In. BUTTERFIELD, Lyman. H. ed. *Adams Family Correspondence*. Vol. 1-4. Harvard University: Cambridge, 1963.

ADAMS, John. In.: BUTTERFIELD, L.H., ed. *The Earliest Diary of John Adams*. Harvard University: Cambridge, 1966.

ADAMS, John. In.: BUTTERFIELD, Lyman H., ed. *Diary and Autobiography of John Adams*. Vol. 1-4. Harvard University: Cambridge, 1961.

ADAMS, John. *The defence of the Constitutions of Government of the United States of America*. Hall and Sellers: Philadelphia, 1787.

APPLEBY, Joyce O. *Liberalism and Republicanism in the historical imagination*. Harvard University: Cambridge, 1992.

APPLEBY, Joyce. *Inheriting the Revolution*. Harvard University: Cambridge, 2000.

ARISTÓTELES. *Política* (Tradução Roberto Leal Ferreira). Martins Fontes: São Paulo, 2006.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manoel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Casa da Moeda: Lisboa, 2005.

BAILYN, B. *The ideological origins of the American Revolution*. Harvard University Press: Cambridge-Mass, 1992.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. Hucitec: São Paulo, 1979.

BAKOIANNI, A. What is so ‘classical’ about Classical Reception? Theories, Methodologies and Future Prospects. *Codex – Revista de Estudos Clássicos, Rio de Janeiro*, v. 4, n. 1, 2016, pp. 96-113.

BANNET, Eve Tavor. *Empire of Letters: Letter Manuals and transatlantic correspondence, 1688-1820*. Cambridge University: New York, 2005.

- BARBOSA, Lydia Marina Fonseca Dias. *As Catilinárias: tradução e estudo retórico*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BARTHES, Roland. O discurso da história. In: *O rumor da língua*. Martins Fontes: São Paulo, 2004.
- BARTON, David; HALL, Nigel. *Letter Writing as a social practice*. John Benjamins North America: Philadelphia, 2000.
- BAZERMAN, Charles. Letters and the Social Grounding of Differentiated Genres. In: BARTON, David; HALL, Nigel. *Letter Writing as a social practice*. John Benjamins North America: Philadelphia, 2000, p. 15-20.
- BERBERT JÚNIOR, Carlos O. *A história, a retórica e a crise dos paradigmas*. 2. ed. – Editora da Imprensa Universitária: Goiânia, 2017.
- BERKIN, Carol. Leonard, Daniel (1740-1829), lawyer, Loyalist, and chief justice of Bermuda. *American National Bibliography*, 1999. Disponível em <<https://www.anb.org/search?q=Daniel+Leonard&searchBtn=Search&isQuickSearch=true>> Acesso em: 26 jul. de 2019.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, J.P.; SIRINELLI, J.F. (Dir.). *Para uma História cultural*. Editorial Estampa: Lisboa, 1998, p. 349-363.
- BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et alii (org). *Cultura política, memória e historiografia*. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2009, p. 29-46.
- BERSTEIN, Serge. L'historien et la culture politique. *Vingtième Siècle, Revue d'Histoire*, n. 35, juil/sept. 1992.
- BORGES, Marlene Lessa Vergílio. *O Pro Milone de Cícero: tradução e estudo da invenção*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BOTEIN, Stephen. Cicero as Role Model for Early American Lawyers: A Case Study in Classical "Influence". *The Classical Journal*, Vol. 73, No. 4 (Apr. - May, 1978), pp. 313-321.

- BRANDÃO, Helena H. N. Conceitos e fundamentos: Enunciação e construção do Sentido (p. 19-44). In. FIGARO, Roseli (org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. 1ª ed. Contexto: São Paulo, 2013.
- BRANDÃO, Helena H. N.; *Introdução à análise do discurso*. 2ª Ed. rev. Editora da Unicamp: Campinas, 2004.
- BUTTERFIELD, Lyman H., ed. *The Adams Family Correspondence*. Vol. 1-12. Harvard University: Cambridge, 1963.
- BUTTERFIELD, Lyman H., ed. *Diary and Autobiography of John Adams*. Vol. 1-4. Harvard University: Cambridge, 1961.
- BUTTERFIELD, Lyman H., ed. *The Earliest Diary of John Adams*. Harvard University Press: Cambridge, Mass., 1966.
- CAMICIOTTI, Gabriella Del Lungo. Letters and Letter Writing in Early Modern Culture: An Introduction. *Journal of Early Modern Studies*, n. 3, pg. 17-35, (2014).
- CAPPON, L. J. *The Adams-Jefferson Letters: The Complete Correspondence between Thomas Jefferson and Abigail and John Adams*. University of North Carolina Press, 1987.
- CASQUERO, Manuel Antonio Marcos. Epistolografia Romana. *Helmántica*, Salamanca, v.103-105, p. 377-406, 1983.
- CASTILLO, Carmen. La epístola como género literario: de la Antigüedad a la Edad Media Latina. *Estudios Clásicos*, v.18, n. 73, 427-442, 1974.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu. 3. Ed. Contexto: São Paulo, 2014.
- CÍCERO, *De Republica*. Tradução de Juvino Alves Maia Junior. Ideia: João Pessoa, 2016.
- CÍCERO. *Dos Deveres* (tradução de Angélica Chiappetta). Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- COMMAGER, Henry Steele. The American Enlightenment and the Ancient World: A Study in Paradox. *Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, Third Series, Vol. 83 (1971), pp. 3-15.

COSTA, Lúcia Militz da. *Ficção e História na perspectiva estruturalista de R. Barthes*. Letras, Santa Maria, v. 6, p. 27-31, 1993.

COSTA, Marco Antonio da. *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*. 2013. 141p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DABDAB TRABULSI, José. A. *L'Antique et le Contemporain*. 1. ed. Besançon: PUFC, 2009.

DABDAB TRABULSI, José. A. *Le Present dans le Passé*. 1. ed. Besançon: PUFC, 2011.

DEMÉTRIO. *Sobre o estilo*. Tradução de Gustavo Araújo de Freitas. In: FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado)*. 2011. 177 p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Signature Event Context*. Tradução do inglês por Samuel Weber e Jeffrey Mehlman. *Glyph I, 1977*. In. DERRIDA, Jacques. Limited Inc. Illinois: Northwestern University Press, 1988.

DIERKS, Konstantin. The Familiar Letter and Social Refinement in America, 1750–1800. In. BARTON, David; HALL, Nigel. *Letter Writing as a social practice*. John Benjamins North America: Philadelphia, 2000, p. 31-42.

DILWORTH, W. H. *The Complete Letter-Writer: Containing Familiar Letters on the Most Common Occasions in Life*, 2nd edn. John West Folson: Boston, 1790.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Tratado da imitação*. Tradução, introdução e notas por Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa: INIC/Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1986. [? p.]

DOMINIK, William J. As origens e o desenvolvimento da retórica romana. In: AMARANTE, José; LAGES, Luciene (Orgs.). *Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo*. UFBA: Salvador, p. 95-109, 2012.

DOMINIK, William J.; HALL, Jon. *A companion to roman rhetoric*. Blackwell Publishing: Oxford, 2007.

DONNELLY, Francis P. *Cicero's Milo: a rhetorical commentary*. Bruce Publishing: New York, 1935.

EBBELER, Jennifer Valerie. Pedants in the apparel of heroes? *Culture of Latin letter-writing from Cicero to Ennodius*. 2001. 244 p. Dissertation (degree of doctor) – Faculties of the University of Pennsylvania, Pennsylvania, 2001.

EVERITT, Anthony. *Cicero: The Life and Times of Rome's Greatest Politician*: Random House, 2003.

FARREL, James M. "Syren Tully" and the Young John Adams. *The Classical Journal*, Vol. 87, No. 4 (Apr. - May, 1992), pp. 373-390.

FARREL, James M. New England's Cicero: John Adams and the Rhetoric of conspiracy. *Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, Third Series, Vol. 104 (1992), pp. 55-72.

FARRELL, James M. *John Adams's Autobiography: The Ciceronian Paradigm and the Quest for Fame*. *The New England Quarterly*, Vol. 62, No. 4 (Dec., 1989), pp. 505-528.

FARRELL, James T. "Above all Greek, above all Roman fame": Classical Rhetoric in America during the Colonial and Early National Periods. *International Journal of the Classical Tradition*, Vol. 18, No. 3 (SEPTEMBER), p. 415-436, 2011.

FARRELL, James. Letters and Political Judgment: John Adams and Cicero's Style. *Studies in Eighteenth-Century Culture*, Volume 24, pp. 137-153, 1995.

FARRELL, James. Pro Militibus Oratio: John Adams's imitation of Cicero in the Boston Massacre Trial. *The International Society for the History of Rhetoric Rhetorica*, Volume IX, n. 3 (Summer), 1991, p. 233-249).

FERLING, John. *A leap in the dark: The struggle to create the American Republic*. Oxford University: New York, 2003.

FERLING, John. *Adams vs Jefferson: The tumultuous election of 1800*. Oxford University: New York, 2004.

FLIEGELMAN, Jay. *Declaring Independence: Jefferson, natural language & the culture of performance*. Stanford University: Stanford, 1993.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Loyola: São Paulo, 1999.

FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado)*. 2011. 177 p. Dissertação

(mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

GADAMER, Hans Georg. Historia de efectos y aplicación. In: WARNING, Rauner (Ed). *Estética de La recepción*. Visor Dis. S: Madrid, 1989.

GIESEN, Kátia Regina. O Epidítico como recurso para a representação dos contemporâneos na epistolografia de Plínio, o Jovem. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

GOETZL, Johanna. Variatio in the Plinian Epistle. *The Classical Journal*, v. 47, n. 7, p. 265-268 e 299, 1952.

GREENE, Jack P. Society, Ideology, and Politics: An Analysis of the Political Culture of Mid-Eighteenth-Century Virginia. In JELLISON, Richard M. ed., *Society, Freedom and Conscience: The American Revolution in Virginia, Massachusetts, and New York* (New York, 1976), p. 54-55.

HABERMAS, Jürgen. *The Structural Transformation of the Public Sphere: an Inquiry into a Category of Bourgeois Society*. Trad. Thomas Burger. MIT Press: Cambridge, 1989.

HANSEN, João A. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.20, n.33, jul/dez. 2013.

HARDWICK, Lorna; STRAY, C.; *A companion to classical receptions*. Blackwell, Reino Unido, 2008.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. (Org.) José Otávio Guimarães. Tradução de Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. UnB: Brasília, 2003.

HEWITT, Elizabeth. *Correspondence and American Literature, 1770–1865*. Cambridge University: New York, 2004.

HOWE, Daniel Walker. Classical Education in America. *The Wilson Quarterly* (1976-), Vol. 35, No. 2 (SPRING 2011), pp. 31-36.

JAUSS, Hans R. *A História da Literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. Editora Ática: São Paulo, 1994.

JAUSS, Hans. R.; (1970). *Toward an aesthetic of reception*. Trad. Do alemão por Timothy Bahti. University of Minnesota Press: Minneapolis, 1982.

KALLENBORG, Craig. W.; *A companion to the classical tradition*. Blackwell Publishings, Reino Unido, 2007.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3ª ed. Contexto: São Paulo, 2014.

KELLY, Gordon P. *A history of exile in the Roman Republic*. Cambridge University: Cambridge, 2006.

KOHLRAUSCH, Regina. Apresentação – Literatura Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 148-155, janeiro-junho 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Contraponto: Ed. PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2006.

KRISTELLER, Paul O. *Renaissance Thought and Its Sources*. Columbia University: New York, 1979.

LACAPRA, Dominick. Retórica e História. Trad. Eduardo Ferraz Felipe. In: *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 1, jan. -Jun., 2013.

LATIMER, John F. The Classical Tradition in America. *The Classical World*, Vol. 58, No. 5 (Jan.), p. 129-132, 1965.

LEACH, Robert. *Political Ideology in Britain*. Macmillan: London, 2015.

LITTO, Frederic M. Addison's Cato in the Colonies. *William & Mary Quarterly*, 3d Ser., p. 29 (1972).

LOPES DA COSTA, Lorena. *Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a História*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2018. v. 1.

MACKENDRICK, Paul. "This Rich Source of Delight": The Classics and the Founding Fathers. *The Classical Journal*, Vol. 72, No. 2 (Dec., 1976 - Jan., 1977), pp. 97-106.

MAHONEY, John L. The Classical Tradition on eighteenth century English rhetorical education. *History of Education Journal*, Vol. 9, No. 4 (Summer), pp. 93-97, 1958.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. Contexto: São Paulo, 2014.

MALHERBE, Abraham. *Ancient Epistolary Theorists*. Scholars: Atlanta, 1988.

MARTINDALE, Charles. Reception - a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical. *Classical Receptions Journal Vol 5. Iss. 2 (2013) p. 169–183*.

MARTINDALE, Charles. *Reedeming the text: Latin poetry and the hermeneutics of Reception*. Cambridge University: Cambridge, 1993.

MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F.; *Classics and the uses of reception*. Blackwell: Reino Unido, 2006.

MATOS, Marly de Bari. *Cartas de Cícero: o exílio, o retorno e a adesão ao triunvirato*. 1999. 216p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MAY, James M. *Brill's companion to Cicero : oratory and rhetoric*. Koninklijke Brill: Leiden, 2002.

MCCULLOUGH, David. *John Adams*. New York: Simon & Schuster, 2001.

MILES, Edwin A. The Young American Nation and the Classical World. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 35, No. 2 (Apr. - Jun., 1974), pp. 259-274.

MIROFF, Bruce. John Adams' Classical Conception of the Executive. *Presidential Studies Quarterly*, Vol. 17, No. 2, Bicentennial Issue: The Origins and Invention of the American Presidency (SPRING 1987), p. 365-382.

MIROFF, Bruce. John Adams: Merit, Fame, and Political Leadership. *The Journal of Politics*, Vol. 48, No. 1 (Feb., 1986), p. 116-132

MITCHEL, Thomas N. Roman Republicanism: The Underrated Legacy. *Proceedings of the American Philosophical Society*, Vol. 145, No. 2 (Jun., 2001), pp. 127-137.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (ed). *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*. Oxford University: New York, 2007.

MORSE, John T. *John Quincy Adams*. The Riverside Press: Cambridge, 1948.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____ (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo de Horizonte, MG: Argymentvm, 2009.

MUHANA, Adma F. O gênero epistolar: diálogo *per absentiam*. *Discurso*. Revista de filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. n. 31. p. 329-345, 2000.

MULLET, Charles F. Classical Influences on the American Revolution. *The Classical Journal*, Vol. 35, No. 2 (Nov., 1939), pp. 92-104.

MURRIN, John M. et al. *Liberty, Equality and Power: A history of the American people*. Vol. 1: To 1877. Compact Fifth Edition. Thomson Wadsworth: Boston, 2008.

NESPÓLI, José Henrique Songollano. Cultura política, História Política e Historiografia. *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 1, p. 361-376, mar. 2015.

OLIVEIRA, Alessandro Carvalho da Silva. *QVID ENIM SVM?* O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana. 2019. 195p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

OLIVEIRA, Francisco de. Concórdia e Paz no Tratado da República de Cícero. In: PEREIRA, Belmiro Fernandes; DESERTO, Jorge. *Symbolom III – Paz e Concórdia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.

PAYNTER, John E. The Rhetorical Design of John Adams's "Defence of the Constitutions of... America". *The Review of Politics*, Vol. 58, No. 3 (Summer, 1996), pp. 531-560.

PEARSALL, Sarah M. S. *Atlantic Families: Lives, Letters in the latter Eighteenth Century*. Oxford University: New York, 2008.

- PEEK JR, George. A. *Escritos políticos de John Adams: Seleções representativas*. Trad. Leonidas Gontijo Carvalho. Ibrasa: São Paulo, 1964.
- PERKINS, Bradford. *The Cambridge History of American foreign relations: The creation of a Republican empire, 1776-1865*. Vol. 1. Cambridge University Press: New York, 1993.
- PIERNAVIEJA, Pablo. Epistolografia Latina. *Estudios Clásicos*, Madrid, v. 22, n. 81-82, p. 361-374, 1978.
- PLATÃO. *As Leis* (Tradução de Edson Bini). Edipro: São Paulo, 1999.
- PLATÃO. *Diálogos* (Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa). Nova Cultura: São Paulo, 1991.
- POCOCK, John G. A. *The Machiavellian moment: Florentine political thought and the Atlantic republic tradition*. Princeton University Press: New Jersey, 1975.
- POLÍBIO. *Histories*. Evelyn S. Shuckburgh. Translator. London, New York: Macmillan. 1889. Reprint: Bloomington 1962.
- QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*. Transl. H. E. Butler. Harvard University: Cambridge, 1996.
- REINHOLD, Meyer. *Classica Americana: The Greek and Roman heritage in the United States*. Wayne State University Press: Detroit, 1984.
- REINHOLD, Meyer. The influence of Cicero on John Adams. *Ciceroniana on line*, v. 8, 2015.
- REMOND, René. *História dos Estados Unidos*. Trad.: Álvaro Cabral. Martins Fontes: São Paulo, 1989.
- REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Carlos Piovezani Filho, Nilton Milanez e Maria do Rosário Gregolin. Claraluz: São Carlos, 2005.
- RICHARD, Carl J. *Greeks & Romans Bearing Gifts: How the Ancients Inspired the Founding Fathers*. Rowan & Littlefield Publishers: Lanham, Maryland, 2008.
- RICHARD, Carl J. *The Golden Age of the Classics in America: Greece, Rome and the antebellum United States*. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, 2009.

RICHARD, Carl. J. *The Founders and the classics: Greece, Rome and the american enlightenment*. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, 1995.

RICHARDSON, Samuel. *Familiar Letters on the most important occasions*. C. Rivington; J. Osborn and J. Leake: Londres, 1741.

ROBATHAN, Dorothy M. John Adams and the Classics. *The New England Quarterly*, Vol. 19, No. 1 (Mar., 1946), pp. 91-99.

ROSANVALLON, Pierre; Por uma História Conceitual do Político. *Revista Brasileira de História*, n. 3, v. 15, 1995, p. 09-18.

ROSENMEYER, Patricia A. *Ancient Epistolary Fictions: The Letter in Greek Literature*. Cambridge University: Cambridge, 2001.

RYERSON, Richard A. "Like a Hare before the Hunters": John Adams and the Idea of Republican Monarchy. *Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, Third Series, Vol. 107 (1995), p. 16-29.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz das Ad Familiares I, 9, 23*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHOECK, Richard J. Intertextualidade e o cânone retórico. *Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios – UFJF – JUIZ DE FORA - V.5 N.1 – p. 3-15, 2017*.

SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944)*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007. 222p.

SKINNER, Quentin. *Liberty before Liberalism*. Cambridge University Press: Cambridge, 1998.

TAYLOR, Robert J. *Papers of John Adams*. vol. 3. Harvard University: Cambridge, 1979.

THOMPSON, C. Bradley. *Revolutionary Writings of John Adams*. Liberty Fund: Indianapollis, 2000.

TRAPP, Michael (ed.). *Greek and Latin letters: an anthology with translation*. Cambridge University: New York, 2003.

VARGAS, Anderson Z. *Charles Martindale: a recepção da antiguidade e os estudos clássicos*. Original cedido pelo autor, 21 p., 2019.

VOGT, Débora R. Estética da Recepção: possibilidades de leitura e compreensão dos clássicos. In: *ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*, 10., 2010. Santa Maria-Rio Grande do Sul. *Anais...* UFSM: Santa Maria, 2010. p. 1-15.

WALZER, Arthur E. Origins of British enlightenment rhetoric. In. MACDONALD, Michael J. *The Oxford Handbook o Rhetorical Studies*. Oxford Univeristy Press: New York. p. 523-534, 2017.

WELTER, Rush. The Adams-Jefferson Correspondence, 1812-1826. *American Quarterly*, Vol. 2, No. 3 (Autumn, 1950), pp. 234-250.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca. Edusp: São Paulo, 1994.

WOOD, Gordon S. *Revolutionary Characters: what made the founders different*. The Penguin Press: New York, 2006.

WOOD, Gordon S. *The creation of the American Republic 1776-1787*. W. W. Norton Company: New York, 1993.

WOOD, Gordon S. *The idea of America: Reflections on the birth of United States*. The Penguin Press: New York, 2011.

WROTH, L. K.; ZOBEL, H. B. *Legal Papers of John Adams*. Vol.3. Harvard University: Cambridge, 1965.